

Diário de Lisboa

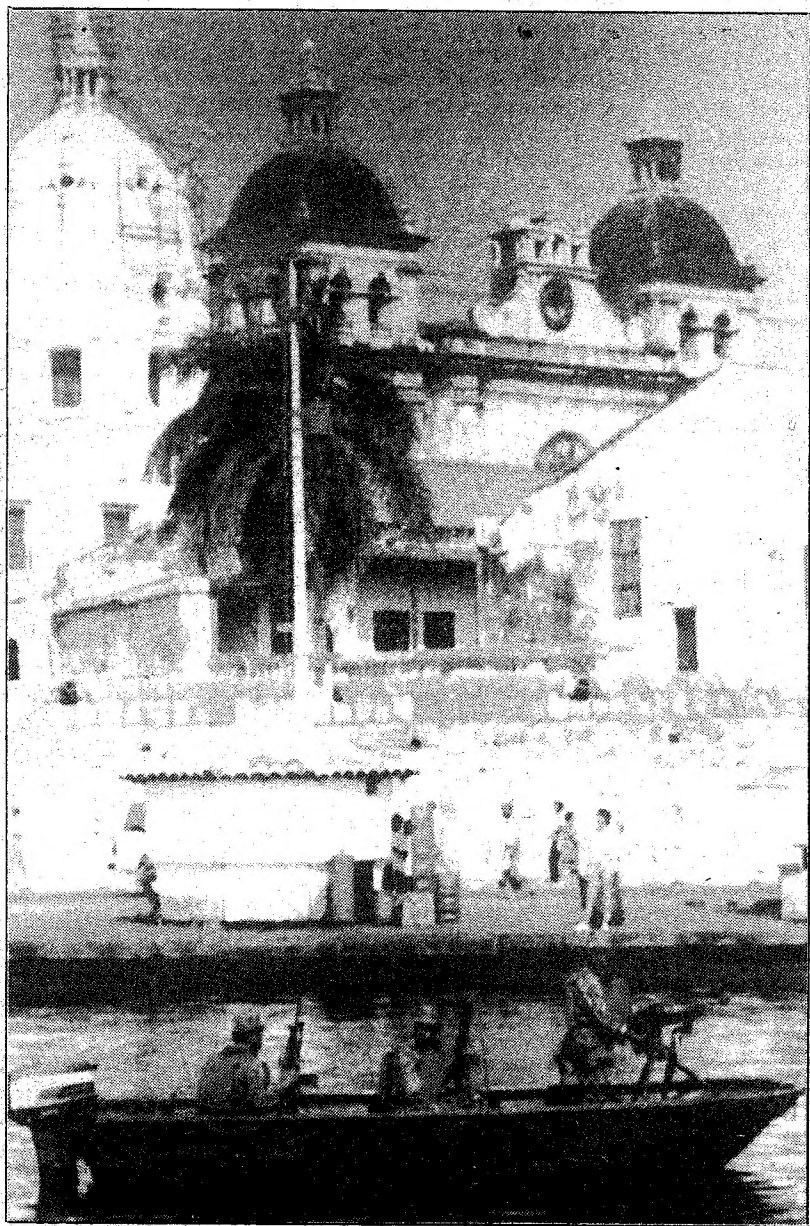
FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23181

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

QUINTA-FEIRA 15 FEVEREIRO 90 60\$00

Bush: o dedo no gatilho contra a mafia da droga

500 traficantes estrangeiros nas cadeias portuguesas



O Presidente Bush está na Colômbia para desencadear uma grande ofensiva internacional contra a mafia da droga, que pode vir a assumir o carácter de luta militar. Cartagena, local onde se reúne com os seus colegas da Colômbia, do Perú e da Bolívia, é hoje a cidade mais vigiada do Mundo. O exército e a policia colombianas estão mobilizadas em estado de alerta e centenas de agentes americanos estão destacados para proteger George Bush, ameaçado de morte pelo cartel de Medellin (na foto uma patrulha naval em frente ao palácio onde decorre esta cimeira americana). Não está esquecido que a guerra suja desencadeada pelos narcotraficantes já provocou, desde 1985, cerca de oito mil assassinatos políticos, que atingiram em especial militantes de esquerda, juizes, jornalistas e policia.

Bush conseguiu que o Congresso aumentasse a verba para o combate ao tráfico da droga que o Presidente considerou «a mais grave ameaça interna que a América enfrenta hoje em dia». Bush e alguns sectores do Congresso estão de acordo em que a luta só terá êxito se usar meios militares. Um estudo parlamentar revela que tal acção implicaria um gasto equivalente a seis por cento do Orçamento de Defesa dos Estados Unidos.

Na «Grande Angular» que dedicamos a este assunto revelamos como se processa o tráfico de passagem em Portugal, de que se transformou numa escala fundamental de quase todas as rotas da droga, o que explica que haja nas cadeias portuguesas cerca de 500 traficantes estrangeiros, 391 dos quais já condenados.

Em sondagem especialmente encomendada à Euroteste, revela-se que os portugueses são bastante severos em relação ao consumo de drogas, pois qualificam de vício desde o consumo das mais duras até ao simples tranquilizante ou à simples inclinação pela bebida alcoólica.

Págs. 2, 3 e 11



A Berganza de muletas

Ontem, na Aula Magna, Teresa Berganza deu mostras de um profissionalismo inexcelável. Apesar do acidente no pé recentemente sofrido, apoiou-se sobre duas muletas e deslumbrou.

Dotada de uma apurada técnica, ela deu-nos, todavia, o espectáculo de uma grande naturalidade, no que foi acompanhada por uma Orquestra Sinfónica do Teatro de São Carlos perfeitamente à altura das circunstâncias.

Pág. 21

Autarcas de Lisboa e Almada contra Governo

Ponte sobre o Tejo: comboio ou alargamento do tabuleiro?

Na falta de um projecto pronto para avançar com o caminho de ferro, o Governo optou por dar prioridade ao alargamento do tabuleiro rodoviário da ponte sobre o Tejo.

De um lado e do outro do rio os autarcas protestam porque entendem que o alargamento não resolverá os problemas de escoamento de trânsito. Edgar Cardoso, o engenheiro responsável pelo projecto inicial da ponte, assegura ao DL que o alargamento da rodovia vai saturar ainda mais Lisboa de automóveis e que, quando as obras terminarem, a ponte já não será suficiente.

Págs. 16 e 17

Edgar Cardoso

“O alargamento do tabuleiro superior é um perfeito disparate”

Oliveira Martins

“Para já, temos de avançar com esta solução”



Doença das estufas ataca trabalhadores algarvios Pág. 19

Auto-Retrato do Provedor Ângelo de Almeida Ribeiro Pág. 4

Crónica de Francesco Alberoni Pág. 6

«Óscares»: primeira escolha Pág. 22

Hoje: Suplemento Literário

A Cimeira de Cartagena, que hoje reúne os Presidentes dos Estados Unidos, da Colômbia, da Bolívia e do Peru, assinala o princípio do combate internacional contra a droga, do produtor ao consumidor, e preludia a Assembleia Geral das Nações Unidas que, para a semana, discutirá globalmente as formas de enfrentar esta «grave ameaça para o bem-estar dos seres humanos»



Bush: combate militar

O Presidente George Bush está hoje a defender, na Cimeira de Cartagena, a utilização dos sistemas de radar dos navios norte-americanos para interceptar os traficantes de drogas. A proposta significa uma alteração qualitativa no combate ao tráfico de narcóticos por parte da Administração dos EUA, que já não confia nos métodos tradicionais e pretende recorrer a meios paramilitares.

A Conferência Internacional contra a Droga, que se realiza em Cartagena, na Colômbia, reúne, além do Presidente deste País, os dos Estados Unidos, Bolívia e Peru, e destina-se a incrementar a cooperação e a reforçar meios globais de combate à droga, em ordem a reduzir a produção, o tráfico e o consumo de substâncias ilegais.

Bush considera a cimeira como «o apogeu da primeira fase da estratégia andina anticocaína», segundo Brent Scowcroft, conselheiro da Casa Branca para assuntos de segurança, e nela será assinada uma declaração com três pontos essenciais. O primeiro terá a ver com questões económicas e iniciativas de investimento norte-america-

nas; o segundo, com o combate à droga, designadamente à procura de substâncias ilícitas nos EUA, e a adopção de medidas legais que enquadrem o transporte de produtos químicos para produção de narcóticos, o branqueamento de dinheiro, a exportação de armas e a assistência militar; o terceiro, com o aumento do auxílio económico à Colômbia, Bolívia e Peru, a fim de permitir a estes países enfrentar os desafios associados a programas antidroga desenvolvidos com êxito.

«Pela primeira vez - disse Scowcroft - será estabelecido um quadro de actuação amplo e flexível que permitirá aos nossos quatro Governos enfrentar coordenadamente o problema da droga de forma global - principais produtores, trânsito, processamento, principal País consumidor (EUA).

Os participantes na conferência comprometer-se-ão também a manter uma campanha de esclarecimento público sobre os efeitos devastadores para os seus países da produção, tráfico e consumo de drogas, e a insistir na ratificação da convenção das Nações Unidas contra o

tráfico ilícito de narcóticos e substâncias psicotrópicas, junto dos Estados signatários. Anteontem, George Bush ratificou esta convenção - é o quinto País a fazê-lo -, aprovada em Viena em Dezembro de 1988, a qual, no seu preâmbulo, reconhece a «grave ameaça» representada pelas drogas narcóticas «para a saúde e o bem-estar dos seres humanos», e os «efeitos nocivos» que exercem nos «fundamentos económicos, culturais e políticos da sociedade».

A proposta norte-americana de «militarizar» o combate à droga não é nova; quando foi apresentada pela primeira vez, suscitou reacções adversas da Colômbia e países vizinhos, que acusaram os Estados Unidos de querer lançar um «bloqueio naval» contra os seus portos.

Scowcroft declarou à imprensa que os EUA não tencionam de forma alguma impor um bloqueio naval, pretendendo apenas fornecer aos colombianos «informações mais precisas» sobre o tráfico aéreo de drogas. Todavia, a participação de Bush na cimeira de Cartagena

Sondagem Euroteste/DL

O que é um drogado?

	SEXO		IDADE			
	Masculino	Feminino	18 a 24	25 a 34	35 a 54	55 mais

EM SUA OPINIÃO, UMA PESSOA QUE ABUSA DO TABACO É OU NÃO UM DROGADO?

São Drogadas	48.9	40.4	56.1	43.2	32.1	56.2	56.0
Não são drogadas	49.4	57.9	42.3	56.8	67.9	42.8	39.0
Não Sabem/NR	1.7	1.7	1.6	—	—	1.0	5.0

EM SUA OPINIÃO, UMA PESSOA QUE ABUSA DA MARIJUANA É OU NÃO UM DROGADO?

São Drogadas	86.2	83.3	88.7	94.8	82.6	87.5	82.6
Não são drogadas	8.5	13.7	4.2	2.0	14.6	8.8	6.8
Não Sabem/NR	5.2	3.0	7.1	3.2	2.8	3.6	10.6

EM SUA OPINIÃO, UMA PESSOA QUE ABUSA DO ÁLCOOL É OU NÃO UM DROGADO?

São Drogadas	62.3	54.8	68.6	57.1	54.0	65.1	68.1
Não são drogadas	37.7	45.2	31.4	42.9	46.0	34.9	31.9
Não Sabem/NR	—	—	—	—	—	—	—

EM SUA OPINIÃO, UMA PESSOA QUE ABUSA DOS TRANQUILIZANTES É OU NÃO UM DROGADO?

São Drogadas	77.1	70.5	82.7	78.9	73.6	80.6	74.2
Não são drogadas	19.7	25.7	14.6	14.4	24.9	16.9	22.3
Não Sabem/NR	3.2	3.8	2.7	6.6	1.5	2.5	3.5

EM SUA OPINIÃO, UMA PESSOA QUE ABUSA DA HEROÍNA É OU NÃO UM DROGADO?

São Drogadas	95.8	96.5	95.3	100.0	95.7	96.4	92.6
Não são drogadas	1.4	2.7	.4	—	1.6	1.7	1.8
Não Sabem/NR	2.8	.8	4.4	—	2.7	1.9	5.6

EM SUA OPINIÃO, UMA PESSOA QUE ABUSA DA COCAÍNA É OU NÃO UM DROGADO?

São Drogadas	96.3	96.3	96.4	100.0	96.9	96.4	93.6
Não são drogadas	.6	1.3	—	—	1.5	.7	—
Não Sabem/NR	3.1	2.4	3.6	—	1.6	2.9	6.4

Ficha técnica:

Universo: indivíduos com 18 ou mais anos, residentes nas regiões da Grande Lisboa e do Grande Porto.

Metodologia: Amostragem aleatória, no que respeita aos números de telefones, com selecção do indivíduo pelo método de quotas, tendo como variáveis de controlo o sexo, idade, classe social, região e habitat. Amostra de 300 entrevistas telefónicas.

Trabalhos de campo: Recolha de informação processada, entre os dias 5 e 7, por oito entrevistadores.

Margem de erro: de mais ou menos 5,7 por cento a 95 por cento de probabilidade.

Portugal eixo de quase

Portugal é um marco estratégico no correio da coca, do haxe e da heroína. Rotas que começam no Extremo-Oriente ou na América Central e se difundem, por osmose, em canais inimagináveis

Vinha grávida, quase de termo. Nada mais natural do que viajar prevenida com tudo o que o bebé poderia precisar, até a alfofa, tão prática, para recém-nascidos.

Precisamente na alfofa, bem escondida no entrançado, viajava com ela um quilo de heroína.

Na gíria do ramo, a jovem mãe era um «correio», ou seja, alguém pago para ir buscar a droga ao país de origem ou a um entreposto e com ela passar as fronteiras, sem levantar suspeitas. Embora bem imaginado, este truque

falhou.

No essencial, a história não difere de dezenas de outras, mais ou menos folclóricas, algumas sinistras. As histórias de correios apreendidos só diferem nas quantidades e nos truques, que têm de ser cada vez mais imaginativos, à medida que vão sendo detectados. «É uma espécie de jogo do gato e do rato - disse-nos fonte da PJ - sempre um passo à nossa frente».

No mundo extremamente complexo do tráfico de estupefacientes, Portugal é importante como ponto de

A fobia das drogas

Os consumidores de cocaína são, para a esmagadora maioria dos portugueses (96,3 por cento), aqueles que melhor se encaixam na definição de drogados - revela mais uma sondagem Euroteste/DL».

Os resultados deste inquérito mostram, também, que 76,9 por cento dos portugueses defendem a proibição total do consumo de droga, sendo ainda maior a percentagem dos que advogam uma proibição total do seu tráfico (93,8 por cento).

Uma sondagem que, entre outras curiosidades, revela que 51 por cento dos inquiridos não concordam com as pessoas que defendem que o tráfico ilegal deixaria de existir se a droga passasse a regime de venda livre.

Em relação ao conceito de droga e de drogado, os resultados desta sondagem mostram que há um grande consenso sobre a classificação das pessoas que abusam da cocaína e da heroína, esmagadoramente rotuladas de drogados.

Porém, regista-se uma menor intransigência a respeito de quem consome as chamadas drogas leves, como a marijuana, ou ainda em relação ao consumo de tranquilizantes.

No fim da tabela, mas ainda bem penalizado pela maioria dos inquiridos, vem o abuso do álcool, seguindo-se-lhe o consumo de tabaco que, curiosamente, é a única droga tangencialmente despenalizada pela maioria dos inquiridos.

Os números falam por si: máxima intolerância para quem abusa da cocaína (96,3 por cento) e da heroína (95,8 por cento); forte intolerância para a marijuana (86,2 por cento) e os tranquilizantes (77,1 por cento); média intolerância para o álcool (62,3 por cento) e ... fraca tolerância para o tabaco (49,4 por cento).

No entanto, e no que concerne a este conjunto de opiniões, regista-se entre os dois sexos percentagens bastante parecidas para as drogas duras: é a marijuana, mas tal já não acontece em relação às

outras que o inquérito contemplou.

De facto, acontece que 82,7 por cento das mulheres condenam o abuso de tranquilizantes, mas apenas 70,5 por cento dos homens o fazem. O abuso do álcool é penalizado por 68,6 por cento das mulheres, contra apenas 54,8 por cento dos homens. E em relação ao abuso do tabaco, as mulheres (56,1 por cento) são também muito mais intolerantes que os homens (40,4 por cento).

Excepções significativas, contra a maré, apenas duas: 37,7 por cento dos inquiridos considera que quem abusa do álcool não é drogado e 49,4 por cento toma idêntica posição sobre o abuso do tabaco.

Por idades, vê-se que os mais críticos em relação ao consumo de cocaína e heroína são os mais jovens, entre os 18 e os 25 anos, com 100 por cento de respostas penalizadoras. Porém, 56,8 por cento destes mesmos jovens consideram que as pessoas que abusam do tabaco não são drogadas, e 42,9 por cento tomam idêntica posição em relação ao abuso do álcool.

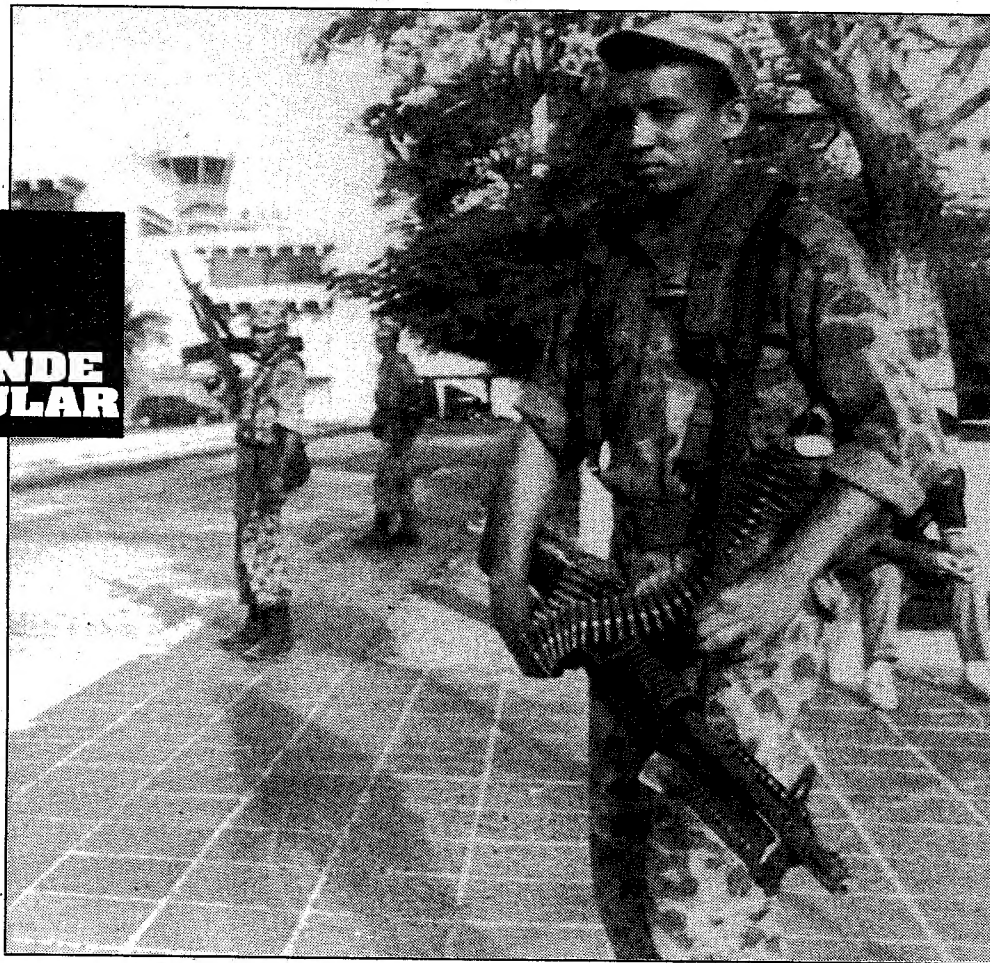
contra a mafia da droga

está a ser alvo de forte contestação por parte dos colombianos.

A Central Única de Trabalhadores convocou uma greve geral e manifestações de rua, enquanto os estudantes têm feito agitação nas universidades que já produziram recontros com a polícia, feridos e detenções. O objectivo, segundo L. Morales, o dirigente da CUT, é manifestar «repúdio pela presença do assassino do povo irmão do Panamá».

Trata-se de um aviso sério aos Estados Unidos, pois é a primeira vez que ocorrem manifestações de hostilidade contra a presença do presidente norte-americano. Independentemente do resultado da cimeira, o povo colombiano vai dizer se aceita ou não a intervenção dos EUA na América Latina. (Mais notícias na pág. 13 sobre a situação política na Colômbia.)

GRANDE ANGULAR



Patrulhas do exército colombiano na área do aeroporto - nunca uma viagem do presidente Bush foi rodeada de tais medidas de segurança

Redacção «DL»

todas as rotas

passagem, espécie de placa giratória, eixo de cruzamento de muitas rotas.

Daí que cerca de quinhentos estrangeiros aguardem julgamento na Penitenciária em Monsanto. Cidadãos de passagem, foram obrigados a parar aqui e com eles o produto que traziam e, na maior parte dos casos, não seria destinado ao consumo interno.

Para entender isto, há que perceber que, em matéria de tráfico de droga, o caminho mais curto entre dois pontos está muito longe de ser uma recta.

Por exemplo: para levar um carregamento de cocaína da América do Sul para os Estados Unidos ou para o Canadá, grandes mercados consumidores, pode ser necessário passar pela Austrália, que fica do outro lado do mundo. Contudo, mesmo sem um desvio tão grande, o produto dá sempre muita volta entre a origem e o local de consumo.

Os traficantes de droga são obrigados a grande mobilidade de canais e de procedimentos. Isso explica, segundo o ten.-cor. Sena, da Guarda Fiscal, que certas rotas fiquem queimadas, ao fim de algum tempo. «Já toda a gente sabe o controlo apertado que se faz a um voo proveniente da América Central - comenta - por isso, além de se controlar a origem do voo, temos também que ter em conta a origem do passaporte.»

No caso de tráfico por via aérea, antes de Lisboa já houve uma paragem num país africano: Angola, Quênia ou

Abijan para a cocaína, Maputo para a heroína.

Estas rotas, ou sub-rotas, que fontes da PJ nos afirmaram ser muito utilizadas, de há uns tempos para cá, sugerem a possibilidade de aproveitamento, por parte das redes internacionais de tráfico, das boas relações de Portugal com os PALOP, que se traduzem em voos muito frequentes e num controlo alfandegário relativamente pouco apertado.

A heroína que nos chega por essa via destina-se, fundamentalmente, ao consumo interno. A cocaína pelo contrário tem em Portugal um mercado muito reduzido.

Das mil e uma maneiras de fazer circular a heroína destaca-se um caminho, que a leva para os EUA, pelo oceano Pacífico, via Hong Kong e Macau, o que explica que tenha sido criado, recentemente, naquele território, um subgabinete da Interpol.

Quando o transporte é terrestre, como acontece com grande parte da heroína, o interior e o fundo falso das viaturas continua a ser um dos meios favoritos de introdução da droga, segundo fontes da Polícia Judiciária. Foi-nos também referido que o grau de sofisticação do tráfico organizado já permite, por exemplo, o fabrico de malas com fundo falso, exactamente à medida da quantidade de droga que se pretende fazer passar.

O truque do amputado que transporta a droga na prótese, ou a encomenda de cebolas inteiramente recheadas de cocaína, foram citados pelo

responsável da Guarda Fiscal, para ilustrar até que ponto vai a imaginação dos traficantes.

A propósito de cocaína, dados da Polícia Judiciária referem que foram apreendidos, durante o ano passado cerca de 788 kg, o que mostra a importância de Portugal, como escala, na rota do produto, uma vez que não há, praticamente, mercado interno.

Quando o transporte se faz por mar, o que acontece principalmente com carregamentos de haxixe, os pontos-chave da entrada em Portugal são a costa algarvia e as zonas de Peniche, Leiria e Viana do Castelo.

Trata-se de um produto cujo transporte só é rentável se for feito em grandes quantidades, segundo nos foi explicado na Guarda Fiscal. Assim, é transportado em barcos de grande calado e o transbordo é feito no alto mar, para lanchas rápidas ou iates. Já perto da costa, a carga é lançada ao mar, em sacos de cerca de 25 kg, e a força da maré tráz-la para terra, onde é recolhida. Armazenada longe da costa, a erva é posteriormente transportada em contentores TIR, tendo a Espanha como primeiro destino.

A ilustrar este percurso, contam-se histórias, como a de uma apreensão de três toneladas, num armazém perto de Vila do Bispo, e uma remessa de 200 quilos encontrada na areia da praia de Mira, enterrados a pouca profundidade.

Um correio que a jovem grávida que referimos no

início da reportagem, pode ganhar duzentos ou trezentos contos no fim da missão. Segundo os investigadores que consultámos, o correio «típico» ou está desempregado ou ganha relativamente pouco, o que o torna barato relativamente ao valor global do material que transporta. Segundo as mesmas fontes, se o correio for recrutado num país do terceiro mundo ou da América Central a miséria funciona como incentivo ao desempenho de missões arriscadas por preços muito baixos.

Não se pode esquecer que, se transportar heroína numa alfofa de vime, não envolve perigo de vida, tráz-la no estômago, ou no intestino em saquinhos de plástico, dá morte por «overdose», se um único saco se furar durante a viagem. E se, à chegada o traficante não puder desfazer-se rapidamente da carga, pelos meios naturais, imagina-se o incómodo, para não falar do perigo.

Segundo apurámos, já houve um ou outro caso de morte, em Portugal, de correios que funcionavam assim.

Todos os outros, e são muitos, vão viajando aré serem detectados e, a partir daí, espera-se uma pena de prisão, nunca inferior a seis anos.

Uma vez cumprida, para grande parte deles a viagem recomeça. Na hierarquia do tráfico, cabe-lhes o lugar mais baixo e mais arriscado.

Fátima Franco

COMENTÁRIO

Difícil, frustrante e hipócrita

Os cálculos mais realistas, propostos pela Organização Mundial de Saúde, que subestimam provavelmente a realidade, elevam a perto de cinco milhões os consumidores de drogas, incluindo as de síntese (se considerássemos no mesmo plano os fumadores ocasionais de marijuana e os de tabaco, o número andaria pelo quarenta e oito milhões). O número de vítimas da toxicod dependência está a aumentar de forma dramática, conforme conclui o relatório da comissão internacional de controlo dos estupefacientes das Nações Unidas, ocupando a cocaína, na estatística, o primeiro lugar. A politoxicod dependência agrava substancialmente o problema, e o uso crescente da injeção intravenosa potencia o risco de contracção da sida - em certas zonas da Europa Ocidental e nos Estados Unidos, mais de 50 por cento das pessoas atingidas pela síndrome são toxicómanos. A produção, o fabrico e o tráfico ilícito de drogas, precisa o mesmo relatório, abrange um número crescente de países e compete a organizações criminosas fortemente articuladas entre si. Sociedades imobiliárias, bancos, actividades várias de aspecto decente branqueiam os lucros da droga, com a cumplicidade de Estados e a protecção de verdadeiros exércitos privados impiedosos. De acordo com M. Kendall, secretário-geral da Interpol (citado por Jean Ziegler em *La Suisse lave plus blanc*), os lucros da droga, «lavados» e investidos, representam um mercado fantástico que atinge os 500 milhares de milhões de dólares por ano - o equivalente à totalidade dos gastos anuais de todos os países do Ocidente na importação de petróleo.

Estes números dão a medida de como é difícil o combate contra a peste dos tempos modernos, porque ela aproveita a todos, tem cumplicidades por toda a parte. Nas grandes zonas do Terceiro Mundo onde é produzida, a droga representa uma fonte de receita para os camponeses pobres, que ainda não encontram substituto. Como a maior parte dos flagelos que devastam a Humanidade, este lava no terreno fértil da miséria, e decerto uma componente decisiva de qualquer programa de combate ao narcotráfico é o combate contra o subdesenvolvimento - porventura mais decisiva do que o emprego de meios de guerra, que podem ocultar outros desígnios e, de todo o modo, como no caso da invasão do Panamá pelos Estados Unidos, configuram violações indiscutíveis do direito internacional.

A estratégia de Bush e o aumento das apreensões na Europa estão longe de significar um golpe mortal no narcotráfico, porque a hipocrisia envolve uma guerra dita total: não tardará decerto que a Suíça e o Luxemburgo assinem a convenção da ONU... e sabe-se que constituem paraísos para a lavagem do dinheiro sujo.

Neste panorama desolador, o nosso País mantém-se fiel - no caso ainda bem - à «política de transporte» herdada dos Descobrimentos: a nossa vocação, também neste domínio, é decididamente para entreposto. Estatísticas do Ministério da Justiça dão conta, em 1988, de uma diminuição no consumo de drogas e de um aumento dos toxicod dependentes que recorrem a centros de tratamento. Menor

foi também o número de processos entrados nos tribunais - significativamente relativos mais a consumidores do que a traficantes. É. Em Portugal como nos outros países, os Casais Ventosos escondem os arranha-céus onde *business is business*.



João Paulo de Oliveira

FORUM

AUTO-RETRATO

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos**.
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Montelero e António Gomes da Costa**.
Secretário-geral: **Jorge Galamba**.

Director: **Mário Mesquita**
Directora-adjunta: **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção: **Acácio Barradas**
Chefes de redacção-adjuntos: **José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho**

Redactor-principal: **João Paulo de Oliveira**
Coordenadores de Secção: **Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Gulomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão**

Redactor-paginador: **António Ribeiro Ferreira**

Redacção e reportagem fotográfica: **Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Campones, Céu Neves, Daniel Reis, Diná Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampalo, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco**

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraiso, Isabel Joyce, Jorge Falloira e Róby Amorim**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas: **Ribeiro da Silva (coordenador), Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores: **José António Carvalho, Jorge Santos e Óscar Figueiredo**

Secretaria de Direcção: **Maria Eduarda Soutello**
Secretaria de Redacção: **José Agostinho (coordenador), António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade: **Luísa Valadas**

Gestor de Informática: **Luís Cantelero**

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegrafos DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1ª - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

O auto-retrato é um desafio que o DL continua a lançar às mais diversas personalidades da vida pública portuguesa. Duas vezes por semana está nestas páginas. Hoje é a vez de Ângelo d'Almeida Ribeiro

Ângelo Vidal d'Almeida Ribeiro é o meu nome. Nasci no começo dos anos 20, e deixo-me envelhecer sem sobressaltos, entretido com o meu trabalho humanista e as minhas deslocações a grandes colóquios internacionais.

Pelo lado paterno entrei numa família de juristas. Há 150 anos que existe um Almeida Ribeiro a estudar ou praticar Direito. Costumo dizer que sou filho, neto, sobrinho, sobrinho-neto, irmão e primo de magistrados, com vários advogados de permeio.

Do lado materno tenho parentesco próximo com os «Vidaís de Vagos». E parentesco mais remoto com um bispo, D. João Evangelista de Lima Vidal, e com um Grão-Mestre da Maçonaria, Dr. Sebastião Magalhães Lima. Entre os dois, Jaime Magalhães Lima, patriarca e pensador tolstoiano.

Nasci em Lisboa, na Rua Filipe Folque, mas frequentei a Escola Primária Oficial n.º 10, na Costa do Castelo, e fiz todo o liceu no Gil Vicente, o que me ajudou a criar uma mentalidade liberal. Na Faculdade de Direito do velho Campo de Santana frequentei os cinco anos do curso sem reprovar e era o mais novo dos condiscípulos. Notas modestas, desproporcionadas ao grau de inteligência e cultura que alguns me atribuíam. No 2.º ano, sem exames por cadeiras separadas - tudo feito no mesmo dia - e sem 2.ª época, tive a minha coroa de glória: fui aprovado com 10 valores.

Breve incursão pela Magistratura do Ministério Público e logo me dediquei a fundo à prática da Advocacia, que só deixei 42 anos depois. Ganhei e perdi causas, o que acontece a todos os advogados dignos desse nome. Fui todo na Ordem dos Advogados: membro dos Conselhos, director da Revista, presidente do Instituto da Conferência, e Bastonário. Realizei o I Congresso Nacional dos Advogados em 1972, instituí

um serviço de consulta jurídica gratuita em que eu próprio participava, percorri toda a transição do antes e depois do 25 de Abril. No meu Conselho, nomes privilegiados de pluralismo político: Francisco Sá Carneiro, Carlos Cal Brandão, Salgado Zenha, Vasco da Gama Fernandes, Duarte Vidal, Mário Raposo, Cancellaria de Abreu, Carlos Lima, Armando Bacelar, Tinoco de Faria. Um mundo de vivências e recordações.

Cultivei a oratória forense, no mais belo sentido da expressão. Gostaria de ter sido um grande

orador. Mas tive sempre a preocupação de manter o auditório «na mão», auscultando os momentos em que os intervenientes nos julgamentos estavam atentos ou desinteressados. Num julgamento importante, no Porto, fiz alegações durante 6 horas. Foi o meu «record».

Os direitos da pessoa humana, a tolerância, o combate ao autoritarismo, a repulsa pelo arbítrio, a luta contra o obscurantismo, sempre me motivaram. Os raros conflitos que tive com juizes foram sempre ocasionados pela prepotência. E conservo vivas na memória as cargas da «polícia de choque» a varrerem o Rossio, quando das pretensas «eleições livres» com Norton de Matos, Quintão Meireles ou Humberto Delgado.

Defendi vários jovens nos Tribunais Plenários, numa altura em que não era fácil encontrar

«voluntários». Só um dos julgamentos teve mais de 30 sessões e entrou pelas férias de Agosto adiante. A assistência era constituída por guardas da polícia à paisana, que entravam pela «porta do cavalo» e já se encontravam sentados a ocupar os lugares todos quando era aberta a audiência.

Durante 12 anos fui redactor do «Jornal do Fôro», que Fernando Abranches Ferrão dirigia. E colaborava especialmente na secção «métodos policiais de investigação», extraída do pouco que a censura não filtrava. Era um trabalho apaixonante, um

pequeno oásis no deserto de liberdade e de civicas então reinante.

Fui secretário-geral (antes do 25 de Abril) e Presidente da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem (após o 25 de Abril). Mas demiti-me quando, em minoria na Direcção, não conseguia denunciar as violações dos direitos humanos nos países do Leste. A Liga, após a minha saída, não mais teve actividade que se notasse e acabou por se extinguir de facto.

Sempre fui um viajante infatigável. Como advogado e bastonário, como Provedor de Justiça, na minha ligação de vários anos à Comissão dos Direitos do Homem da ONU, e até como turista, estive muitas dezenas de vezes na Europa, fui aos Estados Unidos, ao Brasil, à África do Sul, ao Japão, à Austrália, à União Soviética, a Macau, aos países de

Leste, etc. Aquilo que vi e senti, deu-me uma visão humanista e ecuménica de todos esses povos, e foi esse o maior proveito que tirei. O Mundo tornou-se mais pequeno, a compreensão humana tornou-se maior.

Nunca tive aspirações políticas. Mas desde o liceu, eu sempre falava num ideal social-democrata. Após o 25 de Abril, e quando ainda não existia o PSD, mas sim o PPD, quis formar o Partido Social Democrata Português, em que eu acompanhava pessoas como Adelino da Palma Carlos, Norberto Lopes, Adão e Silva, Mário Raposo, Jacinto Simões, António Waldemar, Comandante Coimbra e muitos mais. Mas um pequeno desentendimento na véspera do anúncio do lançamento do partido na TV, e com o programa já discutido e impresso, tornou vão este projecto. Cada um tomou a sua opção política e cívica, mas há 15 anos que me assumo como apartidário, sem nunca perder as ideias de Liberdade e Democracia.

Como Provedor de Justiça tenho as portas abertas a todos os cidadãos com fome de justiça ou convictos da razão que lhes assiste. Sou abordado na rua, no metropolitano, nas termas, e recebo todos os que me pedem audiência.

Distinguir entre os que têm razão e aqueles que a não têm, é uma tarefa árdua, mas apaixonante. E tenho que me assumir, tal como o meu antecessor de há muitos séculos, como o «tribuno da plebe» ou como o «ouvidor do povo». Faço o que posso e faço o que devo.

Finalmente, um sector mais intimista da minha autobiografia, conheci minha mulher em Paris. Foi o «coup de foudre». Casámo-nos em Nice, poucos meses depois. Já lá vão 40 anos com os altos e baixos normais de duas personalidades fortes em vida comum. Serei um marido difícil, mas sou um marido fiel. Resultado positivo: 6 filhos e 7 netos.



CARTAS NA MESA

O caso Rushdie no «Diário de Lisboa»

O texto do Barahona sobre o Salman Rushdie é execrável e indigno do vosso jornal. Ou eu não sei ler português, ou o que lá está - preto no branco - é pura e simplesmente o apelo à execução da sentença de morte, no mínimo a sua defesa como justa e irrevogável.

Não me pronuncio sobre a personalidade deste senhor que - a pretexto de ser poeta - vive à sombra do estado laico português, pronuncio-me sobre a cara do vosso jornal.

Claro que sou contra a censura, claro que sou pelo pluralismo, pela polémica e tudo o mais, mas há limites. Quais? Justamente estes: a vida humana ou, se quiserem, os fundamentos sobre os quais assenta

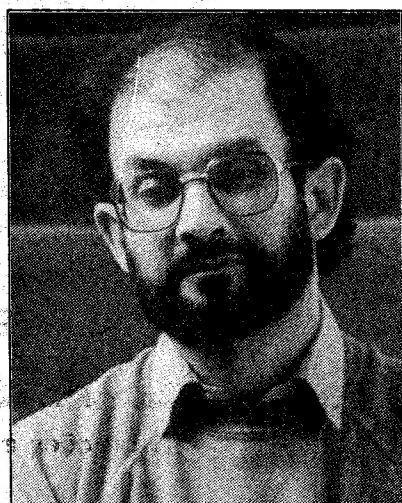
aquilo que costumamos chamar a nossa civilização. O «DL» é implícito que os assume. E no dia em que se fala nos crimes do estalinismo e afins, sair neste jornal um apelo a uma condenação à morte actio o fim.

A orientação do jornal é vossa e - acreditem que isto não é meter-me nela. É que acho mesmo uma vergonha este texto sem resposta.

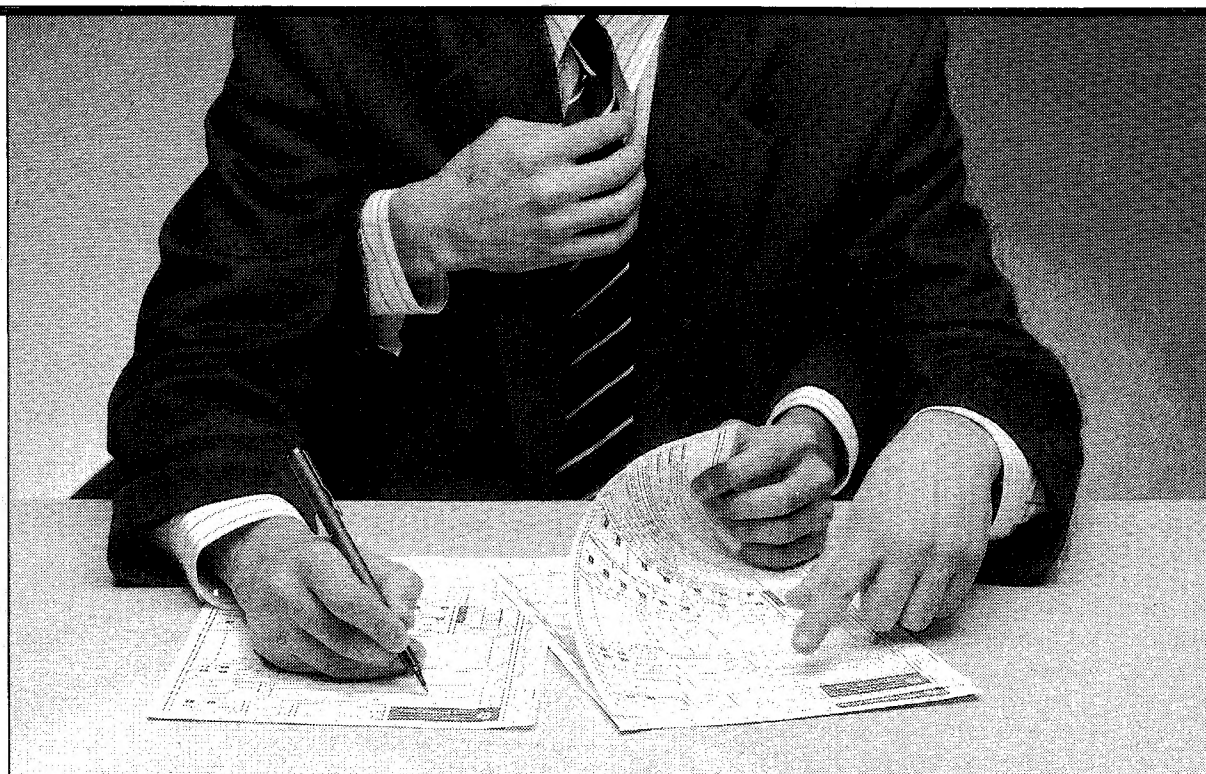
Manuel Amaral

N.R. - O texto de Muhammad Rashdie Barahona, publicado na edição de ontem do «DL», tem um valor documental e foi publicado no «DL» com um espírito, ou seja, com vista a documentar uma posição que, sendo minoritária no nosso país, é, infelizmente, apoiada por milhares de muçulmanos.

Admitimos, no entanto, que o «DL» cometeu um erro: o de não ter acompanhado o conjunto de textos ontem dedicados ao caso Rushdie com um comentário que definisse a atitude do jornal. Nesse sentido, a carta do nosso leitor tem razão de ser.



PORTE PAGO



Com o novo sistema facilitamos a sua vida



O difícil é agora tão fácil

Prometemos reunir todo o sistema de tributação num **único** imposto: o IR — Imposto sobre o Rendimento.

Prometemos **desagrar** os seus impostos. E bem feitas as contas, paga realmente menos. **Cumprimos o prometido.**

Mas, queremos que a sua vida seja ainda mais **facilitada**.

Assim, criámos o **Modelo 1** para declaração dos seus rendimentos, se apenas tiver rendimentos de trabalho dependente e/ou pensões.

É um **impresso grátis**, de uma só folha e muito fácil de preencher.

Pode discriminar no verso do impresso os **encargos** suportados em 1989 que, nos termos da lei, tem direito a **deduzir** ao seu rendimento.

E, como o **novo sistema facilita a sua vida**, pode levantar o Modelo 1 nas Repartições de Finanças, Tesourarias da Fazenda Pública, balcões dos CTT, dependências do Banco Pinto & Sotto Mayor e do Banco Português do Atlântico, Serviços de Apoio ao Contribuinte e Postos Especiais de Recepção da D.G.C.I.



Onde e quando se entrega a declaração

Depois de a preencher basta entregá-la em qualquer Repartição de Finanças, nos Serviços de Apoio ao Contribuinte ou num dos Postos Especiais de Recepção. Pode também enviá-la pelo correio para a Direcção de Finanças da área do seu domicílio fiscal.

Faça-o até **28 de Fevereiro**. Exiba no acto da entrega os documentos comprovativos das despesas. E lembre-se de que, ao entregar a declaração, **nada tem a pagar.**

QUANTO MAIS CEDO ENTREGAR, MAIS CEDO FAZEMOS AS SUAS CONTAS.

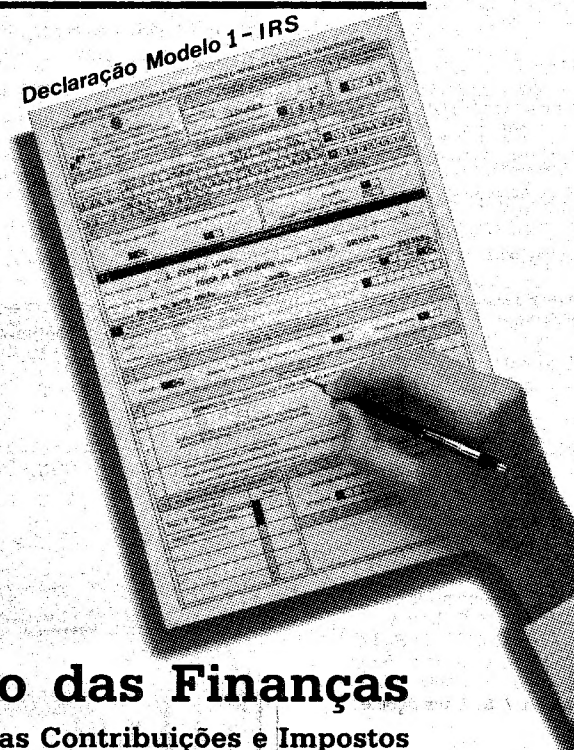
primeiro ano do novo sistema fiscal

ATÉ 28 FEV.



**imposto
sobre o rendimento
das pessoas singulares**

Ministério das Finanças
Direcção-Geral das Contribuições e Impostos



FORUM

público e privado

REALIZADOS OS SONHOS EIS-NOS A MORRER DE TÉDIO

Todos estão de acordo (filósofos, sociólogos, psicólogos, jornalistas): o Ocidente deixou de ter ideais, em nada já acredita. Sem ímpetos nem entusiasmo perdeu a confiança no progresso, na ciência e até na política. Só lhe ficou o interesse económico, o atordoadamento que lhe oferece a sociedade de consumo. Diante de si um futuro baço, sem história, na qual os homens, perdidas que forem as ilusões que ainda subsistem, deambularão às cegas, sem meta possível.

Que origem tem esta visão pessimista do mundo? A sociedade realizou quase todos os sonhos dos nossos antepassados. Vivemos em casas climatizadas, temos uma óptima alimentação e um óptimo vestuário, deslocamo-nos para onde nos apetece, divertimo-nos com qualquer tipo de espectáculo, conseguimos curar uma série de doenças, temos filhos saudáveis, uma vida mais longa, já não existem guerras. As nossas instituições políticas estão a ser imitadas por todos os países do Leste europeu com o maior dos entusiasmos. Então, porquê esta profunda insatisfação?

Uma primeira causa é devida à perda das antigas convicções dogmáticas. Há muita gente que não se resigna com a ideia de uma ciência que põe continuamente em causa as próprias descobertas; com uma política que continuamente exige averiguações, compromissos, votos. Pessoas que, lá no íntimo, conservam a nostalgia de uma outra época onde não existia senão uma única verdade, religiosa ou política, na qual se acreditava cegamente.

A segunda causa descreveu-a Freud, um dia, na sua obra «O mal-estar na civilização». A vida civil, pacífica como é, obriga-nos a conter os instintos, sobretudo os mais agressivos.

Mas a raça humana é violenta e durante milhares e milhares de anos matou para sobreviver, obstruiu o caminho aos grandes predadores. Durante milhares e milhares de anos os homens saquearam, roubaram e mataram-se uns aos outros. Tudo isto são tendências que devem ser reprimidas ou sublimadas e este facto cria uma sensação de vazio e de desagrado.

Os seres humanos pensam com nostalgia nestas emoções violentas e primitivas, as quais procuram compensar por

meio do desporto, das viagens, do trabalho obsessivo. Múltiplos jovens vivem para o fim-de-semana e para as férias. E então lançam-se nas auto-estradas, fazem centenas de quilómetros, passam as noites nas discotecas, sem pararem, sem dormirem, aturdidos pela música, embriagados pelas sensações fortes.

Mantêm-se, por vezes, assim, durante dias e dias, sem descanso e, depois, exaustos, sentem-se realizados porque se divertiram. Porque infringiram as regras insípidas do dia a dia e saborearam o que está para além delas.

Uma terceira causa é devida ao progresso tecnológico, ao decrescimento do mundo, à morte do mistério e da aventura. A terra foi toda explorada; em poucas horas a percorremos, num instante a televisão nos leva onde quer que seja. Por outro lado, não nos é possível abandonar este planeta. Não é possível superar a velocidade da luz. Estamos enclausurados como numa prisão. Para uma raça habituada a afrontar continuamente o novo, o mistério, a aventura, o de-

sconhecido, é uma frustração. Os filósofos falam em perda de valores. Digamos antes que é um caso de tédio. Os valores existem realmente e bem firmes, assim como os direitos e os deveres de cada um. O que falta é espaço para se sonhar com novos objectivos, com novas fronteiras, com novas experiências extraordinárias. Mas será este o verdadeiro problema? Será que não nos espera, em vez disto, uma missão mais importante? A de nos aperfeiçoarmos. Não só as nossas instituições, os direitos e deveres que nos propusemos. Mas nós próprios, na nossa integridade. A nossa mente, a nossa sensibilidade, as nossas reacções, para que estejamos em sintonia com o mundo onde temos de viver. E, depois, enriquecer o nosso património biológico, para que possamos viver mais tempo, bastante mais tempo que agora.

Até que se rompa o cerco que nos aprisiona nesta terra e poderemos então visitar as estrelas.

(trad. de Manuela
Ferreira de Almeida)

Exclusivo «DL»/
«Corriere della Sera»



Francesco Alberoni

A SOLUBILIDADE DOS PARTIDOS COMUNISTAS

Apanhados pela força da corrente da mudança, uma série de partidos comunistas da Europa central e oriental resolveram mudar também, seguindo o curso da história. Mudaram primeiro as suas direcções, retirando de cena a velha guarda para a substituírem pela geração dos seus sucessores oficiais. Depois, voltaram a mudar de direcção, para trazer ao de cima quadros comunistas cujo principal mérito era serem quase, ou completamente, desconhecidos. Mudam agora de nome.

Sucessivamente, os partidos comunistas da Hungria, da Alemanha Oriental e da Polónia compreenderam que a sua sobrevivência política, em parte posta à prova em eleições próximas, exigia que se apresentassem perante os cidadãos de cara lavada, sem nada que pudesse evocar o seu passado, a sua história ou a sua identidade comunista. Num caso extremo, os comunistas que controlavam as instituições revolucionárias romenas puseram mesmo o seu partido fora da lei, antes de o restaurarem à legalidade, em nome do pluralismo democrático.

Em si mesma, a mudança de nome é ambígua. Tem fortes precedentes em cada um dos três casos citados. Para não ir mais longe, nenhum desses partidos usava o seu nome próprio. Os comunistas da Alemanha Oriental exerciam o poder através de um partido socialista unificado (SED), formado a partir da «fusão»

entre o partido comunista e o partido social-democrata da zona de ocupação soviética, que era controlado pelos primeiros. Por sua vez, o partido operário unificado polaco (POUP) fora constituído pelo mesmo processo, reunindo o partido comunista - que desde 1942 se chamava partido dos trabalhadores (PPR) - e o que restava das formações «socialistas» minadas pelo PPR. Em ambos os casos, estas «fusões» marcaram a aceleração da sovietação na Polónia e na parte oriental da Alemanha. O partido socialista operário húngaro (PSOH), pela sua parte, resulta da dissolução do antigo partido comunista (que se apelidava partido dos trabalhadores, MDP) durante a revolução antitotalitária de 1956.

As camuflagens «unitárias» alemã e polaca, ambas transparentes, justificavam-se na medida em que a dominação comunista nesses países se exercia sob um regime dito de «democracia popular», que não era suposto ser propriamente um regime comunista. Na Hungria, a decisão de guardar o nome do partido de Imre Nagy é mais pragmática, pois tornava possível beneficiar da extinção do velho partido comunista, que perdera toda e qualquer credibilidade.

Este precedente indica pelo menos uma regularidade: são os mesmos três partidos mais habituados a lutar de nome, desde os anos quarenta, que agora repetem a proeza,

embora em circunstâncias muito diferentes. Nos restantes países da Europa central e oriental, excepto na Albânia, os partidos comunistas usam o seu próprio nome.

Essa regularidade, por sua vez, tem um efeito que os aproxima, pois todos os três parecem agora procurar uma identidade social-democrata, reclamando-se até, os menos envergonhados, de supostas raízes «socialistas» dos antigos partidos «unificados». A pose social-democrata, neste momento, é comum ao partido socialista húngaro, ao partido do socialismo democrático alemão e à social-democracia da República polaca, os nomes do último baptismo político dos velhos partidos comunistas, que formal e solenemente decretaram a sua própria dissolução.

Ao mesmo tempo, neste processo, os comunistas dividiram-se. Na Hungria, uma minoria comunista opôs-se à dissolução do PSOH e guardou essa designação. Na Alemanha Oriental, o partido comunista está demasiado fragmentado para poder verdadeiramente dividir-se. E, na Polónia, num excesso típico, uma minoria resolveu que a transformação do POUP em SDRP era uma fraude e fundou mais um partido social-democrata, também inteiramente composto por comunistas.

O problema de estes baptisms tardios, é menos o da sua notória coerência com

uma estratégia comunista experimentada do que o da sua credibilidade. Os partidos comunistas, que oficialmente não o eram, dissolveram-se para deixarem de ser o que não eram ou para não deixarem de ser o que sempre foram?

Por outras palavras, qual é a medida da solubilidade dos partidos comunistas? A partida, esta pode avaliar-se por dois critérios distintos. O primeiro é interno, para medir o grau de conversão dos comunistas a uma outra ideologia. É um problema em aberto: os comunistas constituem as elites funcionais dos respectivos Estados, e podem ter de vir a escolher entre continuarem a ser comunistas ou perderem as posições que detêm nas forças armadas e na administração. O segundo é externo, para medir o grau de aceitação eleitoral desta última mudança de nome. Os próximos actos eleitorais resolverão este problema, embora pareça pouco provável que os alemães orientais, os húngaros ou os polacos já tenham perdido toda a memória do passado.

Todavia, as respostas eleitorais serão diferentes em cada caso, consoante os contextos concretos da transição pós comunista.

Fica, porém, uma certeza. A dissolução formal dos partidos comunistas não é apenas um recuo, é um sinal de decomposição política, que acentua a sua divisão interna. E esta, por sua vez, é uma das condições mais importantes para garantir a constinuação da transição política na Europa central e oriental.



Carlos Gaspar

POLÍTICA

TV pirata do Nordeste é protesto de jovens

Contra o desperdício do potencial da região e o esquecimento da RTP jovens lançaram uma emissão de protesto

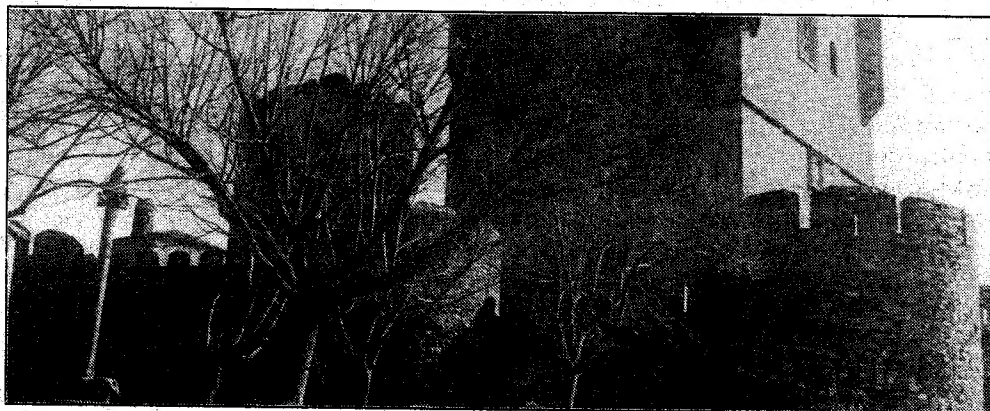
São jovens do Nordeste transmontano, os autores da emissão pirata de televisão realizada na noite de segunda-feira, em Bragança, e que serviu de pretexto para agudizar ainda mais as lutas internas que devoram o PSD local.

Os autores da emissão estavam, porém, bastante longe de imaginar as consequências dessa experiência e consideraram que houve «aproveitamento político» de uma acção que tinha outros objectivos.

«Queríamos apenas demonstrar que há gente no Nordeste transmontano capaz de fazer coisas e que estamos fartos do centralismo obsoleto da administração e da colonização cultural que Lisboa exerce em relação ao resto do país», disse esta manhã ao DL um dos elementos envolvidos naquela emissão pirata.

Trata-se de um grupo de gente jovem, aficcionada da imagem e da informação, que há meses andava com a ideia a germinar, chegando finalmente à conclusão de que tinha capacidade técnica de emitir.

«É um bocado o grito de revolta. Há aqui grandes potencialidades humanas e não se aproveitam porque não existem apoios ou é ilegal o que pretendem fazer», dizem.



Como símbolo, a «Televisão Livre do Nordeste» utilizou a imagem do castelo de Bragança

Os autores da emissão contestam, no entanto, que tenham interferido com a da RTP. O que acontece, referem, é que ela não é recebido em boas condições em Bragança, sendo retransmitida para certas zonas por um retransmissor que é privado. Foi através desse aparelho, e a partir de um emissor também privado, que a emissão foi injectada. Foi um trabalho de equipa de equipa e o próprio autor das imagens desconfia como foi tecnicamente realizada a emissão.

Os responsáveis da emissão salientam que possuem imagens das muitas coisas que acontecem na região e não entendem por que razão as pessoas não há-de poder vê-las em casa.

«Isto, porque», dizem,

«para que a RTP cubra qualquer coisa em Bragança, só com grandes cunhas no Porto ou em Lisboa. Na delegação de Vila Real não fazem nada sem ordens de Lisboa».

Através de um comunicado enviado à Lusa, e a propósito da troca de acusações entre o governador civil de Bragança e o presidente da assembleia distrital, sobre a presença do primeiro na emissão pirata, a «Televisão Livre do Nordeste» sublinha que elas se devem a «guerras internas do PSD», e considera «estranho» tal comportamento, na medida em que a sua emissão «começou com uma reportagem de cerca de 10 minutos sobre a reunião da assembleia municipal», presidida por Adão e Silva.

Entretanto, o deputado

Duarte Lima, cujo mandato na distrital de Bragança terminou em Outubro, e que tem sido citado frequentemente nesta controvérsia, esclareceu-nos esta manhã estar fora questão. Duarte Lima marca também a sua equidistância, sublinhando que é amigo tanto de Júlio Carvalho como de Adão e Silva.

O comunicado da «TLN» esclarece que nem o governador civil, Júlio de Carvalho, nem o seu rival, sabiam que «as filmagens se destinavam a uma emissão de televisão».

Para os responsáveis da emissão, é também necessário que os governantes «deixem de protagonizar aberrações como a que preparam» ao não permitir a existência de televisões locais.

CDS não quer ser «muleta» do PSD

Era bom que o engenheiro Abecasis apresentasse no próximo congresso uma lista à direcção nacional do partido, para que todos vissem os apoios que tem e que não correspondem ao que afirma», afirmou o secretário-geral do CDS, Luís Beirão, esta manhã ao DL, numa antevisão da conferência de Imprensa que Freitas do Amaral promove esta tarde, na apresentação da sua moção de estratégia que os centristas debaterão no segundo dia do congresso, convocado para 16, 17 e 18 do próximo mês.

O presidente centrista deverá definir, esta tarde, o seu posicionamento sobre a situação do CDS neste período pré-congresso, esperando-se que faça uma referência especial ao contributo dado à sua moção por Basílio Horta e se pronuncie, também, sobre a exigência de renovação que o congresso da Juventude Centrista aprovou e que era o fio condutor comum das duas moções, que acabaram por fundir-se durante os trabalhos.

Luís Beirão considera normal e natural que a Juventude Centrista apresente uma moção ao Congresso do partido, como sempre tem feito, e que o seu ex-presidente também assim proceda, mas advertiu que «não haverá direcção do partido sob pressão, se o presidente for o prof. Freitas do Amaral». Note-se que uma das reclamações da Juventude Centrista é de que as «segundas figuras» da direcção nacional sejam substituídas, no quadro das mudanças que propõem.

De qualquer modo, «é natural e salutar que a Juventude Centrista procure inserir-se no partido e assegurar a transição dos jovens para o CDS», acrescentou o secretário-geral centrista, segundo o qual «em vésperas do congresso atitudes destas acontecem muitas vezes. É necessário é não preverter as regras do jogo», disse.

«O partido tem de escolher claramente a sua estratégia, e para isso temos o congresso dentro de cerca de um mês, pelo que é fundamental haver outras moções e outras posições», salientou Luís Beirão, que garante que o CDS cresceu nas autárquicas de 17 de Dezembro.

A título pessoal e a propósito do futuro do CDS quanto a coligações, afirmou ao «Diário de Lisboa» que «não podemos ser a muleta do PSD» nem continuar «o partido que só serve para fazer coligações com os sociais-democratas». Na sua óptica, a alternância democrática é importante na vida portuguesa, pelo que, se se colocar essa situação, o ideal seria coligação com o PS, se bem que «para nós fosse mais fácil uma aliança com o PSD».

Santana Lopes nega ligação à PEI

«Não tem pés nem cabeça a notícia hoje publicada pelo semanário 'Tempo'. Há meses que estou afastado da PEI e não tenho qualquer responsabilidade na agência de publicidade Publicria» - afirmou ao DL Pedro Santana Lopes, a propósito do seu «envolvimento em negócios pouco cristalinos relacionados com o grupo PEI», noticiado esta manhã por aquele jornal.

O secretário de Estado da Cultura desmentiu que tivesse alguma coisa a ver com qualquer das empresas ligadas àquele grupo de Comunicação Social, afirmando que a notícia vinda a público é «ofensiva e caluniosa».

«Só tive a responsabilidade de ter tido ideias para alguns projectos, uns correram bem, outros correram mal, mas nunca investi nem recebi dividendos dos projectos. Só ganhei dinheiro por trabalhos prestados e através de recibo verde» - disse ao DL.

A questão fundamental levantada pelo «Tempo» relaciona-se com dívidas que a Publicria teria para com a Neopress, proprietária do semanário «O Liberal» (ler pág. 18). As dívidas nunca foram saldadas e este facto poderá originar, pelo que o DL apurou, a falência daquela agência de publicidade.

Sargentos apresentam queixa ao Provedor

O II Encontro Nacional deverá realizar-se no Pavilhão do Sacavenense

Os sargentos não desistem: preparam o II Encontro Nacional que, como o primeiro, decorrerá no Pavilhão do Sacavenense provavelmente em 31 de Março, e pensam apresentar as suas reivindicações ao Provedor de Justiça, apurou o «Diário de Lisboa» junto de fontes ligadas à direcção nacional da Associação dos Sargentos.

A hipótese de uma iniciativa espectacular, que chegou a estar prevista para sensibilizar a opinião pública para os seus problemas, chamando a atenção para as desigualdades castrenses, foi, para já, posta de parte.

O caderno de aspirações aprovado pela classe no Primeiro Encontro Nacional, que juntou cerca de cinco mil sargentos, em grande parte por contemplar por parte da hierarquia, e por outro lado com novos desenvolvimentos e matérias, centrará as atenções dos sargentos, segundo as mesmas fontes.

Código e RDM devem ser actualizados

Uma das grandes questões a tratar deverá a ser a do Código de Justiça Militar e Regulamento de Disciplina Militar (RDM). «Não faz sentido que o Código Penal e o Código do Processo Penal estejam em sede de revisão civil e que os militares não reivindiquem o

aperfeiçoamento, actualização e compatibilização com o momento que se vive, aqueles dois instrumentos da disciplina e justiça militares», afirmaram.

Outro assunto que constará da agenda de trabalhos, é o da institucionalização do 31 de Janeiro como «Dia do Sargento».

Nesse aspecto, os sargentos, e de uma forma geral os militares dos vários sectores e ramos das Forças Armadas, manifestam-se contra o artigo nº 31 da Lei de Defesa Nacional, que consideram «um disparate de todo o tamanho» na arquitectura legal.

Todas estas matérias incorporarão o documento que os sargentos aprovarão no seu II Encontro Nacional, dentro de mês e meio, em princípio, o qual será entregue ao Provedor de Justiça com dez mil assinaturas, pelo menos. «As adesões à Associação Nacional de Sargentos não param, prevendo-se que 75 por cento da classe esteja inscrita até lá», admitiram as mesmas fontes. Entretanto a direcção da Associação Nacional de Sargentos, cujos membros são conhecidos, mas nunca identificados publicamente, está quase completa. São poucos os processos por despachar para autorização de posse da dezena e meia de sargentos que compõem a direcção da ANS.

Quando todos os requerimentos tiverem sido deferidos, haverá uma tomada de posse formal e aberta, o que não aconteceu na eleição da actual direcção por muitos deles se encontrarem ainda activo e haver disposições que proibem essa situação.

Mas a Associação Nacional de Sargentos está a funcionar, como se nada fosse, como se não houvesse esse impedimento legal.

Os pedidos de autorização para o preenchimento total da direcção da ANS, feitos pelos interessados à hierarquia, têm vindo a ser paulatinamente despachados.

Embora previsto para o Pavilhão do Sacavenense, o II Encontro Nacional dos Sargentos poderá vir a ter lugar em Lisboa, no Pavilhão dos Desportos, caso a organização consiga adequar a sua iniciativa à disponibilidade do pavilhão, que agora ostenta também, o nome do campeoníssimo Carlos Lopes.

«Era importante para nós que isso acontecesse, porque está prevista a vinda de muitos autocaros alugados pelos sargentos e a lotação do Pavilhão do Sacavenense é pouco superior a cinco mil», concluíram as mesmas fontes.

Nova lei de televisão é debatida em Março

As propostas do Governo e do Partido Socialista serão discutidas no mesmo dia

A proposta de lei do Governo que abre a radiotelevisão à iniciativa privada será debatida no Parlamento a 8 de Março. Segundo noticiou a Lusa o agendamento foi feito ontem, em conferência de líderes parlamentares, pouco depois de o documento ter dado entrada em São Bento.

Também no dia 8 será votado o projecto do PS sobre o mesmo assunto. Foi debatido em plenário no dia 11 de Janeiro e, sem votação, desceu à comissão especializada.

Recorde-se que o primeiro-ministro anunciou, a semana passada, a criação de dois canais de televisão privada, de âmbito nacional. Segundo a proposta governamental compete ao Executivo, mediante decreto-lei, aprovar um plano técnico de frequências de radiotelevisão que regulará as condições técnicas necessárias para garantir o adequado exercício da actividade de radiotelevisão.

Proibição de violência e pornografia

Sistemas de transporte e difusão de sinais televisivos, formas de gestão e utilização dos mesmos, bandas, canais,

frequências e potências reservadas para a emissão, bem como outros elementos técnicos ligados à emissão ou retransmissão, são da competência do Governo.

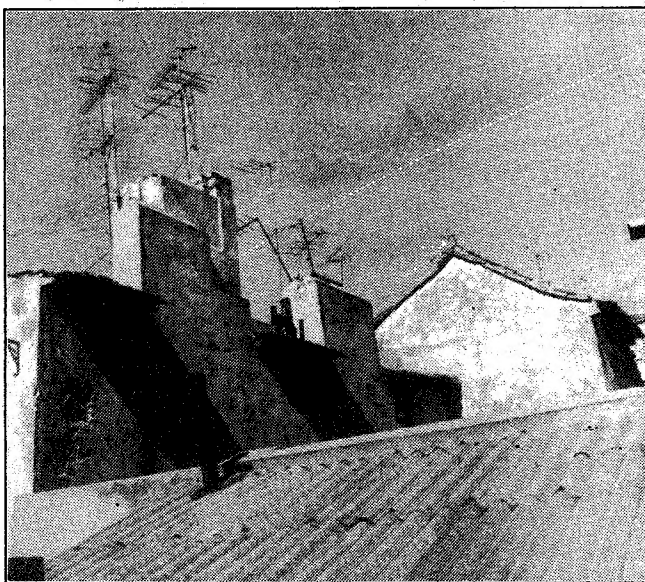
A proposta proíbe os programas pornográficos ou obscenos, os que incitem à violência, à prática de crimes ou que violem direitos, liberdades e garantias.

O exercício da actividade de radiotelevisão carece de licença, com excepção do serviço público assegurado pelos dois actuais canais de TV, refere a proposta.

O licenciamento para atribuição dos novos canais será precedido de concurso público, com regulamento a aprovar por resolução de Conselho de Ministros.

Do regulamento constará o valor da caução e os termos em que a mesma deve ser paga pelos concorrentes, bem como as quantias a pagar a título de taxa, pelo licenciamento e pela utilização dos meios técnicos necessários à emissão.

Num dos novos canais a licenciar estará reservado um período de emissão especial para a Igreja Católica, como já noticiámos, mas também para as demais confissões



A lei a sair da Assembleia «abre antenas» a quatro canais

religiosas. A duração deste período de emissão e os critérios de selecção a observar, serão fixados no regulamento do concurso público.

Os concorrentes à actividade de radiotelevisão devem ser sociedades anónimas, que possuam capital social mínimo de dois milhões e meio de contos, realizado até à data de atribuição da licença.

Esta iniciativa do Governo estabelece duas zonas de

cobertura: uma geral, outra regional, dando prioridade à atribuição de licença para exercício da actividade de radiotelevisão em cobertura de âmbito nacional.

O serviço público «deve criar condições preferenciais à cedência de tempo de emissão para difusão de programas de ensino à distância, designadamente a universidade aberta», refere ainda a proposta.

Lusa/DL

Na sessão desta tarde

PS activa discussão da política de Ambiente

«Para os socialistas, a questão do Ambiente não é mais uma entre tantas: nós não acabaremos com a pobreza, empobrecendo o País, não promoveremos a igualdade destruindo o equilíbrio ambiental, não seremos solidários se não deixarmos às futuras gerações um País onde se possa viver», declarou ao DL o deputado socialista José Sócrates, a propósito do debate sobre o Ambiente que esta tarde vai ser travado na Assembleia da República.

Com este debate, provocado pelo PS e ontem justificado pelo seu secretário-geral, os socialistas pretendem «proporcionar a oportunidade que os cidadãos reclamam para procurar entender as dimensões essenciais da acção do Governo neste domínio», segundo garantiu Jorge Sampaio.

O secretário-geral do PS acusou o Governo, em conferência de Imprensa, de letargia e inércia em matéria de Ambiente, ao mesmo tempo que divulgava algumas das iniciativas em curso pelos socialistas para forçarem a quebra dessa letargia ou, ao menos, obrigarem o Governo a explicar-se.

«Não se pode ser pró-ambientalista em Bruxelas e agnóstico em Portugal» disse Sampaio sobre a actividade do Governo neste campo, manifestando, no entanto, a opinião de que devem ser apoiados os esforços do Governo para o sucesso da candidatura portuguesa no sentido de vir a acolher a sede da Agência Europeia de Ambiente.

Entre as acções a empreender neste domínio, Sampaio destacou a reconversão dos meios produtivos industriais portugueses, velhos de 20 e 30 anos, a aprovação de um orçamento específico para o Ambiente e a criação de uma autoridade de intervenção rápida para desastres ambientais, «uma espécie de bombeiros do século XXI», na expressão de Jorge Sampaio.

O PS aponta como factores determinantes da degradação do Ambiente no nosso País a concentração progressiva da população e da indústria no litoral, a especialização na produção de pasta de papel que coube a Portugal na repartição internacional de trabalho e a lenta modernização dos processos fabris, junto com a destruição de biótipos e espécies importantes sem adequada protecção legal.

São estas as questões que o Partido Socialista se propõe introduzir no debate de hoje no Parlamento cabendo ao seu deputado José Sócrates a intervenção de fundo definidora da política ambiental dos socialistas para os próximos anos. Nessa política se integra a proposta de lei recentemente apresentada pelo PS na Assembleia sobre o impacto ambiental e sob pressão dos acontecimentos relacionados com a Via do Infante, no Algarve.

D.R.

B R E V E S

Nogueira vai ser ouvido sobre escutas telefónicas

O ministro Fernando Nogueira vai ser convocado pela Comissão Parlamentar de Direitos, Liberdades e Garantias para «esclarecer os rumores» sobre a existência de escutas telefónicas. Segundo decidiu ontem a Comissão, um grupo de trabalho constituído por dois deputados de cada partido deverá apresentar, na próxima semana, um plano sobre as medidas a tomar.

Esse plano inclui, entre outras iniciativas como a audição do ministro da Justiça, convocatórias à Polícia Judiciária, aos CTT e aos Serviços de Informação para explicarem o que efectivamente se passa e o que há a fazer para cortar pela raiz a suspeita de que os portugueses têm os telefones vigiados. Ou, pelo menos, que existe a possibilidade de serem sujeitos a escutas telefónicas não judicialmente autorizadas.

Testes escritos para andar de bicicleta

Os condutores de ciclomotores e velocípedes vão ser obrigados e fazer testes escritos para poderem circular, de acordo com a legislação sobre medidas de segurança rodoviária hoje debatida em Conselho de Ministros.

As novas disposições legais, prevêm a criação de títulos de condução provisória para ciclomotores e velocípedes, válidos por dois anos, findos os quais serão substituídos por outros, tornados definitivos, se entretanto o respectivo titular não tiver sido causador de acidentes de viação.

O pacote esta manhã discutido pelo Conselho de Ministros, engloba um conjunto de diplomas que estabelecem também o regime de sanções a aplicar por condução sob influência do álcool e outras infracções na condução, bem como o regime de imobilização de veículos.

A Europa órfã de inimigos

Há uma Europa ainda órfã de inimigos, depois da vaga que virou o Leste ainda não se sabe em que direcção. Esta foi a principal constatação de um debate moderado por Sérgio Ribeiro, que ontem à noite juntou na sede do Conselho Português para a Paz e Cooperação mais de uma dezena de cidadãos interessados num tema em que os convidados - Beja Santos, Carlos Crujeira e Dieter Dellinger - intervieram sobre o tema «Que Paz para a Europa?».

A abrir o debate, Beja Santos salientou que o federalismo sem NATO nem Pacto de Varsóvia proposto por Mitterrand «é um projecto novo ou velho de um século», depois de historiar de improviso o papel a princípio «apagado» da Internacional Socialista, no processo que conduziu à Acta Final de Helsínquia, em 1975.

Foi o primeiro a falar da falta de inimigos, na era de simpatia que o nosso Continente vive.

Ao tratar da questão do poder, Carlos Crujeira começou por dividi-lo em cinco áreas, a política, a económica, a psicológica, a militar e a tecnológica, antes de, com as cautelas dos restantes intervenientes, advogar «a internacionalização das

economias europeias», ou mesmo as mundiais, sem deixar de recordar que a reunificação da Alemanha passa por um compromisso «com todos os países que sofreram com as utopias alemãs», desde há mais de um século.

A contrariar o clima de desanuviamento galopante, Dieter Dellinger recordou que o orçamento norte-americano recentemente proposto é digno da «autêntica guerra-fria», dado o peso das despesas militares previstas.

Formulou também votos no sentido de tais contas serem chumbadas pelo congresso.

«Guerra das estrelas»

Desde logo porque a modernização dos mísseis «Lance», destinados ao teatro de guerra europeu, só pode ter como base a incompreensão do que se passa, ou então será resultado das pressões do complexo militar-industrial.

E depois porque o acréscimo de 20 por cento nos gastos com a Iniciativa de Defesa Estratégica (vulgo «Guerra das Estrelas») dá da protecção militar uma imagem de temer: a de uma potência que, sem rival à vista, pode arbitrar conflitos e interesses em todo o Planeta.



Beja Santos historiou o papel «apagado» da Internacional Socialista antes de 1975

Antes, Carlos Crujeira tinha também referido a «Guerra das Estrelas», ao qualificar o Projecto Eureka, da CEE, como «uma réplica pobre» da dita.

Helsínquia vale a pena

Beja Santos apostava, entretanto, na sequência da Conferência de Helsínquia, que «improvisou os andaimes e forneceu o travejamento» para que se pudesse cumprir a cooperação económica entre europeus, recordando de passagem «quão difícil era o entendimento entre o Come-

con e a CEE».

O terceiro «cesto» da Conferência de Segurança e Cooperação Europeia poderá, ainda este ano, registar um progresso de tomo. Trata-se do «cesto» dos Direitos do Homem e, nesse capítulo, foi manifesto o optimismo de Beja Santos.

Na primeira de duas «previsões polémicas», Carlos Crujeira chamou a atenção para a possibilidade de em Portugal ressurgirem «correntes reacţionárias», logo que se manifestem os primeiros desaires da integração europeia.

A segunda previsão polémica dizia respeito ao «agravamento das relações Norte-Sul» dada a concentração das atenções na Europa renovada. Uma Europa que, segundo Dieter Dellinger, deveria, com os Estados Unidos, desviar recursos de programas militares tão custosos como os dois futuros porta-aviões nucleares franceses, por exemplo, para dar uma ajuda às gentes de Leste e do Terceiro Mundo.

Lidas as gazetas e vistos os noticiários, é de crer, com efeito, que os subdesenvolvidos encheram a barriga com a queda do Muro de Berlim.

J.I.

POLÍTICA

Jovens centristas, sociais-democratas e renovadores criticam direcções seniores, JCP diz que fez uma viragem há dois anos e JS quer renovação, mas só da estrutura

Ventos de mudança varrem organizações políticas juvenis

Apesar das suas divergências ideológicas, as organizações partidárias de juventude têm neste momento em comum propósitos de mudança e renovação. Isso não as distrai, no entanto, da luta que entre si travam, na disputa de apoios e aderentes. A disputa ameaça ser dura: «Seremos uma equipa que não baixará os braços perante a adversidade, seremos agressivos, temos de mostrar que somos completamente diferentes e melhores do que a JSD», disse Martim Borges de Freitas, o novo líder da Juventude Centrista.

Chegou a hora da mudança, mas também das apostas e dos desafios. E dos desafios também: Martim Borges de Freitas foi muito claro no

último dia do congresso da Juventude Centrista, ao afirmar que «a JSD é o adversário que devemos combater».

A seu tempo, Manuel Monteiro e Carlos Coelho anunciaram a despedida. Ambos para se lançarem em voos mais altos na política nacional pelos seus partidos. Manuel Monteiro tem moção pessoal, como ex-presidente da Juventude Centrista, para o Congresso do CDS; Carlos Coelho passa a desempenhar a vice-presidência parlamentar do PSD a tempo inteiro, numa perspectiva talvez diferente da que vislumbrava há três meses. Um já saiu - Manuel Monteiro -, outro partirá no dia 11 de Março, no último dia do congresso da JSD. Borges de Freitas sucedeu a

Manuel Monteiro, Carlos Coelho tem sucessor que avaliza, Pedro Passos Coelho. Um outro se poderá perfilar para a vaga: José Meireles.

O grande trunfo de Passos Coelho é o facto de não «navegar nas águas» de Cavaco Silva, o que não é, propriamente, o desejo de que o barco vá ao fundo. A vitória do primeiro, se por acaso Meireles insistir na corrida, não está em dúvida.

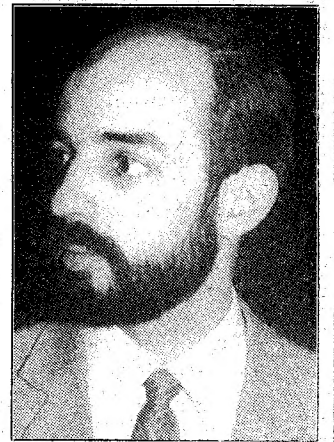
A Juventude Socialista tem problemas muito semelhantes aos da JSD: o seu presidente, José Apolinário, já anunciou a saída e defende a renovação desta estrutura. Para o seu lugar há dois candidatos, António José Seguro e Sérgio Meireles. Apolinário não tomou posição a favor de qualquer deles.

activa das organizações juvenis portuguesas, desiludiu todos que esperavam o seu contributo para a mudança no PCP. Aparentemente apostada na mudança, muitas vezes se apelou ou se aplaudiu a sua força.

Muitos se recordarão ainda da palavra de ordem que mais ecoou no Pavilhão dos Desportos pouco depois de Álvaro Cunhal regressar da URSS, onde havia sido operado: «Assim, se vê, a força do PC».

A JCP diz ter anunciado a mudança, a que outros agora iniciam, há dois anos. Poucos jovens se terão apercebido disso, e não terão ocasião de o sentir nos próximos tempos (a não ser que algo de inesperado surja ao nível sénior), porque o próximo congresso ainda não tem data.

Mudança não é, afinal, com a JCP, ao contrário das suas congéneres. Até a JSD, que não terá razões estruturais nem internacionais para se demarcar acentuadamente do



Manuel Monteiro e Carlos Coelho: as despedidas

partido, anunciou já o seu distanciamiento em relação à direcção nacional. Carlos Coelho foi bem explícito em declarações recentes: «Deverá haver uma mudança na estratégia de intervenção face ao poder», porque a «Juventude Social Democrata tem que recuperar parte do património de consciência crítica do partido». Quanto à Juventude Renovadora Demo-

crática a dúvida é como atacar um problema concreto, idêntico ao da JC: mudar/renovar o próprio partido. Afirmando representar 25 por cento dos seus militantes, responsáveis da JRD sustentam que o relançamento do partido passa por ela e que, para isso, é necessário mudar de estratégia e de pessoas.

J. R.

General português chefia Colégio de Defesa da NATO

O general da Força Aérea Portuguesa Pelágio Castelo Branco toma posse, amanhã, em Roma, do cargo de comandante do Colégio de Defesa da Nato, organismo empenhado na formação especializada de auditores, que vão exercer cargos no âmbito do Tratado do Atlântico Norte. A cerimónia presidida pelo general Vigleik Eide, presidente do Comité Militar da Nato, conta com a presença de dois representantes da Comissão Parlamentar de Defesa da Assembleia da República, os deputados Ângelo Correia e Miranda Calha.

Sediado inicialmente em Paris, até que a França abandonou em 1966 a estrutura militar da Aliança, o Colégio promove anualmente dois cursos de 100 auditores. Ao todo já foram formados 4.500 auditores, entre os quais centena e meia de portugueses.

O general Pelágio Castelo Branco é o primeiro oficial português a ocupar um cargo de grande importância hierárquica na estrutura da Nato. Foi eleito para o Colégio em Julho do ano passado, numa votação unânime do Comité Militar da Nato.

A estrutura daquela instituição militar é constituída por um comandante militar e três sub-comandantes militares ou civis, designados para mandatos de três anos, e um corpo docente constituído por monitores de várias nacionalidades, dois dos quais portugueses, um oficial do exército e um diplomata.

O Colégio ministra cursos de alto nível nas áreas militar, política, económica, tecnológica, geográfica, estratégica, socio-psicológica e ideológica.

O general Castelo Branco é o quarto oficial-general português a ocupar um alto cargo na Nato pela via do concurso internacional, sendo o contra-almirante Brito e Abreu o que mais recentemente iniciou funções, como chefe dos serviços de informações (Intelligence) da Aliança Atlântica.

O novo comandante do Colégio Militar da Nato tem 53 anos, é piloto da Força Aérea com os cursos de Estado-Maior e Superior de Guerra Aberta e possui ainda o grau de «Master of science» em Psicologia, obtido nos Estados Unidos.

Pelágio Castelo Branco desempenhou diversas funções de docente ao longo da sua carreira, possui várias condecorações militares, entre as quais a medalha de prata de valor militar com palma e foi distinguido com o diploma «Paul Tissandier» da Fundação Aeronáutica Internacional, pela acção desenvolvida durante mais de 20 anos na formação da juventude em aero-clubes nacionais.

Quinta do Anjo repete eleições

No próximo dia 22 de Abril os cidadãos da Quinta do Anjo vão de novo às urnas para elegerem a Assembleia de Freguesia.

A consulta ao eleitorado foi anunciada na quarta-feira, em sessão pública da Câmara, pelo presidente Carlos Pezinho.

A repetição das eleições foi provocada por uma situação de impasse durante a assembleia para a constituição do executivo da junta da Quinta do Anjo.

Os presidentes das concelhias do PS e do PSD de Palmela assinaram um acordo após as eleições de 17 de Dezembro no sentido de juntarem votos para nas juntas de freguesia do concelho elegerem os seus homens para lugares de importância política.

No entanto, «por falta de conhecimento», segundo a CDU, ou por «falta de esclarecimento prévio do método de votação por parte do presidente da junta», segundo o PS e PSD, o que é certo é que depois de estarem votados dois vogais, os socialistas e sociais-democratas quiseram repetir a votação quando se aperceberam que estavam a eleger homens da CDU.



UNIVERSIDADE LUSÍADA

CURSOS DE MESTRADO EM DIREITO

Oficialmente reconhecidos, no quadro do ensino superior nacional, pela Portaria n.º 750/89, de 31 de Agosto, que conferiu à Universidade Lusíada a faculdade de concessão do Grau de Mestre, nas seguintes áreas de especialização jurídica:

- CIÊNCIAS DO DIREITO PRIVADO
- CIÊNCIAS DO DIREITO PÚBLICO
- POLÍTICA INTERNACIONAL E DIREITO COMUNITÁRIO

Os cursos têm a duração de 3 semestres, iniciando-se as especializações em Ciências do Direito Privado e do Direito Público no dia 5 de Março de 1990 e a especialização em Política Internacional e Direito Comunitário no dia 15 de Outubro de 1990.

Fazem parte do corpo docente, o Professor Doutor António Jorge Martins da Motta Veiga (Direito do Trabalho), Professor Doutor Manuel Duarte Gomes da Silva (Direito Civil), Professor Doutor João de Matos Antunes Varela (Direito Civil e Direito Processual), Professor Doutor António Manuel Pinto Barbosa (Economia Internacional), Professor Doutor Diogo Freitas do Amaral (Direito Administrativo), Professor Doutor Rogério Ehrart Soares (Direito Constitucional), Professor Doutor Orlando de Carvalho (Direito Comercial), Professor Doutor José João Gonçalves de Proença (Direito Internacional Privado), Professor Doutor Jorge Figueiredo Dias (Direito Penal) e Professor Doutor Armando Marques Guedes (Direito Internacional Público).

COORDENADOR DO CURSO:
PROFESSOR DOUTOR JOÃO DE MATOS ANTUNES VARELA

Informações e Inscrições:

UNIVERSIDADE LUSÍADA

Rua da Junqueira, 194 — 1300 Lisboa

Tel.: 363 99 44 - 363 80 48 - 64 78 79 - 64 80 10 - 64 81 45

Telex: 61306 LUSIAD P

Fax: 363 88 07

ECONOMIA

Celbi investe 60 milhões para produzir papel

A Celulose da Beira Industrial (Celbi) vai produzir papel em Portugal, disse à Lusa o seu administrador-delegado, Carl Edlund.

Esta decisão implica um investimento de 60 milhões de contos e foi possibilitada pela aprovação do projecto de expansão da linha de produção de pasta de eucalipto que a empresa tem na Figueira da Foz, o qual, por seu turno, exige investimentos de 96,5 milhões de contos. Segundo Edlund, a primeira máquina de produção de papel estará operacional a meio desta década e terá uma capacidade de produção anual de 200 mil toneladas.

A construção da unidade papelreira está dependente da conclusão daquela expansão. Esta demorará 30 meses e elevará a produção actual de 240 mil toneladas anuais de pasta para 600 mil em 1992.

A Celbi, em 1989, exportou 90 por cento da produção para a Grã-Bretanha, França, RFA, Suíça e Israel. Para a Suécia, "pátria" da empresa mãe, apenas foi um por cento.

"Guerra"

A Stora Kopparbergs Bergslags, AB (que tem 71 por cento do capital social da Celbi, onde tem o IPE como parceiro, com 23 por cento) ao anunciar a produção de papel não está a responder às acusações da Portucel e Soporcel, formuladas quando da apresentação do projecto de expansão, considerou Edlund.

Este responsável entende que «a Celbi, ao decidir aumentar a produção de pasta de eucalipto e avançar com um projecto de uma unidade papelreira, reduz as perspectivas de se verificar a instalação de uma fábrica de celulose na Galiza».

Sobre a necessidade de matéria-prima, adiantou que «a Celbi não pressionará muito o mercado português, até porque a floresta portuguesa tem capacidades para suportar o projecto», além de que «as exportações de eucalipto para Espanha passarão a ficar em Portugal».

Note-se que a Portucel é uma empresa de capitais públicos, ao passo que a Soporcel tem nos ingleses da Wiggins Teape o maior accionista com 42,8 por cento, seguido pela Sociedade Financeira Portuguesa, com 23,7 e a Caixa Geral de Depósitos, com 20. A operar em Portugal está ainda a Celulose do Caima, onde a empresa britânica da Eucalyptus Pulp Mills possui 56,8 por cento do capital.

Mini-mercados sempre abertos preocupam comerciantes

Rede comercial norte-americana vem instalar-se em Portugal e Espanha

Portugal vai ter em breve uma rede de mini-mercados abertos 24 horas por dia, quando a norte-americana Atlantic Richfield Company (ARCO) abrir estabelecimentos iguais aos que já possui não só nos EUA, como no Japão e na Formosa. Comerciantes contactados pelo DL mostram já alguma apreensão, embora adiantem não saber bem em que moldes se irão orientar estas lojas.

A União das Associações dos Comerciantes do Distrito de Lisboa reservou uma tomada de posição para um futuro breve, dado que «a actual direcção está a terminar o mandato, sendo certo que a próxima analisará o problema».

Também a Associação Nacional de Supermercados informou que esta questão merece uma análise. Em primeira fase fica a opinião de pequenos comerciantes que disseram que poderá haver o risco de se juntar, ao asfixiamento que sentem, causado pelos hipermercados, mais uma ameaça, «já que muitas pessoas, que controlam as suas horas por saberem que as lojas têm horários de fecho, passem a ficar mais descontroladas».

A ser assim, acrescentaram, haverá uma transferência de volume de negócios para essas novas lojas. «Não é por acaso



Comerciantes preocupam-se com futura concorrência

que elas existem e estão a ser alargadas a países como o nosso ou a Espanha», acrescentaram.

Vasta rede

Conforme foi divulgado em Los Angeles, a ARCO assinou uma licença de longo prazo e um acordo de «joint-venture» com a Indalsa, empresa com sede em Madrid especializada em lojas de comida e restaurantes, para

a instalação de 600 mini-mercados em Portugal e Espanha.

A empresa norte-americana ficará com 33 por cento da «joint-venture», enquanto a Indalsa ficará com o restante. Informação complementar adianta que os três primeiros estabelecimentos deverão aparecer ainda este ano em Madrid.

Estes mini-mercados terão

por objectivo captar clientes que procurem produtos que não compraram durante o dia, com especial reforço em bebidas, alimentos e detergentes. A informação proveniente de Los Angeles acrescenta que a maioria das lojas irá operar fora das montras, não ficando ligadas a estações de gasolina, ao contrário do que acontece nos Estados Unidos.

COTAÇÕES

Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	48\$10	54\$10
ALEMANHA FED. (marco)	87\$20	88\$40
ÁUSTRIA (xelim)	12\$40	12\$60
BÉLGICA (franco)	3\$980	4\$230
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	120\$70	123\$20
(notas de 5 a 1000)	121\$20	123\$70
DINAMARCA (coroa)	22\$60	23\$00
ESPAÑA (peseta)	1\$314	1\$434
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	145\$80	149\$30
(notas de 5 a 1000)	146\$30	149\$80
FINLÂNDIA (marka)	36\$95	37\$55
FRANÇA (franco)	25\$65	26\$35
HOLANDA (florim)	77\$35	78\$45
IRLÂNDIA (libra)	232\$20	236\$20
ITÁLIA (lira)	\$107	\$122
JAPÃO (iene)	\$968	1\$023
NORUEGA (coroa)	22\$55	23\$05
REINO UNIDO (libra)	248\$10	252\$60
SUÉCIA (coroa)	23\$80	24\$30
SUÍÇA (franco)	97\$65	99\$15
VENEZUELA (bolívar)	3\$171	3\$971

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Quase dez milhões de contos para prejuízos agrícolas

Do nosso correspondente em Bruxelas

Estima-se entre oito e dez milhões de contos o valor das medidas tomadas pelo governo português para acorrer aos prejuízos agrícolas causados pelas intempéries. Os montantes não se aproximam da realidade dos prejuízos, em virtude de não ser quantificável aquilo que não se semeou atempadamente ou as culturas que se perderam.

O ministro Arlindo Cunha participou durante dois dias, em Bruxelas, no Conselho de Agricultura dos Doze, que debateu o preço dos cereais, oleaginosas, frutas e legumes, bem como da carne bovina. Decisões sobre a matéria transitaram, nalguns casos, para o próximo Conselho, prevenindo-se que no decorrer de Março se efectuem dois plenários de ministros.

O governante português esclareceu que Portugal apresentou à Comissão uma listagem dos prejuízos causados pelas intempéries, região por região, dizendo que os danos são de vária ordem, ou seja no âmbito das infra-

estruturas e no domínio puramente agrícola.

Embora tivesse considerado, «sem dúvida», que 1990 seria um mau ano agrícola, Arlindo Cunha excluiu da previsão o girasol (provavelmente a atingir percentagens jamais verificadas) e o milho, que deverá registar bons resultados.

O ministro falou das alternativas encontradas por alguns produtores de milho, que optaram pela cevada e salientou a importância que teve para Portugal a definição do conceito de pequeno produtor.

Feira de agricultura

Os ministros dos Doze deslocaram-se à Feira Internacional de Agricultura de Bruxelas, onde o cavalo de raça «lusitano» constitui uma das grandes atracções.

O pavilhão português foi visitado pelo príncipe Alberto, irmão do rei Balduino e seu representante para as questões económicas. Recordar-se que o príncipe Alberto esteve recentemente em Portugal, chefiando uma delegação de empresários belgas.

José Rui Cunha

B R E V E S

Ciência deve cooperar com a indústria

A importância da cooperação entre a indústria e a comunidade científica foi ontem salientada pelo ministro Mira Amaral ao intervir numa reunião de sensibilização sobre a componente tecnológica do PEDIP.

Segundo o ministro, a comunidade científica é «uma fonte de desenvolvimento para a indústria», mas recordou que o seu Ministério não pode apoiar as instituições de ensino superior, a não ser numa perspectiva de projectos que interessem à indústria.

No entanto, salientou, o Ministério da Indústria está a trabalhar com o da Educação «no apoio a cursos com óbvio interesse para a indústria, a nível das escolas secundárias e superiores».

Inflação continua a subir

A inflação teve um acréscimo de 1,7 por cento em Janeiro, relativamente a Dezembro, situando-se o crescimento médio dos últimos doze meses em 12,6 por cento.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística, verifica-se uma relativa estabilização do ritmo de crescimento dos preços na generalidade das classes que constituem a base do índice de preços no consumidor.

A excepção a esta tendência é a classe de «alimentação e bebidas», que continua a apresentar uma variação média anual mais intensa (mais 13,4 por cento) que a apurada para o conjunto do índice.

Preço do arroz esturrado

Dos 60 escudos de aumento no consumidor que o arroz sofreu entre 1985 e 1989 apenas dez reverteram para o produtor, sendo os restantes 50 para a indústria.

Carlos Laranjeira, secretário-geral da Associação de Orizicultores de Portugal, vai mais longe ao afirmar que mesmo quando o preço baixa no produtor ele sobe no consumidor.

Este dirigente associativo queixa-se ainda que se verificam atrasos nos pagamentos aos produtores por parte de alguns industriais. No entanto diz que não está em guerra nem com estes nem com o Governo.

INTERNACIONAL

Intransigência do ANC provoca impasse

As aberturas do regime sul-africano do Presidente De Klerk quase esgotaram os trunfos do Governo de Pretória. A iniciativa pretende, agora, aos nacionalistas negros

Do nosso enviado especial

Duas semanas após o discurso do Presidente F. W. de Klerk, durante o qual foi anunciado a legalização do ANC, assim como outras reformas internas do regime de Pretória, muitas questões permanecem, ainda, em aberto. No imediato, uma pergunta sobressai: em que pé se encontra exactamente a África do Sul, numa altura em se desenha a construção de um novo futuro político e constitucional? Isto é, que distância separa ainda as posições relativas do Governo e das organizações nacionalistas, como o Congresso Nacional Africano (ANC)?

Depois da abertura histórica de F. W. de Klerk e da atitude moderada de Nelson Mandela, expressa em todas as suas intervenções públicas, subsistem ainda duas categorias de obstáculos que são geralmente considerados como estando a impedir o caminho para a abertura de negociações sobre a futura estrutura política, social e económica na África do Sul.

A primeira categoria engloba os problemas de segurança, que podem, também, ser considerados de natureza administrativa. A segunda, abrange as decisões políticas que ao longo dos anos construíram um bloco legislativo muito complexo.

No que se refere à primeira categoria de problemas, destacam-se principalmente dois obstáculos principais. A legalização do ANC e das outras organizações nacionalistas, assim como a libertação de Nelson Mandela, já foram ultrapassados. No que se refere à manutenção do estado de emergência, o Presidente sul-africano já eliminou muitos dos seus regulamentos específicos e anunciou, publicamente, que é a

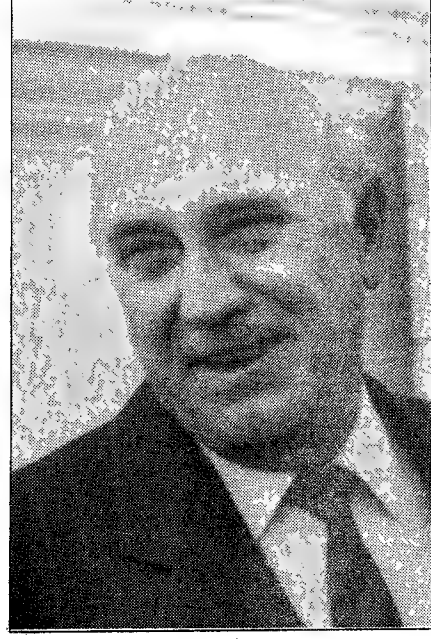
sua intenção elimina-lo por completo. Outras exigências estão também a ser levadas a cabo. O processo de libertação de presos políticos já começou, a pena morte foi suspensa até à revisão da lei em vigor, e as tropas sul-africanas já saíram da maior parte dos subúrbios residenciais negros.

Questões de segurança em aberto

No entanto, o problema da segurança do estado continua a dar que falar. Uma solução parece, no entanto, estar para breve. Mas dois problemas preocupam o Governo: a questão do controlo das multidões à volta de Mandela e o problema da violência na província do Natal - onde militantes da Frente Democrática Unida (UDF) e do movimento Inkata travam uma disputa de terreno que já causou mais de 2.500 mortos - são argumentos utilizados por Pretória para a manutenção de estado de emergência. No entanto, a longa amizade que liga Nelson Mandela - considerado próximo da UDF pelo seu posicionamento político moderado - e o líder Inkatha, poderá permitir uma solução do conflito, eliminando, assim, mais um impedimento.

A segunda categoria de obstáculos não é administrativa, mas sim política. O sistema legal na África do Sul é considerado pela oposição nacionalista negra como inibidora de uma actividade política normal. A discriminação racial ainda se encontra inscrita nos textos legais, nomeadamente na lei residencial, através do «Group Areas Act».

No entanto, questões como o das minorias, o do sufrágio universal, entre outros problemas legais, não podem ser



Oliver Tambo, Nelson Mandela e De Klerk: o futuro passa por aqui

resolvidos de um dia para o outro, sobretudo, se tivermos em conta o passado histórico da África do Sul.

Alguém tem de ceder

Resumindo, esta segunda categoria de obstáculos, que impede a abertura de negociações entre o Governo e os nacionalistas negros sul-africanos só pode ser resolvida, precisamente, através das próprias negociações. O dilema é, por isso, grande.

Assim sendo, e visto que Nelson Mandela confirmou, na passada terça-feira, num comício no Soweto, o seu alinhamento completo à política defendida pelo ANC, de intransigência no debate político e da manutenção da luta armada, a distância que separa o Governo dos nacionalistas negros é demasiado grande para que se iniciem já negociações. De certa maneira, a evolução dos acontecimentos minimizou a expectativa optimista que nasceu logo

após as declarações do Presidente De Klerk na abertura do Parlamento sul-africano, na Cidade do Cabo.

Alguém vai ter que ceder. O Governo, muito atacado pela direita conservadora, já jogou quase todos os trunfos, e neste momento, sem garantias do ANC, não está disposto a perder o jogo. Os nacionalistas negros, apanhados de surpresa pela reviravolta de De Klerk, não estavam preparados para rever as suas posições.

Mandela, por sua vez, já exprimiu o seu desejo de ir a Lusaka consultar as cúpulas do ANC que, desde a semana passada, estão a rever toda a sua política. Embora o ANC tenha mostrado até agora uma intransigência total em relação ao que foi estipulado na declaração de Harare, a verdade é que agora é a sua vez de jogar. A África do Sul, em peso, espera com ansiedade a próxima cartada dos nacionalistas negros.

Nuno Azevedo

Mandela quer compromissos com Pretória

O Congresso Nacional Africano (ANC) está disposto a compromissos com Pretória, quanto a um sistema político pós-apartheid, desde que sejam salvaguardados os direitos dos negros, disse hoje o seu líder histórico, Nelson Mandela.

«Devem fazer-se compromissos em todas as questões, desde que sejam no interesse não só de um grupo populacional, como também do país inteiro», afirmou Mandela, às perguntas de vários jornalistas presentes na Cidade do Cabo.

O líder histórico do ANC tem sustentado que a sua organização gostaria de tranquilizar os receios brancos da dominação negra, embora se oponha ao conceito governamental dos «direitos de grupo» (ou raça), que dariam uma protecção especial à minoria branca.

«Estamos conscientes dos receios dos brancos do país relativamente a serem dominados pelos negros e estamos a estudar esse facto com muita seriedade e muita atenção», disse Mandela. E acrescentou: «Estou convencido de que nas discussões entre o ANC e o Governo poderemos encontrar uma solução que seja aceitável por todos».

No entanto Mandela tem feito questão em realçar que seria «presunçoso» da sua parte «falar pelo ANC». «É o ANC que deve decidir sobre os compromissos a fazer», declarou, frisando: «Estamos prontos para compromissos dignos, sem cedência dos nossos princípios».

Nas entrevistas de hoje, o dirigente negro voltou a reafirmar a tese do ANC de que a luta armada deve continuar até ao fim do apartheid e o levantamento do estado de emergência. «Se a minoria branca deseja que a luta armada termine deve apoiar os esforços do Governo de De Klerk para negociar uma solução pacífica com os dirigentes negros», salientou Mandela. Segundo militantes do movimento, Mandela tenciona encontrar-se o mais cedo possível, provavelmente na próxima terça-feira, com a direcção do ANC exilada em Lusaca, na Zâmbia.

Foi lá que, ontem, o ANC deu início a uma reunião da Comissão Executiva Nacional para discutir a política futura e o papel de Mandela no seio da organização.

A agenda precisa do encontro não foi divulgada e fontes oficiais do ANC não disseram se aguardam que Mandela viaje desde a África do Sul para participar nos trabalhos.

O porta-voz do ANC para os assuntos internacionais, Hapo Mbeki, disse que os 35 membros da Comissão Executiva Nacional discutirão tudo o que tem acontecido desde o discurso do presidente De Klerk, no dia 2 de Fevereiro.

Outro dos assuntos em debate é a decisão do papel futuro do ANC no interior da África do Sul, face a outros grupos poderosos da luta anti-apartheid, como a Frente Democrática Unida (UDF). O ANC disse já que todos os movimentos terão o seu papel a desempenhar «como aliados na luta, mas sob a sua liderança». Esta reunião discutirá também a segurança de Mandela, pois, como disse um dirigente, «o ANC não confia a Pretória a segurança dos seus dirigentes».

Lusa

B R E V E S

URSS quer mediar cessar-fogo no Afeganistão

O presidente do Afeganistão, Najibullah, apelou ontem, véspera do primeiro aniversário do fim da retirada soviética, às forças da oposição, no país e no estrangeiro, para que participem em negociações de paz. O líder afegão ofereceu aos rebeldes Mujahedin, apoiados pelos EUA, um cessar-fogo de seis meses e anunciou que as tropas governamentais vão deixar de lançar mísseis de longo alcance se os rebeldes suspenderem, por seu lado, o lançamento de morteiros contra Cabul e outras cidades.

Primeira cimeira sobre narcotráfico

Cartagena das Índias é, hoje, a cidade mais vigiada do mundo. Mais de cinco mil homens das Forças Armadas colombianas e norte-americanas estão encarregues da segurança da primeira cimeira dos presidentes dos países produtores e consumidores de droga que hoje se iniciou na Colômbia.

Os presidentes da Bolívia, Jaime Paz Zamora, da Colômbia, Vergílio Barco, dos Estados Unidos, George Bush e do Peru, Alan Garcia irão discutir medidas

conjuntas para acabar com os assassinios e o narcotráfico. Calcula-se que foram cometidos cerca de oito mil assassinios políticos na Colômbia desde que, em 1985, os narcotraficantes do Cartel de Medellín se aliaram a forças paramilitares e fazendeiros para combater as guerrilhas nacionalistas, informaram fontes de organizações humanitárias, em Bogotá.

Segundo as mesmas informações, cerca de 70 por cento das vítimas eram militantes ou simpatizantes de esquerda, entre eles juizes, polícias e políticos.

A tarefa dos presidentes reunidos na Colômbia não vai ser fácil. Por exemplo, no Peru - produtor de 66 por cento de cocaína consumida no mundo - a erradicação da folha de coca representaria o desemprego para três mil pessoas. A rede de narcotráfico peruano ocupa 200 mil hectares de plantação, onde trabalha cerca de 20 por cento da população adulta.

Renamo ataca comboio sul-africano

O número de vítimas mortais do ataque desencadeado, ontem, por um grupo de rebeldes moçambicanos contra um comboio procedente da África do Sul, subiu para 55, noticiou a Rádio Moçambique. O ataque foi perpetrado por volta das 11 horas locais (9 horas de Lisboa), entre Chankulo e Movené, a cerca de 15 quilómetros da fronteira entre os dois países.

INTERNACIONAL

Grande parte da riqueza nas mãos dos Estados Unidos

A Colômbia para além da droga

Colômbia é quase um sinónimo de narcotráfico. Toda a Imprensa nos fornece imagens da guerra instalada neste país latino-americano contra a máfia da droga: Cartel de Medellín, Cartel de Cali, e por aí adiante. Fica-se com a sensação de que a Colômbia se restringe a isto e, por extensão, também a América Latina.

Como é natural esta imagem é um exagero, embora a Colômbia esteja, a todos os níveis, submetida a esta desprestigiada condicionante económica e social.

Como quase todos os países latino-americanos, a Colômbia nasceu para a vida independente no século passado, embora só viesse a ser conhecida com este nome a partir do ano de 1868.

Antes foi Nova Granada e, na altura em que se tornou independente dos espanhóis, em 1819, foi, com o Equador, a Venezuela e a província de Panamá, a República da Grande Colômbia.

Hoje, com o seu milhão e cem mil quilómetros quadrados de superfície e os seus

mais de 30 milhões de habitantes, a Colômbia está marcada pela violência: nove guerras civis entre 1830 e 1900, duas guerras com o Equador e 19 regionais.

O domínio das multinacionais

A Colômbia é um país de grandes riquezas naturais: petróleo, ouro, esmeraldas, platina, prata, carvão, café, bananas, peixe em abundância. A partir dos anos 60 passou também a ter marijuana e, dali a uma década, a coca ou a possibilidade de a importar e processar industrialmente (com produtos químicos provenientes dos EUA ou Alemanha Federal). Ora, estas riquezas concentram-se em poucas mãos: as multinacionais sediadas nos EUA controlam 80 por cento da exportação de bananas, 89 por cento de ouro, prata e platina e 98 por cento da produção eléctrica e do gás. Por outro lado, um por cento de empresários e terra-tenentes nacionais possuem 25 por cento da riqueza do país e,

entre estes, contam-se os narcotraficantes.

Sete milhões na miséria

De qualquer modo, os índices de desenvolvimento neste país são espantosos, apesar da violência com que ele se processa. Não são apenas os donos da droga que têm mercenários a soldo. Verdadeiros exércitos privados fazem parte das grandes fazendas ou das grandes empresas industriais, quer para expulsar camponeses ou deter greves, quer para assassinar líderes sindicais ou de esquerda.

Este desenvolvimento é surpreendente num país latino-americano. Alguns exemplos: o crescimento do Produto Interno Bruto passou de 1,6 a quase seis por cento em 1989; no sector mineiro o crescimento chegou aos 15 por cento, no sector industrial, a oito por cento.

Paralelamente tem aumentado o desemprego, o analfabetismo e o país tem quase sete milhões de pessoas na miséria absoluta.

Há que considerar também a economia paralela, derivada fundamentalmente dos fabulosos lucros que a droga produz. Os cálculos apontam que, por esta via, entram anualmente no país 800 milhões de dólares. Numa economia de mercado o fenómeno traz como consequência uma guerra aberta entre os diferentes competidores, base da guerra contra os narcotraficantes.

O problema económico da droga

O mesmo acontece com os EUA, que já contam com grandes produtores de marijuana, que competem com os colombianos e que necessitam de centenas de milhões de dólares para comprar cocaína.

A guerra contra a droga é, pois, mais que um problema moral, um problema económico.

Politicamente, a Colômbia pode-se definir como uma democracia parlamentar. Os partidos políticos que até agora mantêm peso eleitoral são o liberal e o conservador.

Se antes os seus programas possuíam uma disparidade relevante, hoje assemelham-se entre si, tendo em conta que a sua base económica é a mesma: empresários e terra-tenentes.

Neste aspecto, os narcotraficantes têm uma palavra a dizer.

Além de possuírem uma base social de apoio - desempregados que migraram do campo para a cidade -, compram ministros, chefes de polícia, militares, sena-

dores...

E é assim, esquematicamente, a Colômbia, em cujo contexto coexistem os narcotraficantes, os partidos do sistema, a guerrilha, as forças sindicais e políticas de esquerda e a grande vítima, por enquanto, de todos eles: o povo.

No ar, está sempre presente a possibilidade de uma guerra civil. Será esta a alternativa à actual situação?

André Martin

C R Ô N I C A

A última do brasileiro

Da nossa correspondente no Rio de Janeiro

Um dia perguntei ao Raul Solnado se os portugueses também contam muitas anedotas de brasileiros. O Raul respondeu:

- «E é preciso?»

Olho em volta de mim: não, não é preciso. Neste exacto momento, por exemplo, basta entrar num centro comercial para cair na gargalhada. Não há nada mais ridículo do que uma tabela de preços brasileira. Os jornais diários competem entre si para ver qual encontra a comparação mais esdrúxula, mas vai ser difícil ganhar ao «Jornal do Brasil» que descobriu que 52 calcinhas de seda custavam - há 20 dias - o mesmo que um automóvel Chevette, novo (200 mil cruzados novos), ou da revista semanal «Isto é», que já deu uma capa comparando meia dúzia de frangos, a NCz\$ 50 cada, a um insignificante batom da Payot, a NCz\$ 300. A pizza (média!) que encomendei ontem custou NCz\$ 450, quantia suficiente para comprar um ferro de engomar e voltar com troco para casa; um conjunto de calças e blusa em linho da Alice Tapajós, uma griffe chique de Ipanema, sai por NCz\$ 12 mil, bem menos que uma loja da especialidade leva por três electro-domésticos da maior utilidade: um aspirador de pó (NCz\$ 3990), um liquidificador (NCz\$ 1990) e um multiprocessador de alimentos (NCz\$ 3490).

Consumidores tontos

Querem mais? Uma camisa estampada de algodão (de manga curta!), sem nada que a distinga de milhares de outras camisas mais ou menos iguais, custa, numa loja de moda jovem chamada Ellus, a bagatela de NCz\$ 2720; uma enceradeira custa NCz\$ 1550. Nos restaurantes da Zona Sul do Rio de Janeiro (onde vivem as classes mais favorecidas), um jantar modesto para duas pessoas, com uma garrafa de vinho brasileiro, não sai por menos de NCz\$ 1000, preço certinho da embalagem de 120 ml do protector solar Sundown. Uma torradeira da marca Arno custa NCz\$ 910. Mas estes preços estão longe de ser valores absolutos: uma resma de folhas de papel pode custar NCz\$ 14 numa loja e NCz\$ 79 numa outra. A mesma pistola para jogos de vídeo era vendida na semana passada por NCz\$ 754 ou por NCz\$ 9 mil, consoante a loja. E assim por diante.

Os consumidores estão completamente tontos, é claro, mesmo porque, além do cruzado novo, lidam diariamente com pelo menos meia dúzia de índices de reajuste - que equivalem, na prática, a verdadeiras «moedas» paralelas. Os nomes (?) desses índices não ajudam a vida de ninguém: BTN, BTNF, UNIF, INPC, MVER, UFERJ, O RL (Real Livro), por exemplo, é o índice oficial dos livreiros e a UT (Unidade Taximétrica) é a medida dos táxis. Os cartões de crédito caíram, sem trocadilho, no mais completo descrédito e não são aceites em lugar nenhum. Ou são, se o consumidor topa pagar uns 60 por cento a mais sobre o preço à vista. Poucos topam. Já recebi cartas desesperadas do American Express e do Diner's Club tentando explicar a situação. Não conseguiram.

Ainda há pouco, o meu vizinho, que está procurando apartamento novo, veio pedir a máquina de calcular emprestada. É que um maluco qualquer pôs um anúncio em cruzados novos e ele precisava converter aquilo em dólares para saber quanto era.

Cora Ronai

Em quatro países africanos

Fome é agravada pela guerra

Moçambique, Angola, Etiópia e Sudão constituem o grupo de quatro países africanos em que 15 milhões de habitantes estão ameaçados pela fome devido à guerra, disse a Organização para a Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO).

Os gafanhotos produziram danos relativamente pequenos nas culturas africanas e a maior parte dos países terão alimentos suficientes devido às boas colheitas de 1990, refere um relatório especial da FAO sobre a situação alimentar na África sub-sariana.

Contudo, adverte: «Estão a surgir condições de fome no norte da Etiópia, no sul e oeste do Sudão e em grandes áreas de Moçambique e Angola».

A situação de abastecimento alimentar é estável na maioria dos países. Alguns outros, com grandes colheitas, necessitam do auxílio de países doadores para exportarem a sua produção excedentária, acrescenta.

O Zimbábue, Zâmbia, Tanzânia, Quênia e Mali tiveram todos grandes excedentes de cereais em 1989.

A FAO diz que a mais grave crise alimentar em 1990 se localiza na Etiópia, que necessita de 1,1 milhões de toneladas de auxílio alimentar, após a grave seca do ano passado no norte do país.

A FAO afirma que as

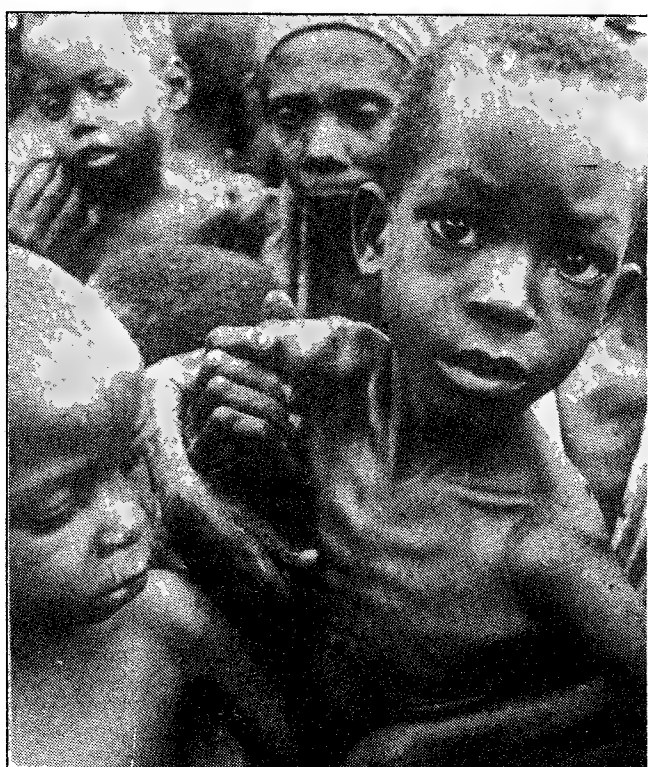


Imagem da fome na Etiópia

operações de socorro na Etiópia eram complicadas por duros combates entre o Governo e dois grandes movimentos rebeldes nas áreas mais necessitadas.

«Apenas um importante esforço internacional de auxílio evitará a perda de vidas nos próximos meses», acrescentou.

A FAO nota que os abastecimentos alimentares no sul e oeste do Sudão, regiões

assoladas pela guerra, são críticos, após fracas colheitas de sorgo em 1989.

Situação cada vez mais grave

«A situação agrava-se diariamente, com o aumento dos movimentos das populações desalojadas e afectadas pela guerra», nota o relatório.

Os 300 mil habitantes de Juba, capital regional do sul, enfrentam a «fome iminente»

devido a restrições dos voos de auxílio para o sul do Sudão, impostas em Novembro pelo Governo.

Seriam necessárias este ano cerca de 200.000 toneladas de auxílio alimentar para o sul e oeste do Sudão, mas a maior parte poderia ser conseguida com os excedentes de outras áreas do país.

As perspectivas para a produção cerealífera deste ano em Angola são más e o Governo angolano informou responsáveis da FAO que cerca de 2,6 milhões de habitantes seriam afectados por carências alimentares.

«A situação de abastecimento alimentar agrava-se e o número de pessoas desalojadas pela seca e pela guerra civil aumenta», refere o relatório da organização.

Angola e Moçambique

Angola necessitaria de 300 mil toneladas de auxílio alimentar durante os 12 meses que terminam em Março de 1990, mas apenas 150.000 toneladas foram prometidas e só chegaram ao país 29.000 toneladas, acrescenta o documento.

A FAO afirma que «actividades de bandidos, incluindo a sabotagem de infra-estruturas», prejudicam a distribuição de auxílio alimentar em Moçambique, outro país assolado pela guerra civil.

Redacção «DL»/Lusa

INTERNACIONAL

URSS em compasso de espera

Gorbachev retirou proposta para congresso extraordinário porque radicais exigiram mais tempo para analisar mudanças

O líder soviético, Mikhail Gorbachev, sofreu ontem à tarde um revés ao retirar do debate no Soviète Supremo a sua proposta de convocação de um congresso extraordinário dos deputados para o próximo dia 27, para alterar a Constituição.

Uma das alterações previstas é a que respeita ao monopólio do poder pelo Partido Comunista, consagrado no artigo seis da Constituição.

Gorbachev pretendia que se tomasse uma decisão imediata sobre a proposta, argumentando ser necessário resolver rapidamente importantes problemas.

Cedendo às objeções de deputados radicais, que exigiram mais tempo para discutir a questão, Gorbachev reiterou a proposta, optando pela discussão, nos próximos dias, do seu pedido de convocação de um congresso, sem data pré-estabelecida.

O Parlamento aprovou o seu compromisso por 304 votos contra 95.

Ao intervir na abertura da sessão de ontem, Gorbachev apelou aos membros do Soviète Supremo para que apoiassem o seu plano de instituição no país de um sistema presidencial de estilo ocidental.

Sublinhou, a propósito, a necessidade de reavaliar todo o mecanismo da tomada de decisões, do escalão máximo do poder ao nível de república e local.

Em sua opinião, a instituição do poder presidencial pode tornar-se o ponto fulcral deste mecanismo.

"Não se deve perder tempo"

"Quando se trata do destino do Estado, é necessário que os membros do Soviète Supremo, do Comité Central e do Governo fiquem acima do mero exercício das suas funções. Hoje não se deve perder tempo. Todos estes problemas devem ser solucionados", disse.

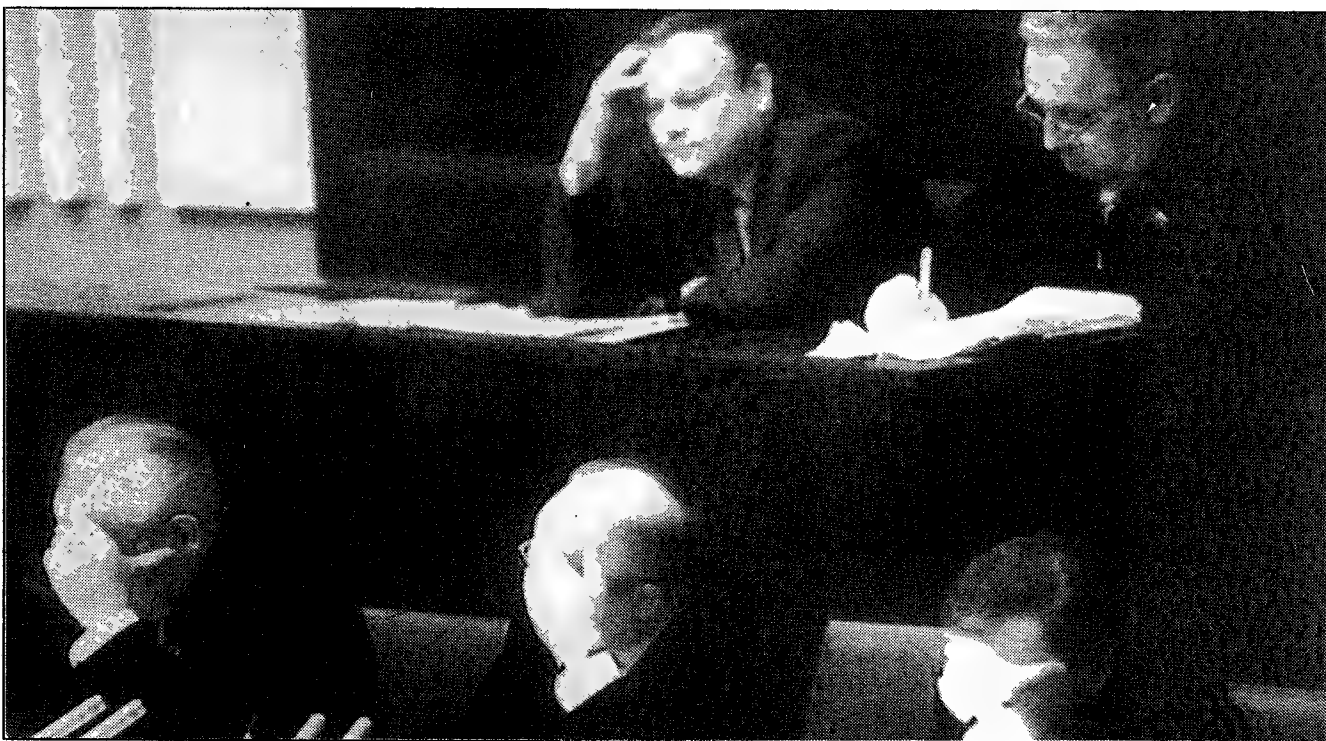
Segundo a agência Tass, "muitos intervenientes apoiaram em termos gerais" a proposta, tendo surgido divergências no tocante à data e ao processo de instituição do cargo de presidente.

Para outros, "alterações tão profundas do sistema político devem ser seriamente preparadas" e a questão da instauração de poder presidencial "solucionada após as eleições dos Soviètes Superiores das repúblicas".

Na sua intervenção, Gorbachev disse que garantir a ordem constituía uma prioridade.

"Se a democracia não for apoiada nem garantida pelos correspondentes mecanismos, a democracia morrerá e nós perderemos esta luta", sublinhou.

Chamou depois a atenção para a existência de forças de direita e de esquerda que desejam aproveitar-se da situação complexa, exortando



Os cinco dirigentes, incluindo Gorbachev, focados nesta imagem colhida durante a sessão do Soviète Supremo de ontem, revelam uma atitude de profunda reflexão

as primeiras a que se regressasse aos tempos antigos, e às outras que se permita uma cada vez maior abertura.

Justificando as medidas tomadas para travar os conflitos étnicos, disse que elas foram uma consequência do facto de os órgãos de poder das repúblicas nada terem feito para impedir e pôr termo às desordens.

"Onde estavam as milícias e as tropas do Ministério do Interior na altura dos " pogroms " contra a população

arménia, no dia 13 de Janeiro? Onde estava o Governo da república?, interrogou.

A importância do PCUS

Entretanto o primeiro-ministro soviético, Nikolai Ryzhkov, no terceiro dia da sua visita à Austrália, disse hoje que só o Partido Comunista pode construir uma sociedade livre na União Soviética.

Ryzhkov afirmou que "nenhum partido político ou

organização pode resolver melhor que o PCUS os problemas com que a sociedade soviética se debate actualmente.

"Esta é que é a realidade na actual situação", acrescentou.

O primeiro-ministro soviético excluiu a formação de uma confederação de repúblicas autónomas soviéticas, afirmando que tal estrutura asfixiaria o desenvolvimento económico do país.

Ryzhkov disse que a Per-

estroika, a política de reformas económicas e políticas empreendida por Mikhail Gorbachev é um processo irreversível.

As reformas "não foram iniciadas só porque pensamos que o tínhamos de fazer... mas porque percebemos que a sociedade soviética tem maturidade suficiente para mudanças e não podíamos adiar o futuro", disse o número dois do Kremlin.

Redacção "DL"/Lusa

Enquanto violência continua

Dirigentes demitem-se no Tajiquistão

Jovens manifestantes na república soviética do Tajiquistão atiraram ontem à tarde bombas incendiárias e garrafas de ácido sulfúrico contra as tropas que cercam a sede do Partido Comunista, enquanto os três principais dirigentes locais apresentaram a demissão.

Após o anúncio da demissão dos dirigentes da república, a multidão de manifestantes que horas antes havia atacado a sede do PC pareceu acalmar, embora a tensão no centro de Dushanbe, a capital do Tajiquistão, continuasse a ser grande.

Segundo a agência noticiosa Tass, cerca de cinco mil jovens percorreram as ruas da capital, pilhando, lançando fogo às lojas e edifícios e atacando os transeuntes, "independentemente da nacionalidade".

Linha dura continua a dominar no PCF

A maioria da direcção do Partido Comunista Francês (PCF), reunida em volta do secretário-geral George Marchais, venceu o confronto, por vezes violento, que a opunha a uma minoria reformista dirigida pelo ex-ministro Charles Fiterman, durante a reunião do Comité Central que ontem terminou. O CC do PCF reafirmou os princípios de organização interna, sobretudo o centralismo democrático, embora tenha declarado o seu apoio, «sem ambiguidades», à perestroika e à não existência de divergências com Gorbachev.

Nas conclusões da reunião, os comunistas franceses «renovaram o seu apoio às potentes forças de emancipação, expressão de uma aspiração histórica de libertação dos povos» visíveis no Leste da Europa. Ontem, no entanto, em entrevista à televisão francesa, Marchais advogou que a reunificação da Alemanha significaria o «esmagamento» da França.

Lusa

Perspectivas para a reunificação alemã avançam rapidamente

Tentando levar por diante uma nova fórmula em duas fases, que visa unificar a Alemanha sem afectar a segurança europeia, o ministro alemão federal dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher, conferenciou ontem com o primeiro-ministro britânico, Margaret Thatcher.

O ministro alemão federal disse que Thatcher lhe deu "enorme encorajamento" ao apoiar a unificação alemã.

Genscher chegou ontem a Londres, vindo de Otava, onde as quatro potências aliadas da II Guerra Mundial - Estados Unidos, União Soviética, Grã-Bretanha e França - aprovaram na terceira-feira a nova fórmula.

Os ministros dos Negócios Estrangeiros deste quatro países, que derrotaram a Alemanha nazi, reuniram-se com os seus homólogos das duas Alemanhas após as eleições de 8 de Março na RDA.

O anúncio de Otava não responde contudo a uma

preocupação fundamental: se uma Alemanha unificada será um país neutral, como pretende a União Soviética, ou um membro da NATO, como defendem os Estados Unidos, com forte apoio de Margaret Thatcher. Um breve anúncio afirma que as conversações se centrarão nos "aspectos externos do estabelecimento da unidade alemã, incluindo as questões de segurança dos Estados vizinhos.

URSS ainda não definiu posição

Em Estrasburgo, um conselheiro do Kremlin notou que a União Soviética ainda não definiu a sua posição em relação às implicações de segurança da unificação alemã, mas está disposta a assegurar que os alemães não voltarão a representar uma ameaça para a paz europeia.

Valentin Falin, antigo embaixador em Bona, disse numa conferência de imprensa que Moscovo estava disposto a assegurar que "uma Alemanha unida não

representaria, directa ou indirectamente, uma ameaça para qualquer outro Estado da Europa, ou mesmo exterior à Europa".

"Estamos convencidos de que há certas obrigações de parte de uma Alemanha unida quanto a não se envolver em actividades militares, ou tentar mudar as suas fronteiras", afirmou Falin, conselheiro do Presidente Mikhail Gorbachev e líder de uma delegação parlamentar soviética que visita o Parlamento Europeu.

O acordo de Otava foi entretanto saudado pelas autoridades das duas Alemanhas.

As dificuldades da RDA

Apesar do optimismo manifestado, os resultados da cimeira de Bona poderão não ser os melhores para o primeiro-ministro Hans Modrow, com os líderes da RFA adiando qualquer tomada de decisão importante para depois das eleições de 18 de Março na RDA.

O anúncio de Otava, de facto, resulta em parte de

receios de que a nação de Modrow esteja à beira do colapso económico, parecendo a união com a RFA o único caminho para a recuperação do país.

O apelo de Modrow para um auxílio económico de 9.000 milhões de dólares da RFA, para conter o colapso económico até às eleições, foi recusado pelo chanceler Helmut Kohl, e membros da delegação de Berlim queixam-se de Bona não pretender atender às suas pretensões.

Entretanto em Estrasburgo, a Irlanda, que detém actualmente a presidência da Comunidade Europeia, anunciou que convocará em breve uma cimeira dos líderes das 12 nações da CE para discutir a reunificação alemã.

Por outro lado, o primeiro-ministro polaco, Tadeusz Mazowiecki, pediu em Londres que o seu país seja incluído nas negociações sobre a unificação alemã, a fim de garantir a segurança da Polónia.

Redacção "DL"/Lusa

A encruzilhada alemã-II

Materialistas & Utopias

«O fim do comunismo excita a fantasia do Ocidente. E a herança do colonialismo? Já ninguém lhe liga nada. Todos estão fascinados pelo Leste, ninguém se importa mais com o Sul?»

Christian Wernicke

Kay Hermann, jornalista da revista *Stern*, tem um estatuto profissional de sonho e que facilmente gera feios sentimentos de inveja: os que ganham o pão com o suor da escrita. É um «colaborador livre mas fixo» da revista de Hamburgo e esta fórmula significa: está obrigado a escrever certo número de grandes reportagens por ano - o tema é inteiramente da sua escolha - e recebe uma soma fixa, um salário anual susceptível de causar vertigens.

Vive no campo, a centena e meia de quilómetros de Hamburgo, número este, suficiente para manter à distância e domada a metrópole hanseática do Norte. Por fora, o estilo da casa é rigorosamente rústico: amplas coisas verdes a servirem de passeio e a fingir ser relva, um certo desalinho na arquitectura paisagista da quintarola; arbustos, flores e alfaias da região tudo misturado, lembrando uma caldeirada vegetal. Por dentro, é a casa típica de um profissional da comunicação social: vários computadores ou maquinetas do género, livros meticulosamente emprateados, casetes e disquetes e vídeos impenetráveis a qualquer caos ou bandalheira.

Sentámo-nos à mesa, liguei o gravador e perguntei: «posso citar o teu nome?»

Claro que sim, respondeu. (Foi o primeiro das seis entrevistas que já fizera a não pedir anonimato ou sugerir disfarce.)

A minha primeira pergunta já estava madura e a cair de podre - tantas vezes a tinha já colocado: «porque é que aqui na RFA ninguém quer falar da unificação alemã?» E a

resposta veio logo, clara, sem rodeios e profissional: «Nós, alemães, somos mais materialistas que nacionalistas. A angústia que as pessoas da RFA sentem em relação a uma possível reunificação explica-se pelo receio de perderem o bem-estar material em que vivem.»

Mas na lei fundamental, ou, para sermos pragmáticos e sem perder tempo com floreios jurídicos, na Constituição, está a ideia da unificação alemã - argumentei.

«Desconfio que as pessoas acreditem muito - acreditar no sentido de ter fé - nessas fórmulas futuristas da Constituição; para mim, a questão é clara, depois da Constituição veio a CEE, e agora todas as alterações de fundo que vierem a produzir-se nas relações interalemãs terão de ser enquadradas no contexto da Europa.»

E depois acrescentou em jeito de análise: «os alemães, se exceptuarmos, talvez, os agricultores, ganham tanto dinheiro com a integração europeia que será muito difícil imaginar qualquer solução fora desse contexto. E isto, por causas materialistas: a Europa, a CEE, é boa porque dá dinheiro, o resto são cantigas.»

Mas explica-me, *bitte*, está contradição: americanos, britânicos, franceses, para já não citar os «poetas menores» do Ocidente, quase só falam hoje de reunificação alemã: os alemães, os visados, falam de tudo menos desse problema.

«Olha, penso que esses países que citaste, ainda vivem petrificados pelas angústias do Tratado de Rapallo (1922) e receiam uma reedição de Rapallo. A tradição alemã



Modrov e Kohl em Bona. A reunificação alemã é mais falado pelos estrangeiros do que pelo alemão comum

federal do pós-guerra - e já lá vão quase 50 anos - foi marcada por dois pilares fundamentais: um mínimo de política externa e um máximo de política económica. Isto é um facto; e por isso, devemos partir dos factos para as especulações académicas e não vice-versa» - acrescentou Kay.

E o nacionalismo alemão não poderá ressuscitar e sobrepor-se ao materialismo de que falas?

«Como mera especulação, aceito essa mensagem de perigo. Porém, nunca aqui, na RFA. Se o nacionalismo ressuscitar, será na RDA, lá sim, existe o perigo latente de um fascismo clerical.»

A conversa deslizava em regime de roda livre, perguntas académicas, respostas pragmáticas, tínhamos apalavrado 20 minutos e já ultrapassáramos os 60. O Kay Hermann para pôr termo à conversa, inverteu os papéis e entrevistou-me: «O que é que faz, agora, o Soares?» - É Presidente da República. «Solução pragmática, não

achas?»

Nessa noite, o casal amigo que me hospedou durante dois dias, a Slavka, advogada e o Carten, arquitecto e agente profissional de *design* ambos trintões, convidara para jantar um grupo de artistas espalhados pela região da Wendland, zona fronteiriça traçada a capricho pelo rio Elba. Da casa deles vemos o rio, a poucos metros de distância e mais além, a silhueta de uma aldeia da RDA. O sítio não poderia ser mais bem escolhido para conversarmos sobre as duas Alemanhas. Quando os hóspedes se sentaram à mesa, iniciei o meu discurso, obviamente, curtíssimo: o meu jornal pretende uma reportagem sobre a questão alemã; já falei com alguns políticos, académicos e jornalistas. Falta-me ouvir a voz dos artistas.

Uwe Bremer, pintor de créditos firmados, iniciou o leque das respostas: «o que se está a verificar com os refugiados da RDA provavelmente significará que a utopia existe, é claro que

utopia, por definição, é o lugar que não existe, mas a teoria da utopia é que, possivelmente, morreu. Não me repugna nada, aceitar que o Campanella e o Thomas More se enganaram - afinal, não há mais nada a descobrir. Acredito piamente que a seguir à guerra existiu uma utopia socialista, mas agora, os dali (e apontava com o dedo o outro lado do rio Elba) já não acreditam em descobertas porque está tudo à vista.» A Monika Müller-Klug, escultora, ou (na) própria autodefinição, criadora de objectos, chegou-se mais à psicanálise e conjecturou: «para mim, a onda de refugiados da RDA demonstra que chegou ao fim o complexo de culpa que nós, alemães, tínhamos em relação ao nazismo e aos milhões de

mortos que causámos. Quanto à unificação, só me interessa o aspecto turístico: poder aos fins-de-semana ir ao lado de lá como quem vai a Hannover e fazer exposições, por exemplo, em Magdeburgo.»

Tive de regressar a perguntas mais jornalísticas e a que os artistas manifestam certa alergia: reunificação alemã, um novo imperialismo? Perigo de uma nova guerra?

As respostas vieram em uníssono e encavalitaram-se todas umas sobre as outras: «de modo nenhum! Quanto à guerra, estamos conversados, nem nenhum alemão a pretende, nem ela seria possível. Quanto ao imperialismo económico, teoricamente é de admitir como especulação académica.

Mas nem mesmo esse imperialismo se poderá admitir - a concorrência é tão grande - Japão, Singapura, Coreia -, que nunca lá chegaríamos ainda que quiséssemos.»

Mas quando a Dagmar Brand lançou para a mesa das opiniões o seu sentimento pessoal, «eu não quero a reunificação porque com duas Alemanhas fraternas e de relações normais, a segurança é maior», o Klaus Grosskopf acrescentou: «essa história da reunificação lembra-me aquele homem que nunca bebia vinho. Um dia perguntaram-lhe, porque não bebes álcool?, e ele respondeu: não bebo para não ser levado a praticar acções que não quero.»

Ao fim de uma hora de conversa o tema ficara esgotadíssimo, e um denominador comum poderia ser tirado por qualquer criança da escola primária: a unificação, uma possível reunificação, não interessa a ninguém. E o Carsten tirou a ilação que se impunha: «Em Leipzig, em Dresden, em Berlim vemos demonstrações de rua com centenas de milhares de pessoas; na RFA alguém conseguirá organizar uma manifestação de cem pessoas para exigir a reunificação?»

O tema ficara esgotado, mas a refeição e conversa da noite, não. Tinha-se passado uma hora, já todos (éramos oito pessoas) enjoavam a questão alemã, e ainda faltava comer algumas vitualhas e conversar sobre arte e artistas por mais duas horas. E o observador lusitano registava: a «questão alemã» das duas Alemanhas, poderá ser francesa, euro-comunitária, americana ou britânica, *alemã* é que ela não é para normais cidadãos da RFA.

José S. Monteiro

«Escumalha»

O primeiro artigo da série «A encruzilhada alemã», intitulado «Escumalha» e inserido na nossa edição de ontem, foi, por lapsos, publicado sem assinatura, do que pedimos desculpa ao autor, José S. Monteiro, e aos nossos leitores.

COMARCA DE POMBAL

ANÚNCIO

para citação de credores desconhecidos

Pelo Juízo de Direito desta comarca, 1.ª secção, correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Carlos Alberto Garcia Oliveira, casado, comerciante, residente em S. Romão - Seia, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Dimogrup - Sociedade Distribuidora de Materiais de Construção Lda., desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Pombal, 1 de Fevereiro de 1990.

O Juiz de Direito,
Maria Fernanda Pereira
Soares

O Escrivão,
Maria Manuela de Jesus
Ramos

«DL» 1.ª Pub. - 15/2/90

TRIBUNAL DO TRABALHO

DE LISBOA

4.º JUÍZO

ANÚNCIO

A DOUTORA MARIA MARGARIDA LEANDRO MARTINS, Meretíssima Juíza de Direito junto do quarto Juízo, terceira Secção, do Tribunal do Trabalho de Lisboa:

Faz saber que por este Juízo e secção, correm seus termos uns autos de Contrato Individual de Trabalho sob a forma Sumária registados sob o n.º 304/87, em que é Autor SAUL DE JESUS ROCHA, residente no B.º das Loureiras, Lote 70 - Camarate - Sacavém e Réu FERNANDO DOMINGOS DOS SANTOS e Outros, cuja última residência conhecida foi na Av. Afonso III, Lt. 2 - 10.º Esq., em Lisboa, e por este meio é o referido Réu notificado de que por despacho proferido em 6 de Fevereiro de 1990, foi designado o dia 5 de Abril de 1990, pelas 14.30 horas, para se proceder a Audiência de Discussão e Julgamento nos referidos autos, devendo apresentar as suas testemunhas no julgamento nos termos do art.º 88.º, n.º 2, do C.P.T. e de que é obrigatória a sua comparecimento pessoal no dia e hora acima indicada e ainda de que tem, até ao dia do julgamento, para efectuar o preparo para o mesmo, encontrando-se as respectivas guias de depósito à disposição do Réu, nesta secção e Juízo.

Lisboa, 6 de Fevereiro de 1990.

A Juíza de Direito,
(assinatura ilegível)
A Escrivã,
Ana Paula Moreira

«DL» - 2.ª Pub. - 15/2/90

INTERNACIONAL

Militares belgas estacionados na RFA não querem ser «retornados»

Do nosso correspondente em Bruxelas

A Holanda decidiu, unilateralmente, retirar parte do seu contingente militar estacionado na Alemanha Federal. Só posteriormente obteve a aprovação da NATO. A Bélgica tem 25 400 homens na RFA e o seu previsível regresso está a causar celeuma. A maioria dos militares rejeita a mudança. Uns constituíram família naquele país, temem a perda de privilégios, consideram-se desnaturalizados e, para eles, o regresso representa um salto para o abismo. As estratégias políticas não se compadecem com dramas humanos. Por isso, as «sentinelas» belgas vão transformar-se em «retornados».

A Aliança Atlântica não reconhece que o anúncio da retirada dos militares holandeses a colheu de surpresa. O seu aliado também não pretendeu empolar a questão, limitando-se a reconhecer que a NATO lhe concedera a aprovação *à posteriori*. Por seu turno, o comando-geral da Aliança informou tratar-se de uma medida ligada à assinatura de um primeiro acordo de desarmamento convencional, que prevê a retirada progressiva de tropas durante 1991/92.

A questão belga assume, todavia, outra dimensão. Os alemães começaram já a perguntar-lhes: «O que fazem aqui? Onde está o inimigo?» - numa alusão às transformações que se operam no Leste e à possível unificação das duas Alemanhas. Perfeitamente integrados na sociedade da RFA, muitos deles casados com cidadãos daquele país, os militares temem estar a caminhar para um «ghetto», até hoje nunca se sentiram intrusos em terra estranha. No entanto, o curso dos acontecimentos, poderá remetê-los para um beco que, mesmo assim, não ousariam abandonar. Em 1968, o chefe jurara-lhes que tinham ido

por seis meses. Em 1990, eles permanecem na RFA.

Os peritos da NATO, em Bruxelas, enquadraram a situação destes militares num panorama mais lato, que não tem tanto a ver com a questão alemã, mas com os progressos no desarmamento acordado entre os dois blocos militares.

Para a Aliança, o problema não é belga, nem holandês. Está relacionado com percentagens de militares a retirar e, nessas operações, os interesses estratégicos sobrepõem-se aos de um determinado país que, além do mais, possui uma percentagem relativamente pequena de militares estacionados noutro Estado membro da NATO. Os belgas não interpretam o problema da mesma forma. O número apontado, mais os respectivos agregados familiares, pode representar um desequilíbrio grave num país, como a Bélgica, que tem as dimensões do Alentejo. Por outro lado, não faltam argumentos para conferir relevo à questão. Para além do caso dos militares, há quem venha recordar que a maior comunidade belga no estrangeiro está radicada na África do Sul onde os acontecimentos políticos são uma incógnita. Nesta perspectiva, o pequeno país do centro da Europa poderia inesperadamente ver-se a braços com a situação que Portugal já conheceu: o regresso rápido e massivo de nacionais a residir fora do país.

As sentinelas estão acordadas

Os militares belgas começam a ser abordados por alemães para a eventualidade de alugarem as suas casas. Estas atitudes funcionam como meio de pressão de que os belgas não se alheiam. As mulheres, alemãs ou não, têm emprego na RFA. O regresso não as conduziria ao desemprego? Evidentemente que sim e os militares não deixam

até de referir a especulação imobiliária que se vive na Bélgica, factor que seria decisivo na sua instalação.

Por outro lado, há outro tipo de tensões que se podem criar mesmo no seio do corpo de militares. Na eventualidade de um regresso, que vem primeiro? Tudo isto são questões quase superficiais mas que, aos olhos de quem as vive, se transformam em

dramas fantasmagóricos.

Os belgas consideram-se as «sentinelas» da Alemanha Federal. Hoje, mais do que nunca, as sentinelas estão acordadas. Provavelmente, já não sabem onde está o inimigo ou, pior, se ele existe.

O primeiro corpo do exército belga, os Wing Missiles e o serviço médico são constituídos por divisões, brigadas e batalhões. Uma

missão estratégica extremamente importante foi-lhes confiada e estão armados com material convencional e nuclear. A maioria das tropas belgas estão concentradas em Colónia e reparte-se por uma área de 18 mil quilómetros quadrados. O número de pessoas radicadas, para além de dar emprego a milhares de civis, alguns de nacionalidade alemã, provocou a

criação de uma estrutura gigantesca, nomeadamente constituída por 52 escolas, 34 armazéns de abastecimento, 23 messes e casas de convívio. Mas o convívio está a rarear. Primeiro entre belgas e alemães. Depois... entre flamengos e valões. Mais vigilantes, as «sentinelas» podem já ter uma certeza: a do regresso. Mais tarde ou mais cedo.

José Rui Cunha

Militares romenos rejeitam compromisso com Governo

Manifestantes militares rejeitaram cantando, hoje de madrugada, o compromisso com o governo do primeiro-ministro Petre Roman que visava manter a unidade das Forças Armadas da Roménia. Na praça Victoriei, em Bucareste, 400 homens uniformizados cantaram de pé refrões como «não partiremos» e «satisfazam as nossas reivindicações». Os manifestantes reagiam a um comunicado de 40 oficiais que tinham negociado com o Governo uma lista de 13 reivindicações dos militares. Entre elas figurava a demissão dos ministros da Defesa e do Interior e a sua substituição por civis. Depois de negociações com o governo, o grupo de oficiais anunciou a nomeação de uma comissão para estabelecer a verdade sobre o papel do Exército na revolução de Dezembro. A questão dos ministros só será abordada após as eleições de 20 de Maio.

Informação

Caminhos de Ferro Portugueses

COMUNICADO

1. A CP iniciou, ainda em 1989, negociações para a revisão salarial de 1990 com todos os Sindicatos e veio a concluí-las com os que integram a UGT a 30 de Novembro.
2. Durante aquele período, o Sindicato dos Maquinistas recusou-se a negociar o AE 90, pretendendo impor, antes disso, a negociação de:

- Reformas aos 55 anos
- Revisão do regulamento de carreiras
- Atribuição de correcção salarial para 1989

3. Com esta atitude, prosseguida persistentemente, o Sindicato dos Maquinistas deixou que um conjunto de Sindicatos extremamente representativo dos ferroviários chegasse a acordo com a Empresa, sobre matérias comuns às dos maquinistas e através do qual se esgotaram também por completo as capacidades financeiras da CP.
4. É neste quadro que o Sindicato dos Maquinistas acusa agora a CP de não querer negociar.
5. Porém, na passada semana, a CP, consciente da natureza do serviço que presta e apesar das limitações financeiras atrás referidas, ofereceu em duas reuniões:

- Revisões nas cláusulas das «Ajudas de Custo» e do «Prémio de Condução», ambas para os maquinistas, as quais em conjunto representam cerca de 50 000 contos anuais
- O início do processo de reforma aos 55 anos para 40 maquinistas com situações mais prementes
- Um esquema de revisão do Regulamento de Carreiras.

6. Face a este leque de ofertas e à impossibilidade da Empresa alterar o que já tinha sido negociado com outros Sindicatos, o Sindicato dos Maquinistas convocou para a passada sexta-feira um plenário de delegados sindicais, no qual, com surpresa para a CP, imperou o radicalismo contra o bom senso ao decidir prosseguir a greve até ao próximo dia 19 de Fevereiro.
7. A CP lamenta todos os transtornos que esta greve injustificada está causando aos seus passageiros e restantes clientes, mas tem também plena consciência de que ceder a exigências inaceitáveis será prestar um mau serviço ao País e a ela própria.
8. É nesta certeza que a CP se afirma pronta para assinar um acordo com o Sindicato dos Maquinistas nos exactos termos de todas as propostas já formuladas, recusando-se a aceitar atitudes que se configuram com actos de abuso do direito à greve e com o ilegítimo atropelo dos direitos dos clientes, ao serviço de benefícios injustificados que, a serem aceites, provocariam situações de injustiça relativa no seio da Empresa.

O CONSELHO DE GERÊNCIA

LISBOA, 12/02/90



**Caminhos de Ferro
Portugueses**

Na falta de um projecto pronto para avançar com o caminho-de-ferro na ponte de Lisboa, o Executivo optou por dar prioridade ao alargamento do tabuleiro rodoviário. As vereações de Lisboa e Almada não estão pelos ajustes e argumentam que o alargamento não resolve os problemas fundamentais da circulação de pessoas entre as duas margens, ao contrário da solução ferroviária

Ponte de Lisboa: autarcas contestam decisão do Governo

Que fazer à Ponte 25 de Abril? «A solução é alargar, prioritariamente, o tabuleiro superior», dizem uns. «O melhor seria construir uma via-férrea na parte inferior da ponte», afirmam outros. As opiniões dividem-se entre o Governo, por um lado, e autarcas por outro.

Um facto é que passar pela Ponte 25 de Abril tornou-se um sacrifício, sobretudo para aqueles que têm de atravessar o Tejo nos seus afazeres diários.

Segundo os dados estatísticos da Junta Autónoma de Estradas, em 1989 passaram pela ponte 33 578 820 veículos, isto é, mais 40 por cento que em 1985.

Um número que tende naturalmente a aumentar. É indispensável, de facto, encontrar uma solução urgente para o estrangulamento.

Nesse sentido, o Governo achou por bem alargar prioritariamente o tabuleiro superior.

O ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, Oliveira Martins, disse ontem ao «DL» que «a prioridade continua a ser o alargamento do tabuleiro, porque neste momento ainda não estão prontos os projectos para a construção da linha férrea. Os estudos que existem são de 1970 e estão mais que ultrapassados. Por isso foi criada uma

comissão constituída pela Junta Autónoma de Estradas e pelo Gabinete do Nó Ferroviário de Lisboa, com o objectivo de apresentarem um projecto da via-férrea. Segundo o engenheiro Antunes da Cunha, presidente do Nó Ferroviário, esse projecto só estará pronto em finais de 1991. Até lá, o Governo decidiu alargar o tabuleiro, para aliviar a situação».

«Existe, por parte do Governo, plena consciência de que a instalação de um comboio a ligar as duas margens é muito mais funcional do que o alargamento do tabuleiro, para além de responder às necessidades existentes. Mas para já temos de avançar com esta última solução», acrescentou o ministro.

Quanto ao custo do alargamento do tabuleiro, Oliveira Martins disse que ficou surpreendido. «A JAE estimou a obra em cerca de cinco milhões de contos. Foi aberto um concurso internacional e surgiram orçamentos na ordem dos 11 milhões de contos. Fiquei surpreso com isto e pedi novo estudo à JAE. A estimativa inicial foi confirmada, dizem que cinco milhões de contos é o preço real. Abriu-se, entretanto, outro concurso, cujos resultados deverão ser apresentados até Março próximo», concluiu Oliveira Martins.



O ministro das Obras Públicas diz ter consciência que a via-férrea é a solução, mas esta tem de ficar para uma segunda fase

Mas há quem tenha uma visão diferente de toda esta questão, designadamente Edgar Cardoso, considerado como um conceituado especialista em pontes.

Saturação a curto prazo

«Para a mim a solução prioritária é a construção de uma via-férrea que permita

o transporte de grandes massas de população e não a instalação de mais vias para automóveis. Com o alargamento da rodovia, Lisboa fica mais saturada com automóveis e quando as obras terminarem, a ponte já não chega outra vez.»

«Ao ser instalado, o caminho-de-ferro aumentará cinco a dez vezes a capacidade

de circulação. Fazemos agora uma obra, que daqui a dez ou quinze anos não está saturada. Com o alargamento do tabuleiro superior, quando a obra acabar já se tem de fazer outra. Penso que decisão do Governo é um perfeito disparate.»

Edgar Cardoso foi o principal responsável pelo projecto inicial da ponte, em 1966. E como tal, fez questão de demonstrar ao «DL» o seu profundo conhecimento sobre esta construção. Explicou como irá ser instalada a via-férrea que ligará as duas margens.

Segundo Edgar Cardoso, «a via-férrea será instalada sobre os elementos da face inferior da viga de rigidez. Um viaduto será construído no tabuleiro metálico, leve, apoiado nas travessas horizontais e respectivos pilares».

«Todo este reforço, que é indispensável, é muito caro e não vale a pena. Eu consigo colocar o comboio sem reforçar nada e fica seguro na forma, como é evidente.»

«No entanto, se quiserem alargar o tabuleiro superior e pôr por baixo a via-férrea é preciso fazer o tal reforço. Eu estudei tudo ao pormenor e ainda dizem que não conheço a ponte?! Conheço-a tão bem como a palma das minhas mãos!», acrescenta.

Falcão e Cunha, ex-secretário de Estado das Vias

de Comunicação, dá a entender que o futuro da Ponte 25 de Abril não é nenhum «bicho de sete cabeças». A solução é simples: «basta reforçar os cabos, para que a estrutura suporte o alargamento do tabuleiro e a instalação da via-férrea. Esta foi a informação dada pelos projectistas pertencentes à empresa norte-americana que construiu a ponte em 1966. Enquanto técnico, pois é nesta condição que presto declarações, penso que a execução das duas obras, com prioridade para o alargamento da rodovia, solucionaria a saturação a que a ponte está sujeita e não encarece demasiado o orçamento inicialmente previsto, sendo perfeitamente sustentável. A começar já, penso que em 1995/96 as obras estarão terminadas.»

Falcão e Cunha acrescentou ainda que, com o alargamento do tabuleiro, a circulação de veículos passa de seis mil para nove mil por hora.

Papel estruturante da via ferroviária

Mas estes números não convenceram Leonor Coutinho nem Artur Cortês, respectivamente vereadora da Divisão de Tráfego e Transportes e vereador do departamento das Obras Municipais da Câmara de Almada,

Custos sobem em espiral

Em 1966 a ponte custou dois milhões de contos. O orçamento previsto para a instalação da linha férrea monta hoje a cerca de 40 milhões

No dia de inauguração na Ponte 25 de Abril, então Ponte de Salazar, a 6 de Agosto de 1966, o ministro das Obras Públicas, Arantes e Oliveira, afirmou que «o lançamento da linha férrea sobre a ponte hoje inaugurada deve verificar-se em futuro próximo».

Quase 24 anos depois o Governo diz que a via-férrea será construída «num futuro próximo», dando prioridade ao alargamento do tabuleiro superior.

Em 1966 a ponte de Lisboa foi considerada uma obra majestosa sobre a qual se previa um movimento de 15 mil veículos por dia, dos quais 14 mil seriam carros ligeiros.

«Tal como está nesta fase da sua abertura ao tráfego a ponte terá uma capacidade de escoamento de 3 mil veículos por hora em cada sentido», publicava o «DL» na altura.

«Esta obra foi planeada com toda a segurança e o perfeito conhecimento que tínhamos da sua importância levou-nos a planear a sua execução por forma a reduzir-se ao mínimo tempo para a realizar. Este excelente resultado foi possível pela alta competência da firma adjudicatária United States Steel International (New York) Inc. e das suas 18 associadas, onze das quais portuguesas», disse o engenheiro Canto Moniz, no dia da inauguração da ponte.

Hoje, Edgar Cardoso confessa que «aquela não foi a melhor obra que se podia ter feito, mas sim o pior. Desde que a construção começou nunca mais lá fui, porque não concordei com a execução daquele projecto. Era uma solução antiquada, embora se julgasse boa», afirmou.

Foi estipulado, naquela altura, que cada automóvel vulgar pagasse uma portagem de 20 escudos e uma camioneta de passageiros 100. «Com a cobrança destas quantias vai a administração desta nova obra realizar anualmente uma soma que se calcula, para esta primeira fase de funcionamento, em cerca de 100 mil contos, receita que aumentará gradualmente em função do aumento do tráfego. Essa receita destina-a o Estado às despesas de conservação e exploração e ao custeio dos encargos de financiamento com as sucessivas amortizações a que dará lugar», publicou o «DL», em 1966.

No ano passado, as receitas da ponte atingiram 1 348 047 contos e o seu destino continua a ser a conservação e exploração. Quanto aos encargos de financiamento, há muito que não existem.

Continuando a falar em números, a construção da ponte 25 de Abril custou cerca de 2 milhões de contos. As obras que se preten-

dem ultrapassar os 40 milhões de contos, segundo o Gabinete do Nó Ferroviário de Lisboa.

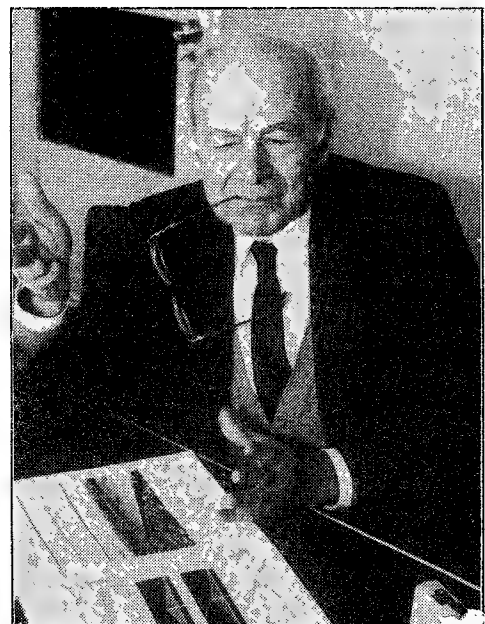
Foi nomeada uma comissão com o objectivo de fazer o estudo que levou o Governo a protelar a instalação do comboio que ligará as duas margens, segundo disse o ministro das Obras Públicas. Essa comissão é constituída pelos engenheiros Carlos Castro e Lobo da Costa, do Nó Ferroviário de Lisboa e por Maia Coutinho e Canto Moniz, da Junta Autónoma de Estradas.

Antunes da Cunha, presidente do Nó, disse ao «DL» que «o acesso norte à linha de cintura custa cerca de dois milhões 350 mil contos; o reforço estrutural da ponte, viaduto e ligação férrea custarão 16 milhões 640 mil contos, e o acesso ao Pragal, que é feito através de um túnel já construído, será de 250 mil contos».

«Neste projecto está incluída a ligação ferroviária do Pragal ao Pinhal Novo, que custará cerca de 20 milhões de contos», concluiu Antunes da Cunha.

O presidente do Nó Ferroviário esclareceu ainda que estes preços foram estimados em 1988. «Quando as obras começarem é natural que sofram uma alteração», disse.

A ponte levou 45 meses a ser construída. Em relação a estas obras prevê-se que o alar-



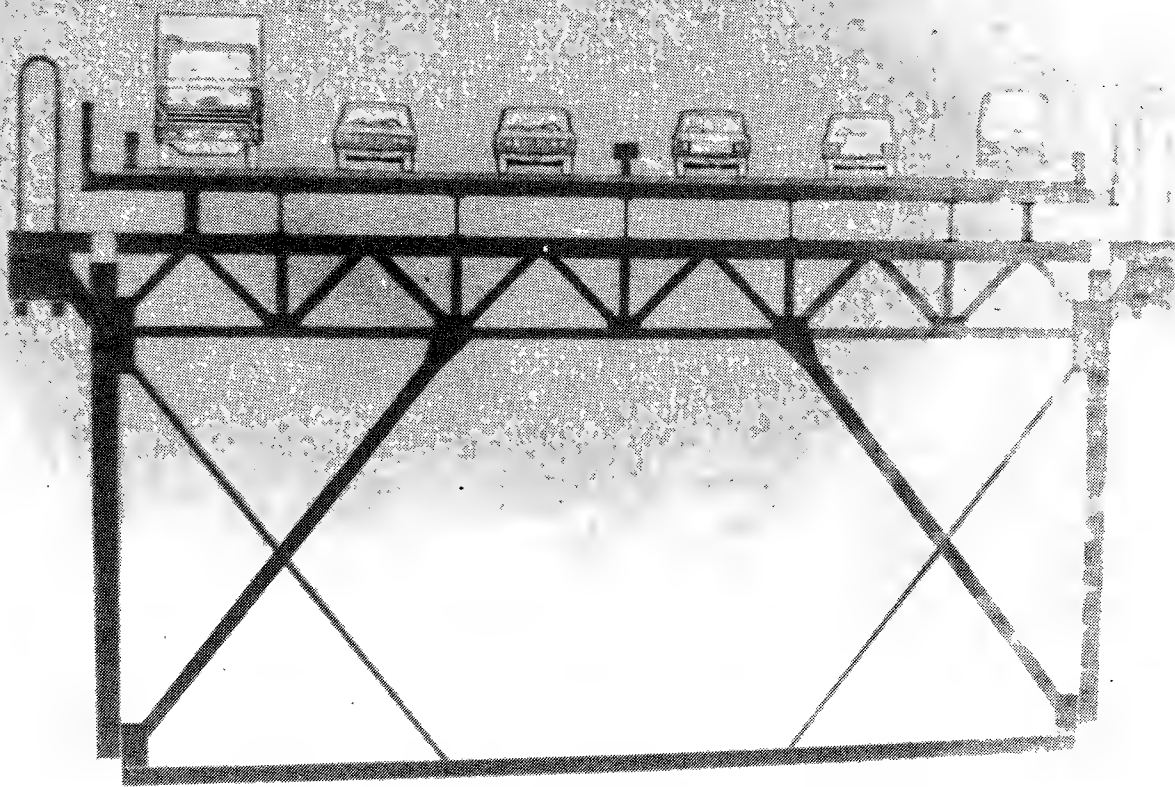
Edgar Cardoso, conceituado especialista em pontes, diz que «a Ponte 25 de Abril foi o pior que se podia ter feito»

gamento do tabuleiro esteja pronto em finais de 1991 e a via-férrea em 1996 ou 1997.

«Em relação ao tempo, perguntámos à firma norte-americana que construiu a ponte em 1966 e disseram-nos que em menos de seis anos a obra não estaria pronta. Por isso, se não houver imprevistos, na segunda metade da década devemos ter linha férrea.»

PONTE SOBRE O TEJO

TABULEIRO COM 6 VIAS



O alargamento do tabuleiro superior permitirá a circulação de mais três mil veículos por hora

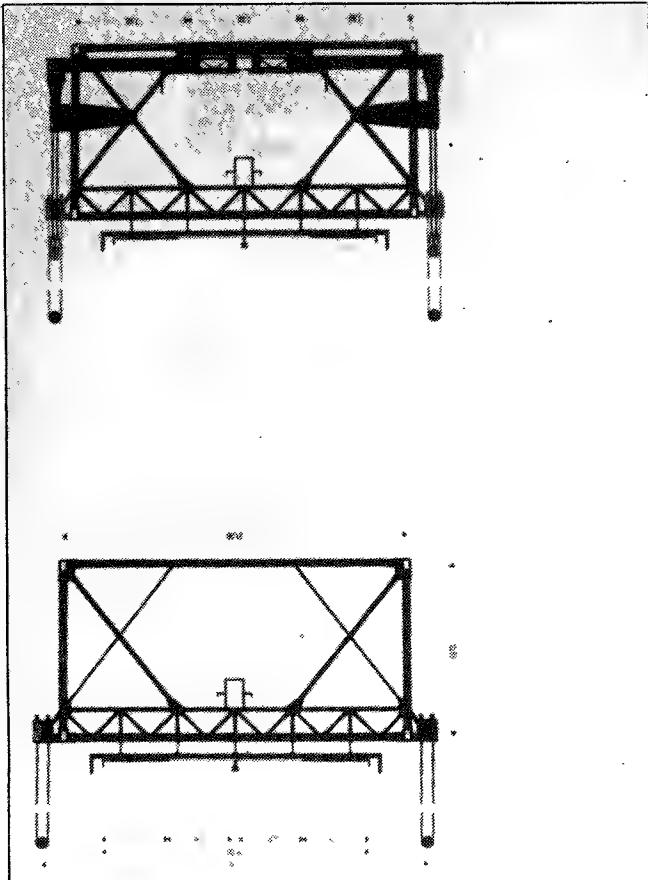
para quem o alargamento do tabuleiro não resolve o problema.

Diz Leonor Coutinho que «actualmente passam pela ponte, numa hora, cerca de 13 mil pessoas. A necessidade de transporte entre as duas margens, só a nível das deslocações obrigatórias, estima-se, este ano, na ordem das 70 mil por dia. Com o alargamento do tabuleiro a ponte ficaria com uma capacidade para mais 1800 a 2 mil veículos por hora. Em 70 mil, não resolve a situação. É mais uma vez o adiar do problema e não encarar a estruturação necessária da margem sul».

Os autarcas sustentam que «é preciso ver que o transporte rodoviário não estrutura o território. Neste sentido a solução ferroviária, como prioritária, é indiscutível».

Apesar da decisão pertencer ao Governo, as autarquias implicadas têm algo a dizer. E neste sentido, Machado Rodrigues, vereador da Câmara Municipal de Lisboa, manifesta-se igualmente a favor da instalação prioritária da linha férrea.

«A Câmara Municipal de Lisboa entende que uma ligação norte-sul e um caminho-de-ferro, mesmo com funções suburbanas, vêm aligeirar a pressão do tráfego que neste momento incide sobre a cidade de Lisboa. Qualquer outra prioridade, designadamente o alargamento do tabuleiro supe-



No tabuleiro inferior da ponte, devidamente reforçado, circularão os comboios

rior da ponte, vem agravar a situação, já anacrónica, que se verifica na circulação em Lisboa. A Câmara vai formalmente pedir ao ministro das Obras Públicas para suspender essa decisão e acelerar os trabalhos para o estudo de construção do eixo ferroviário», afirma o edil.

Segundo ainda Machado Rodrigues, o ministro Ol-

iveira Martins apresentou um argumento na televisão que não convenceu: disse ele que com o alargamento do tabuleiro proporciona-se a passagem de mais três mil veículos, que irão facilitar a vida de alguns habitantes que moram na margem sul. Eu julgo que ficaria melhor servir toda a população da margem sul nas ligações

viárias se houvesse uma linha férrea que permitisse uma fluidez de transporte.

«Essa ligação poderia ser de um tipo de um eixo expresso-regional que, vindo inserir-se na cintura interna ferroviária de Lisboa, poderia continuar pela linha do norte, até Vila Franca de Xira, ou podia mesmo inserir-se só na cintura interna. É essa a nossa prioridade. A Câmara Municipal de Lisboa considera que meter mais três ou quatro mil veículos no período de ponta na cidade... não há cidade que resista.»

«A decisão deveria, assim, ser repensada e suspensa de imediato acelerando o estudo sobre a via ferroviária», conclui Machado Rodrigues.

Para a autarquia de Almada, o destino da ponte não é algo que se decida levemente. Há questões de fundo sobre as quais se tem de reflectir e devem ser tomadas em consideração.

Segundo Leonor Coutinho e Artur Cortês, «o problema da ligação entre as duas margens relaciona-se com a qualidade de serviço oferecido às populações e é nessa perspectiva que deve ser visto. Não se percebe a inexistência de um plano conjunto que tenha em conta todas as suas vertentes para melhorar a qualidade de transporte, dando uma resposta a nível de meios fluviais e públicos. É evidente que o transporte ferroviário vinha responder a tudo isto».

Gisela Oliveira

Vale mais uma ponte na mão...

A construção de uma nova travessia sobre ou sob o Tejo ainda vem longe. Os estudos preliminares têm de estar prontos em Junho

«Como em todos os grandes aglomerados, os rios são um obstáculo que se tem de vencer uma, duas, três, cinco ou dez vezes», afirmou Edgar Cardoso relativamente à construção de uma nova ponte sobre o Tejo.

Para este especialista, «é evidente que não podemos ficar com a Ponte 25 de Abril eternamente. Há mais de dez anos que eu faço estudos sobre uma nova ponte. Teria de ser para montante do rio, mas antes de Alverca. É um caso a pensar, que não considero urgente.»

Uma conclusão a que chegaram também Leonor Coutinho e Artur Cortês, ambos vereadores da Câmara de Almada. «A construção de outra ponte leva-nos a prazos muito mais longos. Nós não temos uma ponte na mão, quanto mais duas a voar. Tentemos, pelo menos, apanhar a primeira e depois planeemos como apanhar a segunda. Ainda existem muitas questões que não obtiveram resposta. Não se sabe onde será construída, quais os melhores acessos a ela, enfim, existe uma série de aspectos que têm de ser debatidos.»

Aspectos estes que levam igualmente a autarquia de Lisboa a relegar para segundo plano, mas sem esquecer, a construção de uma outra ponte.

Machado Rodrigues, vereador da CML, fez questão de recordar que «durante a campanha para as eleições autárquicas, a Coligação por Lisboa teve ocasião de exprimir publicamente a necessidade do Governo tomar a decisão do estudo de uma nova ponte sobre o Tejo, estudo este que já deveria ter sido iniciado há vários anos. Essa nova ponte há-de ser para montante da cidade, num local que tenha uma função regional e inter-regional. Nós reivindicamos essa decisão do Governo e tivemos ocasião de solicitar ao primeiro-ministro o interesse da CML em integrar, desde o início, a comissão para esse estudo, porque a grande beneficiária ou a grande prejudicada vai ser a cidade de Lisboa».

«Muito embora a decisão final sobre todos os aspectos pertença ao Governo, a CML, como qualquer outra autarquia que se sinta prejudicada, terá de, publicamente, alertar a opinião pública para o prejuízo a que estará sujeita a qualidade de vida. Julgo que é má política por parte do Governo se não houver uma concertação de ideias e decisões entre aquilo que afecta directamente a cidade de Lisboa», acrescentou o edil.

Mas esta «má política» parece que não vai existir, na medida em que o Governo já expressou publicamente que «o grupo de trabalho deverá ouvir, nos tempos que entender convenientes, as autarquias interessadas».

Este grupo de trabalho, criado pelo Conselho de Ministros, sob proposta do ministro Oliveira Martins, terá de apresentar até 30 de Junho próximo estudos prévios que considerem, entre outros aspectos, a data aconselhável para entrada em serviço da nova travessia, a análise dos vários modelos institucionais para execução e exploração do empreendimento, indicando as vantagens e inconvenientes de cada uma e o faseamento do processo, desde a realização dos estudos técnicos preparatórios até à adjudicação das obras, com indicação de um calendário de referência.

Este grupo de trabalho vai debruçar-se igualmente sobre as previsões dos tráfegos rodoviário e ferroviário de atravessamento do Tejo em Lisboa, as alternativas técnicas possíveis e a indicação dos traçados de atravessamento e as principais implicações de cada um deles, designadamente sobre o ordenamento do território nas duas margens.

G.O.



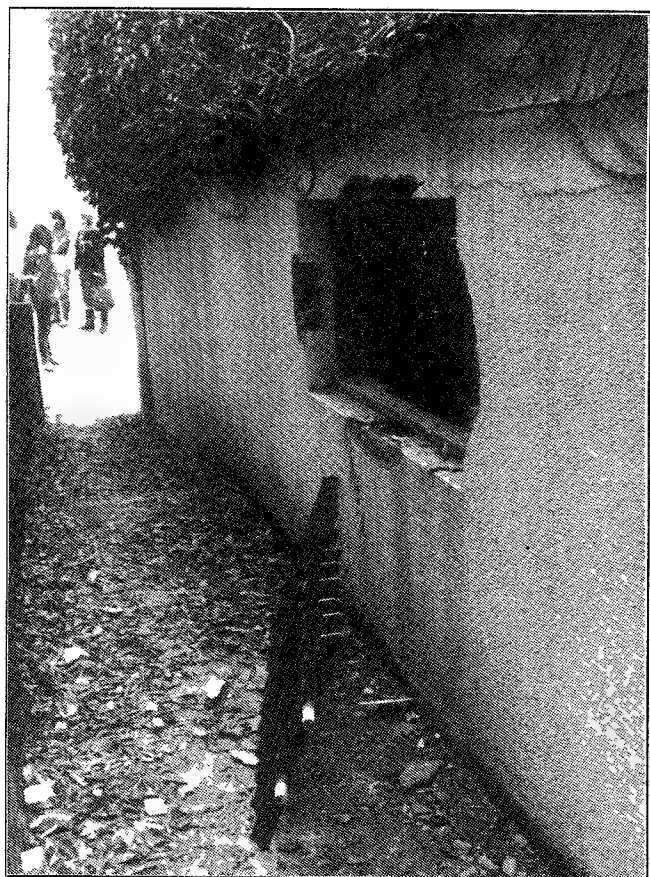
CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

A bomba de Sever do Vouga

Uma «brincadeira» e um atentado não fazem surto terrorista



A janela onde ocorreu a explosão

Um jovem jornalista conseguiu a sua primeira proeza profissional ao pôr de ouvido colado à rádio durante a manhã de ontem toda a região de Aveiro e concitar para a sua terra as atenções dos grandes órgãos de Informação do País.

Repórter do turno da noite da Rádio Central do Vouga, pequena rádio local de Sever do Vouga, Luis Jorge, de 24 anos, deixara o serviço de madrugada para comer um sanduiche num estabelecimento da vila quando ouviu o rebentamento do engenho explosivo colocado junto à casa do empresário e ex-presidente da Câmara local Severo de Carvalho, tendo sido o primeiro divulgador do caso, através daquela estação e da agência Lusa.

Elemento, que também é, dos bombeiros voluntários de Sever, Luis Jorge, ao noticiar o acontecimento, relacionou-o com outro de que pudera tomar conhecimento nessa sua segunda actividade, ou seja, a quase desapercebida deflagração, um mês antes, numa

rua da vila, de um petardo de fraca potência.

Corporizando um conceito de que, para assunto de explosivos, tratamento bombástico, Luis Jorge, além de entrevistar a mulher de Severo de Carvalho, única pessoa que se encontrava na residência alvejada pelo atentado, dada a ausência do empresário no estrangeiro, siderou os conterrâneos ao lançar no éter uma crónica em que punha a hipótese de um surto local de violência terrorista.

A mesma imaginativa suposição não parece ter ocorrido a um responsável da GNR local que negou ao DL qualquer parentesco entre as duas ruvidas ocorrências, se se descontar esse aspecto acústico. Segundo ele, a projecção do petardo não passou de «uma brincadeira de mau gosto», ao passo que a explosão junto à residência do antigo edil obedeceu a um propósito claro de o prejudicar ou atemorizar. Quanto aos motivos, afirmou ignorá-los de todo.

«Se soubéssemos quem foi o autor da graça, também já sabíamos isso», comentou.

Saber quem foi «o autor da graça» define aliás o estado de espírito dominante dos habitantes de Sever do Vouga, que parecem muito mais intrigados do que assustados com um acontecimento de que não havia memória na vila.

Segundo o director de um jornal local, o «Terras do Vouga», padre Joaquim Pinho, Sever é terra onde o próprio pós-25 de Abril decorreu sem incidentes do género, ao contrário do que se passou noutras regiões beirãs. Por outro lado, a empresa de Severo de Carvalho, que é uma das maiores empresas de construção civil do País, com obras que exorbitam largamente daquela zona, nunca terá sido agitada por greves ou outros conflitos.

Também motivações políticas são afastadas por esta fonte, que, como outros habitantes de Sever, considera incongruente uma iniciativa com esse espírito quando o



Luis Jorge: a notícia e as hipóteses

visado acabava de ser afastado da vida autárquica pela derrota do seu partido, o PSD.

O engenho que explodiu junto à casa de Severo de Carvalho, situada num bairro de vistosas moradias, numa colina limítrofe da povoação, fôra colocado numa janela da garagem, cuja grade foi arrancada pela explosão. Os restantes prejuízos, segundo a locatária, pouco terão excedido o estilhaçamento dos vidros de um dos dois automóveis ali guardados e das vidraças exteriores do edifício, o que se verificou também noutro quelhe ficou contíguo.

F. B. S.

Administração encerra semanário «O Liberal»

Os accionistas de «O Liberal» decidiram encerrar o semanário que se publicava desde Junho do ano passado. A decisão foi comunicada aos jornalistas e demais funcionários na tarde de ontem por Augusto Lima e Stefano Saviotti.

Segundo um jornalista daquele semanário contactado pelo DL, a Neopress, empresa do grupo PEI proprietária de «O Liberal», vai abrir falência e os accionistas não se responsabilizam pelo pagamento dos ordenados relativos aos dias de trabalho de Fevereiro.

Entretanto, em reunião de jornalistas realizada posteriormente aquela comunicação, foi decidido por um grupo de profissionais «fazer um jornal totalmente independente e desligado da anterior administração, a publicar no próximo sábado».

Hélder Freire, editor-chefe de «O Liberal» referiu ao DL «tratar-se de um processo complicado onde o grande problema não é propriamente a falta de dinheiro mas sobretudo a falta de entendimento entre os accionistas» que agora se resolveram demarcar de um processo que ameaça falência.

Os jornalistas estão hoje reunidos, numa última tentativa de viabilizar um projecto diferente, à revelia da antiga administração e garantem que «O Liberal» estará nas bancas, como de costume, no próximo sábado. O director do semanário, Sousa Tavares disse ontem ao «Jornal das Nove» que iria tentar uma solução com outros administradores de forma a não pôr em perigo os postos de trabalho e a viabilizar um projecto que classificou como único.

Entretanto, ontem correu o rumor de que o «Diário Popular», um outro título do grupo PEI, iria encerrar para reestruturação. Em contacto esta manhã com Alvaro de Castro, administrador do vespertino, foi-nos desmentido esse propósito. «Toda a gente tem consciência de que o fecho seria a morte do «Diário Popular», disse aquele responsável.

Alvaro de Castro acrescentou que o plano de reestruturação do diário que administra vai começar a ser aplicado na próxima semana. Afirmou ainda que o referido plano compreende o reajustamento do pessoal nas respectivas funções, um grande investimento no departamento comercial e a compra de carros. «A qualidade do produto melhorará lentamente» concluiu.

Greve nas alfândegas acarreta perda de 25 milhões de contos

Cerca de 25 milhões de contos de receitas directas não entrarão nos cofres do Estado devido à greve de três dias dos trabalhadores alfândegários, que teve início às zero horas.

Mas hoje é um dia particularmente agitado em termos laborais. Para além do começo da greve nas alfândegas, continuam as paralisações dos inspectores-examinadores da Direcção-Geral de Viação, dos pilotos dos portos e barras do continente e dos maquinistas da CP.

Também os guardas florestais protestam concentrando-se junto ao Ministério da Agricultura e Pescas e os controladores de tráfego aéreo prometem iniciar formas de luta mal a requisição civil termine.

Quanto à greve nas alfândegas, a adesão situa-se na casa dos 98 por cento, excepto no Freixieiro (Porto) onde a percentagem é de 85 por cento. Todos os serviços, de Elvas a Valença, passando pelos aeroportos de Lisboa, Porto e Faro estão encerrados, afirmou ao «DL» Vítor Duarte, dirigente da Federação dos Sindicatos da Função Pública.

A paralisação está a afectar

a circulações de mercadorias, não se efectuando importações nem exportações. No Aeroporto de Lisboa as mercadorias estão-se a acumular no armazém central.

Quanto aos TIR, há já uma bicha de várias dezenas de camiões no terminal de Alverca, sobretudo de origem holandesa.

Segundo Vítor Duarte, os três dias de greve, para além dos evidentes prejuízos na economia nacional, evitará que perto de 25 milhões de contos entrem nos cofres do Estado, pois não será efectuada a cobrança de cerca de 10 milhões de contos de receitas nem o pagamento de dezenas de milhões de contos, que se efectuam habitualmente no dia 15.

No trânsito marítimo, a paralisação poderá levar alguns carregueiros a alterarem a sua rota, por força do bloqueio naval.

O dirigente sindical salientou que os serviços mínimos estão a ser escrupulosamente cumpridos, pelo que são salvaguardadas a segurança da vida de pessoas e animais, bem como a soberania nacional.

Os cerca de três mil trabalhadores aduaneiros reivin-

dicam o financiamento das remunerações através do Orçamento de Estado e a igualdade de tratamento para todas as carreiras profissionais. Acusam ainda o Executivo de «falta de espírito negocial».

Caso a greve não resolva estas questões, os trabalhadores decidiram ontem, em plenário, avançar com mais formas de luta na semana do Carnaval, que se poderão traduzir na greve às horas extraordinárias, paralisações gerais e no cumprimento rigoroso das normas aduaneiras, ou seja, em greve de zelo.

Por sua vez, os 100 pilotos dos portos e barras do continente entram hoje no seu segundo dia de greve, paralisando entre as 20 e as 8 horas. A «adopção unilateral do sistema remuneratório para 1990» é, segundo o Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado, um dos principais motivos da greve.

Um exemplo do transtorno desta paralisação é que só na terça-feira à noite 18 navios ficaram retidos no porto de Lisboa.

Também os guardas florestais estão descontentes, faz por que estão esta tarde se

concentram junto ao Ministério da tutela.

Aqueles trabalhadores protestam contra o «injustificado atraso do Ministério das Finanças», que há mais de dois meses tem em seu poder o projecto de diploma que define sem o regime de trabalho, seu o que o publique.

Reivindicam, entre outras coisas, a revalorização da carreira e a atribuição de um subsídio de risco mensal.

Até ao dia 19 prolongam-se as greves parciais dos maquinistas da CP que pretendem, com esta forma de luta, pressionar o Conselho de Gerência a assinar um Acordo de Empresa que contemple aumentos salariais que reponham o poder de compra e a redução da idade de reforma.

Os efeitos das paralisações são por demais conhecidos dos utentes: a supressão da maioria das composições.

Quanto aos controladores aéreos, requisitados civilmente pelo Governo, afirmaram ontem, em conferência de Imprensa, que continuarão a lutar pelas suas reivindicações, «a menos que a requisição civil se prolongue por toda a vida».

E. A.

QUOTIDIANO

B R E V E S

Eleições em Coimbra têm boa afluência

Encerra hoje a segunda volta da eleição dos corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra, tendo-se registado ontem uma afluência às urnas superior à da primeira volta, realizada há uma semana.

O número de eleitores ronda os 15 mil, cifrando-se habitualmente a abstenção em valores próximos dos 60 a 65 por cento.

A lista afecta à JS venceu, na semana passada, a primeira volta, com mais 41 votos que a lista apoiada pela JSD.

Instituto Superior Técnico recupera Bairro Alto

O Instituto Superior Técnico e a Câmara Municipal de Lisboa vão assinar um protocolo, válido por três anos, tendo em vista a recuperação do Bairro Alto.

O texto do protocolo foi ontem aprovado por unanimidade na sessão semanal da Câmara.

O Instituto deverá prestar apoio para o estabelecimento de um método de planeamento e execução das acções de recuperação desta típica zona alfacinha.

Encontro de caçadores no Nordeste transmontano

Centena e meia de caçadores portugueses, franceses e espanhóis estão a participar em Bragança no V Encontro Venatório do Nordeste Transmontano.

Durante cinco dias a iniciativa vai promover a região em termos turísticos e cinegéticos, levando os caçadores a participar em três montarias, uma largada de faisões e terminará com um colóquio sobre «A importância do regime cinegético especial na conservação da fauna».

Jovens na prevenção da droga

O bispo de Coimbra, D. João Alves, afirmou que a prevenção da toxicod dependência faz-se através dos jovens, considerando que são os «primeiros apóstolos» da causa da prevenção. «São eles que sabem, de maneira especial, tocar o coração dos outros jovens que carecem de apoio» frizou o prelado ao falar ontem na sessão de encerramento de umas jornadas sobre a toxicod dependência, promovidas pela Cáritas Diocesana de Coimbra.

Segurança Social no ensino particular e cooperativo

A Federação Nacional dos Profensores manifestou a intenção de recorrer ao Tribunal Europeu dos Direitos do Homem se o diploma sobre a segurança social dos docentes do ensino particular e cooperativo não for promulgado em breve.

António Teodoro, dirigente da Fenprof, afirmou que «o diploma foi aprovado em Conselho de Ministros há três semanas mas ainda não entrou na Presidência da República para promulgação».

Coimbra sem comunicações telefónicas

Uma avaria verificada no sistema de comunicações da rede de Coimbra deixou ontem. Praticamente toda a região sem ligações telefónicas.

Fonte da área de telecomunicações de Coimbra disse que se tratou de um «problema de energia no equipamento, o que é muito raro acontecer».

Milhares de trabalhadores estão expostos a um estranho mal. Perante a indiferença de entidades oficiais, a cultura de produtos hortícolas arrisca-se a ser estrangulada pelos critérios higiénicos restritivos dos países importadores

Doença das estufas algarvias ameaça negócio dos primores

A aquacultura e a produção de primores em estufas são, actualmente, dois dos mais importantes sectores de desenvolvimento da agricultura e da produção marinha do Algarve. Áreas em grande expansão, elas levantam, contudo, problemas importantes. A doença das estufas e a captura desenfreada de espécies piscícolas juvenis constituem dois desses problemas, cuja solução está a preocupar os algarvios. Foram exactamente algumas dessas questões que estiveram ontem em discussão no primeiro dia de trabalhos do 6.º Congresso do Algarve.

A chamada doença das estufas é um desses problemas. Este mal, cujas causas exactas são ainda desconhecidas, está a atacar os trabalhadores das regiões de Tavira, Olhão e Faro. Começando com um cansaço excessivo, apatia e dores nos ombros, a doença das estufas degenera muitas vezes em problemas do foro cardíaco, respiratório, neurológico, dermatológico e endocrinológico.

José Morte, membro do Conselho Regional da União de Sindicatos do Algarve, considera que se está perante uma síndrome das estufas.

«É muito difícil saber ao certo quantas pessoas trabalham hoje em dia nas estufas, na medida em que a grande maioria não tem contratos. No entanto, sabe-se que há actualmente entre 7 mil e 10 mil alentejanos a trabalhar na agricultura algarvia e uma boa parte está nas estufas.» Pode assim concluir-se que existem milhares de pessoas expostas à doença.

As suas causas residem, fundamentalmente, na exposição prolongada a altas temperaturas (que vão muitas vezes acima dos 60 graus) e a níveis de humidade da ordem dos 90 por cento.

O responsável sindical dá alguns exemplos: «Ainda há tempos surgiram no sindicato duas mulheres de Tavira queixando-se de que tinham sido despedidas por terem contraído a doença e, quando começaram a chorar, as suas lágrimas eram cor de rosa». O despedimento é, aliás, o destino da maioria dos trabalhadores afectados por este estranho mal.

Como não existe regulamentação nesta área, qualquer pessoa com quatro paus e um plástico pode construir uma estufa, não atendendo a quaisquer regras de segurança e higiene»,

afirma José Morte.

O atractivo desta actividade reside nos altos lucros que proporciona. Todos os dias partem aviões carregados de melões, tomates, feijão verde e outros primores destinados à Europa, explica, acrescentando que este negócio movimentou muitos milhares de contos. Para solucionar o problema, José Morte propõe a regulamentação urgente da actividade. O inspector-geral do Trabalho já foi alertado para a questão em 1986, mas até agora nada foi feito, desabafa.

Além da investigação científica da doença, o referido sindicalista propõe ainda que ela seja incluída na lista de doenças de carácter profissional, de forma a que os trabalhadores afectados tenham uma assistência especial, dado que muitos ficam permanentemente incapacitados de trabalhar.

«Caso este problema não seja resolvido, o cultivo de primores tem os seus dias contados» - alerta. «Quando entrarmos plenamente no mercado único, os responsáveis comunitários vão ter grandes dúvidas sobre a qualidade de bens alimentares produzidos por pessoas doentes.» - acrescenta.

Mas também no sector da aquacultura as coisas não vão muito melhor. A aquacultura, da forma como está a ser praticada actualmente, é um verdadeiro holocausto dos peixes juvenis, pois 98 por cento dos capturados acabam por morrer», afirma José Morte.

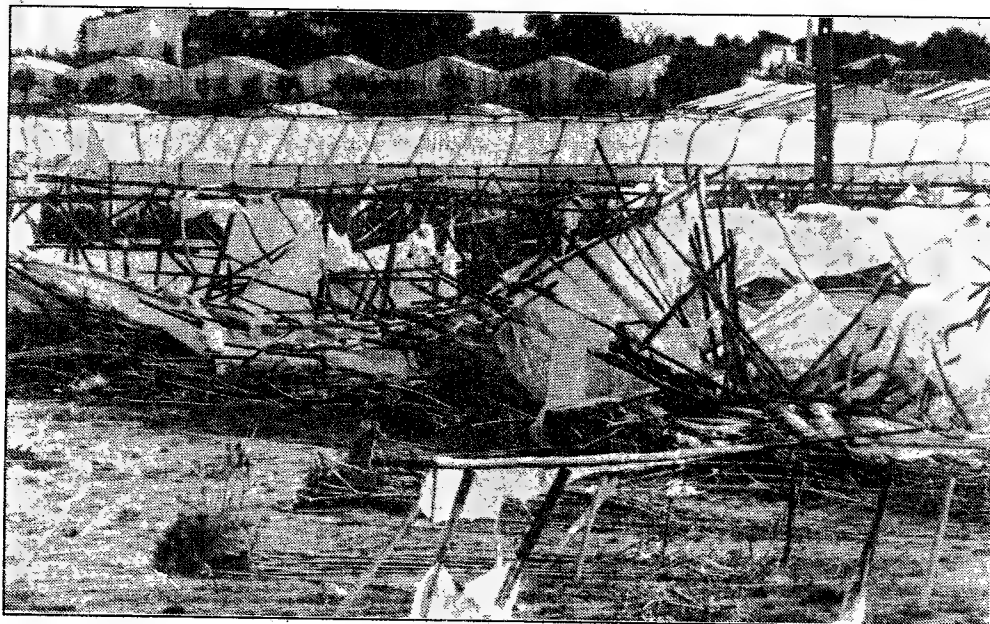
De acordo com este responsável, «está a assistir-se a uma captura desenfreada e ilegal de juvenis, especialmente douradas e robalos para engorda em cativeiro, o que está a provocar o esgotamento dos stocks piscícolas». O negócio é, aliás, muito compensador. Os donos de viveiros pagam 100 escudos por cada juvenil capturado e por cada juvenil por cada robalo pronto a desovar.

A proliferação desta actividade é muito grande. Por toda a parte se transformam salinas em viveiros. Na verdade, o Algarve passou, em pouco tempo, de exportador a importador de sal. «A solução está no incremento da investigação tecnológica, baixando os preços da reprodução artificial em cativeiro, para acabar com as capturas», conclui José Morte.

O «DL» tentou confrontar os técnicos do Instituto Nacional de Investigação das Pescas com estes problemas. Contudo, estes recusaram-se a fazer qualquer declaração, sob pretexto de não terem autorização superior.

Amanhã o Congresso vai prosseguir com vários painéis sobre o passado da região, a investigação científica e o turismo. Aguardada com alguma expectativa são as intervenções referentes às cheias do passado mês de Dezembro e a polémica Via do Infante, que tanta tinta tem feito correr nos últimos meses.

Dina Soares



Os perigos que espreitam o desenvolvimento da agricultura foram discutidos na primeira sessão do 6.º Congresso do Algarve

Cientista norueguês na conferência da UNESCO

Marés vermelhas ameaçam vida marinha

«As marés vermelhas constituem a maior ameaça actual à vida marinha». A afirmação é do cientista norueguês Ulf Lie, presidente da Comissão Oceanográfica Intergovernamental (COI). Estas marés, constituídas por minúsculas algas tóxicas, são o resultado da crescente poluição dos mares e o seu aparecimento, cada vez mais frequente, constitui uma ameaça global ao ambiente marinho».

Ulf Lie, que esteve em Lisboa a

convite da Comissão Nacional da Unesco, proferiu ontem uma conferência de Imprensa, onde sublinhou: «se não resolvermos o problema da poluição marinha a capacidade dos oceanos para produzir recursos vivos estará certamente ameaçada». Este cientista referiu-se ainda aos recursos não vivos existentes no fundo dos mares e disse que «cada vez é maior a consciência de que o fundo do mar contém talvez os últimos recursos minerais do nosso planeta».

Ulf Lie frisou que «à medida que forem escasseando os recursos localizados em terra firme, os minerais dos grandes fundos tornar-se-ão cada vez mais importantes como matérias primas. De momento, só não estão a ser explorados porque o custo dessa exploração ainda não é competitivo».

O cientista norueguês referiu-se ainda à água dos oceanos como «um vasto reservatório de energia renovável» e ao importante papel das trocas de calor entre os oceanos e

a atmosfera na determinação das mudanças de clima. Essa eventual contribuição para o aceleramento ou retardamento do efeito de estufa, que tanto preocupa a humanidade, precisa de ser estudado, o que exige um vasto programa de cooperação internacional.

O presidente da COI lamentou que os recursos humanos necessários para esse estudo estejam tão desigualmente distribuídos entre os países industrializados e os do Terceiro Mundo.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

8.º Juízo

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida adição de vinte dias, que se começará a contar da segunda última publicação deste anúncio.

Execução DE SENTENÇA n.º 7179/A 1.ª secção
Exequentes — HILÁRIO TAVARES
Executado — RICARDO RODRIGUES ALVES, actualmente em parte incerta, mas com última residência conhecida em Av.ª Principal de Miraflores — Torre 1 — 7.º Esq.º — ALGES.
Lisboa, 7 de Fevereiro de 1990
O Juez de Direito,
Assinatura ilegível
O Escrivão Adjunto,
Assinatura ilegível
DL 1.ª Pub. — 152/90

B R E V E S

Judiciária do Porto apreende heroína

A Polícia Judiciária do Porto apreendeu cerca de 200 gramas de heroína e armas em duas das residências da cidade, segundo adiantou uma fonte daquele comando. As apreensões ocorreram durante uma operação de busca desencadeada terça-feira pela Secção Regional de Investigação de Tráfico de Estupefacientes nas residências de dois indivíduos com os apelidos Cascais e Guedes, tendo apreendido, para além da heroína, uma quantidade indeterminada de liamba e outros estupefacientes. A PJ apreendeu ainda várias armas, um táxi, um cofre com artigos em ouro, aparelhos de TV e vídeo, vários electrodomésticos e mais de 200 contos em dinheiro.

Setúbal recebe verbas de emergência

O Plano de Acção Social do distrito de Setúbal vai ter uma verba especial de 250 mil contos, destinada aos programas em curso no âmbito do plano de emergência e apoio alimentar a crianças e idosos em situação de carência.

A decisão foi anunciada pelo Ministério do Emprego e da Segurança Social, que adiantou ser esta verba reforçada com géneros alimentares atribuídos pelas comunidades europeias. O Plano de Acção Social, iniciado em 1986, tem por objectivo primordial alterar o clima social do distrito, perturbado por dificuldades económicas em determinados sectores da população.

Instrutores adiam exames de condução

Cerca de mil exames de condução marcados para ontem foram adiados devido a uma paralisação dos inspectores-examinadores e agentes técnicos de viação. O movimento reivindicativo prossegue hoje, sexto dia de greve. De acordo com Paulo Trindade, da Federação dos Sindicatos da Função Pública, o índice de adesão à greve atingiu já, ontem, cerca de 93 por cento, número sensivelmente idêntico ao dia anterior.

Os inspectores-examinadores e os agentes técnicos de viação reivindicam a integração num grupo de carreira técnico-profissional do novo sistema retributivo da função pública, congeladas desde 1983, o que impediu lhes fosse aplicado o novo sistema retributivo da função pública que entrou em vigor em Outubro do ano passado.

Matemáticas europeias reúnem-se em Lisboa

O grupo E.W.M. (European Women on Mathematics) vai realizar o seu 4º Encontro em Portugal. Fundada há mais de quarenta anos e tendo, desde sempre, apoiado o ingresso das mulheres matemáticas na carreira universitária, o E.W.M. elegeu, desta vez, a Reitoria da Universidade Técnica de Lisboa para o debate das suas principais questões.

Opus Dei encoraja participação feminina

A prelatura da instituição fundada por Monsenhor Escrivá em 1928 conta com 2500 filiados em Portugal

As mulheres representam cerca de metade dos filiados na prelatura da Opus Dei em Portugal e dizem que não se sentem discriminadas relativamente aos homens.

Sónia Gonçalves, uma das dirigentes do sector feminino, referiu à agência Lusa que as mulheres da instituição se encontram inseridas na sociedade, desempenhando papéis ao lado do parceiro masculino. «Temos os mesmos apostolados que os homens», disse à agência Lusa Sónia Gonçalves, uma das dirigentes do sector feminino, a propósito dos 60 anos, celebrados ontem, do início do trabalho apostólico da prelatura da Opus Dei com mulheres.

Para assinalar a data realizaram-se ontem em várias cidades do país mis-

sas solenes de acção de graças.

Manuel Alberto Graça, da direcção portuguesa da Opus Dei, afirmou também que «as mulheres têm os mesmos direitos que os homens no interior da organização». Este dirigente sublinhou que foi sob o impulso da Opus Dei que a Igreja Católica deu alento à participação da mulher na actividade social.

Quanto ao facto de existirem apenas homens, ordenados sacerdotes, ao serviço da Opus Dei, Manuel Alberto Graça, explicou que tal se deve às regras da Igreja Católica e não a um acto unilateral da instituição.

Fundada a 2 de Outubro de 1928 por Monsenhor Escrivá, a prelatura da Opus Dei conta actualmente com

mais de 80 mil pessoas e mil sacerdotes em todo mundo. Em Portugal, o trabalho apostólico desta instituição desenvolve-se desde 1946 e tem cerca de 2500 filiados.

A organização das mulheres foi introduzida na Opus Dei em 1930 e efectivou-se no nosso país em 1951, tendo então como principal dirigente Maria Sofia Pacheco. Seguiu-se-lhe Elina Moraes Neves, presentemente, a exercer funções na Direcção-Geral da Família.

Hoje, o «governo das mulheres» está a cargo de, entre outras, Matilde Cabral e Maria da Conceição da Rocha, além de Sónia Gonçalves.

Os nomes das professoras universitárias Luísa Couto

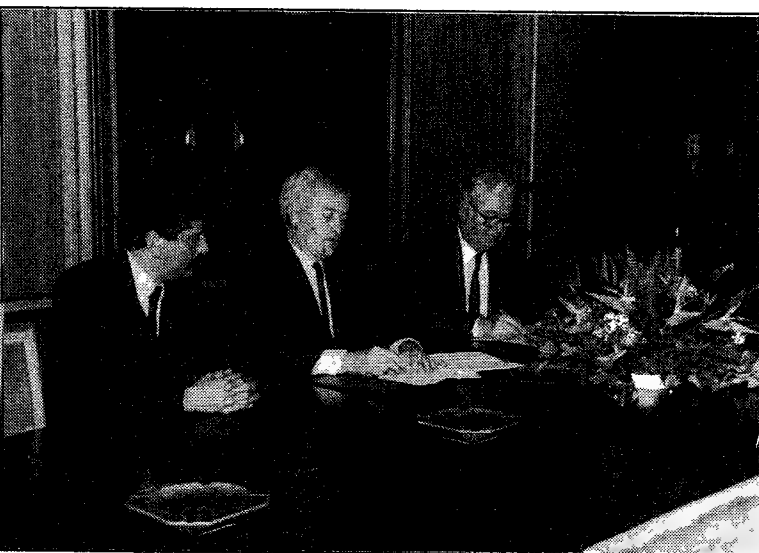
Soares e Teresa Furtado foram citados como casos de filiadas na área do ensino. No entanto, não há registo de elementos femininos a ocupar funções de deputados ou membros do Governo.

Sónia Gonçalves apontou ainda a existência de uma teóloga em Portugal, licenciada em letras, Maria Helena Guerra Pratas, que se doutorou em Filosofia e Teologia no Ateneu Romano de Santa Cruz.

A nível internacional, referiu o nome de Jutta Burggsas como o de uma mulher com relevo no domínio da teologia.

Actualmente, o prelado da Opus Dei é Monsenhor Alvaro Del Portillo, desde a morte do seu fundador, José Maria Escrivá.

CTT e UNIPOST estabelecem contrato



O acordo assinado visa a simplificação do serviço ultra-rápido

Um novo contrato de cooperação assinado entre os CTT e a UNIPOST vai possibilitar uma maior rentabilidade do serviço Express Mail e encomendas internacionais, representando segundo fonte da empresa portuguesa, «um grande salto na tradicional gestão dos Correios e uma enorme evolução para uma gama de serviços de alta qualidade».

«Rapidez, segurança e comodidade» são, na opinião da referida fonte, características que os CTT desejam manter, com o seu serviço «courier» ultra-rápido e «o mais simplificado possível», agora passado a contrato com a Unipost.

O serviço EMS - ExpressMail - opera a dois níveis: o nacional como o internacional. O serviço cobre actualmente todo o território e efectua entregas ao domicílio, personalizadas em qualquer ponto do país, em 24 horas.

Em fins de 89, e segundo dados da empresa, o Express Mail cresceu cerca de 43%. Em 90, os CTT e o seu serviço ultra-rápido prometem novas metas.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

O Doutor António Manuel Freire Valente, Juiz de Direito do 3.º Juízo 2.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

Faz saber que no contrato individual de trabalho com processo sumário registado sob o n.º 564/89, movido pela autora Ana Lúcia Teixeira Gonçalves, residente na Estrada do Poço de Baixo n.º 5 Charneca do Lumiar — 1700 Lisboa e réu Naffim Mussa Hussein Baby, na última residência conhecida na Urbanização da Portela Lote 71 - 1.º - Esq.º - 2685 Sacavém, é este réu citado para contestar, querendo, no prazo de 8 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da segunda publicação deste anúncio, sob pena de se considerarem confessados os factos articulados pela autora na sua petição inicial, cujo duplicado se encontra nesta Secção ao dispor da citanda.

Mais fica citada para, no mesmo prazo contestar, querendo, o pedido de assistência judiciária formulado pela autora.

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1990.
O Juiz de Direito,
António Manuel Freire Valente
O Escrivão Adjunto,
João Manuel Mendes Martins

«DL» — 2.ª Pub. — 15/2/90

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE S. JOÃO DA MADEIRA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que na Execução de Sentença com processo ordinário n.º 80-A/86, pendente na 2.ª Secção do 2.º Juízo do Tribunal Judicial de S. João da Madeira, em que é Exequente «OLIVA COMERCIAL, S.A.R.L.», com sede em S. João da Madeira, e Executados JOAQUIM PEREIRA GOMES e mulher EMÍLIA HENRIQUES VALÉRIO, residente em Santo Antão, Batalha, e «GOMES & VALÉRIO, LDA», com sede em Largo Paulo VI, Batalha, é por este meio CITADO o credor com garantia real MANUEL GOMES VALÉRIO, com última residência conhecida em Rua do Pôr do Sol, 171, Carcavelos, Cascais, e actualmente ausente para parte incerta do Brasil, para, no prazo de DEZ DIAS, contados da segunda publicação deste anúncio, reclamar o pagamento dos seus créditos sobre produto dos bens penhorados sobre que tenha penhora real, nos termos do art.º 865.º do Código de Processo Civil.

S. João da Madeira, 5 de Fevereiro de 1990.
O Juiz de Direito do 2.º Juízo
Vitor Carlos Simões Morgado
O Escrivão Judicial
Luís Manuel de Oliveira Neto

«DL» — 2.ª Pub. — 15/2/90

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA SEGUNDO JUÍZO

ANÚNCIO

O Doutor Juiz de Direito desta 1.ª Secção deste Juízo.

Faz saber que no próximo dia 28 (VINTE E OITO) do corrente mês de Fevereiro, pelas 10.30 horas, nesta Secção e Juízo acima indicados, na EXECUÇÃO SUMÁRIA n.º 2755/87, que JOSÉ MANUEL VIANA DANTAS COUCEIRO move contra JOSÉ JÚLIO DE MEDEIROS PEREIRA DE MORAIS, há-se ser posto em praça, para ser arrematado, acima do valor de Esc 400 000\$00 (Quatrocentos mil escudos), a quota no valor nominal de Esc. 100 000\$00 (Cem mil escudos) que o Executo possui na sociedade VALENTE & MORAIS LDA, com estabelecimento na Loja número 2057 do Shopping Center Amoreiras, em Lisboa.

Lisboa, 90, Fevereiro. 07.

O JUIZ DE DIREITO,
José Tavares de Paiva

O ESC. ADJUNTO,
José João Constante de Oliveira

«DL» — 2.ª Pub — 15/2/90

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 7.º JUÍZO ANÚNCIO

Ação — ACÇÃO ORDINÁRIA — N.º 646/89 — 2.ª Secção.
Autor — ROGÉRIO RAMOS NUNES.
Réu — C.I.C.C. — Centro Intercontinental de Comércio, Lda. com última sede conhecida na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 91 a 91-C em Lisboa.

Por este Tribunal correm éditos de sessenta dias que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação dos anúncios citando os réus para no prazo de vinte dias, findo o prazo dos éditos, contestarem querendo a acção, na qual o Autor pede, que, encontrando-se a sociedade ré sem gerentes, nos termos do disposto no n.º 2 do art.º 253.º do Código das sociedades comerciais deverá entender-se que a gerência da sociedade se devolveu ao próprio Autor e à ré por força da lei, até que sejam designados novos gerentes ou até que seja decretada a dissolução judicial da sociedade por Sentença a proferir nesta acção.

Lisboa, 7 de Fevereiro de 1990.

O Juiz de Direito,
a) João Carlos
E. Martins
Pel'O Escrivão de Direito,
(assinatura ilegível)

«DL» — 1.ª Pub — 15-2-90

Bando de quatro assalta banco em Aveiro

Quatro indivíduos armados assaltaram ontem ao princípio da tarde a agência do Banco Pinto e Sotto Mayor em Aveiro, roubando cerca de 700 contos em dinheiro e fugiram num carro que os esperava a cerca de 200 metros, distância que percorreram a pé.

Apenas dois entraram nas instalações mantendo-se os outros em vigilância e armados, à porta, durante os escasos minutos que durou a operação.

Um funcionário do banco disse que os assaltantes foram ainda seguidos por uma pessoa que os viu entrar para um automóvel Renault 5 de cor branca.

Referiu também que essa testemunha não viu qualquer agente da PSP no trajeto entre o banco e o local onde se encontrava o carro.

Este assalto foi o sexto a instituições bancárias, desde o princípio do ano. Em 25 de Janeiro, assaltantes levaram quatro mil contos da agência do Banco Português do Atlântico, em Vila Nova de Famalicão.

O segundo assalto ocorreu em 31 de Janeiro, na delegação do Crédito Predial Português, em Setúbal, de onde foi levada uma importância de 500 contos.

Em 5 deste mês foram roubados 300 contos da Caixa Geral de Depósitos, de Darque, Viana do Castelo; em 8 foi a vez da mesma CGD, agora no Porto, de onde levaram cerca de mil contos e, no dia seguinte, também no Porto, assaltaram a delegação do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, onde subtrairam apenas 150 contos.

CULTURA

Teresa Berganza ontem na Aula Magna

Grande arte «salero» e simpatia

Teresa Berganza é uma intérprete extremamente comunicativa. Há muito que a sua arte chegou aos quatro cantos do mundo: directamente, nas representações de ópera e opereta e em recital, ou através do disco assim como da televisão e da rádio.

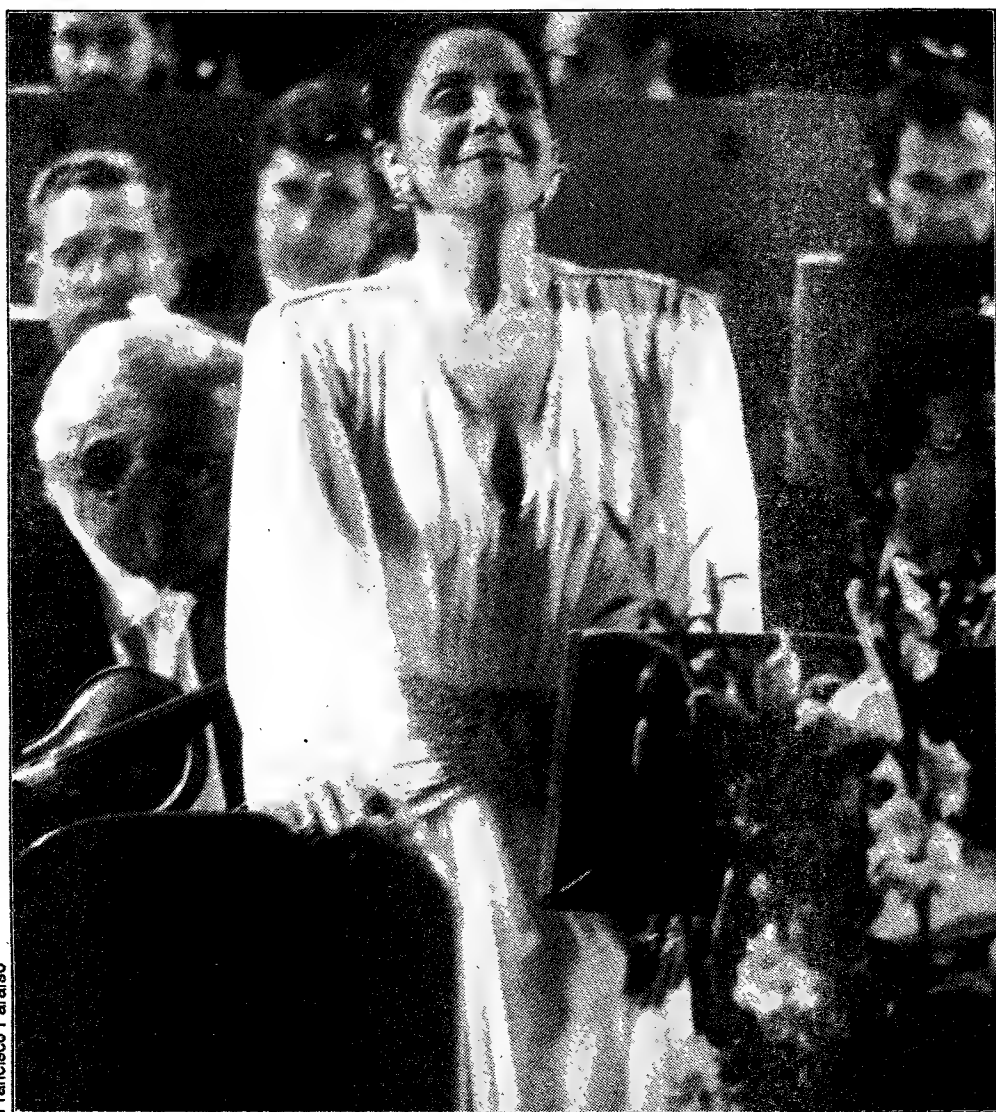
Já se apresentou várias vezes no nosso país, se bem que - ao que suponho - não em espectáculos de ópera ou zarzuela. E ontem à noite assim aconteceu, com o concerto efectuado na Aula Magna, por iniciativa do Teatro de São Carlos.

Servida por uma figura atraente e irradiante simpatia, a célebre artista espanhola é uma natureza eminentemente teatral, o que se reflecte tanto na sua linguagem gestual - mesmo num recital - e em notabilíssimos dotes histriónicos, como no teor da expressividade das suas inflexões, tudo dentro do melhor bom gosto.

É evidente que se trata, como ninguém ignora, de uma cantora de grande classe, uma das vedetas da actualidade, com uma técnica a toda a prova e soberana musicalidade. Em suma: qualquer actuação sua constitui uma lição de bem cantar. E não podem passar sem referência a beleza da meia-voz e, conforme ontem se verificou no trecho rossiniano da *Cenerentola* (e não de *Tancredi*) como constava do programa), a qualidade dos seus graves, bons e timbrados.

Um profissionalismo exemplar e uma humana disponibilidade cativante, que são traços fortes da sua personalidade, levaram-na a manter o concerto da Aula Magna, a despeito do acidente que a vitimou num pé. E, com inalterável simpatia, lá apareceu no palco, apoiada em duas canadianas e socorrendo-se também de uma cadeira. E valeu a pena. Pelo menos para o público, que não deixou, no vasto recinto, um único lugar vago.

O programa, entremeado de alguns trechos meramente orquestrais, compreendia duas partes: a 1.ª preenchida com páginas de diversas óperas (Haydn, Haendel, Rossini e Bizet); a 2.ª consagrada a excertos de zarzuelas, fazedo jus a uma «especialidade» tão festejada da cantora. Berganza soube escolher um programa adequado ao género de concerto e à especificidade das suas características artísticas e vocais e da fase actual da sua carreira. Deixou volumes coloridos com inteligência e finura. E não deixou de pôr à



Berganza ontem na Aula Magna

prova as excelências do seu virtuosismo, muito particularmente no famoso rondó da *Cenerentola* («Nacqui all'afano»), sem descurar nuances expressivas e de dicção que revelam uma grande categoria de intérprete.

E quanto às incursões na zarzuela, foi um autêntico regalo para quem esteve ontem na Sala da Reitoria da Universidade.

Temperamental e sóbria ao mesmo tempo, a sua desenvoltura nunca desdenha uma fundamental elegância. O «pícaro» está-lhe nas veias, assim como o sentido da medida. Dir-se-á que é profundamente ibérica, com os vínculos bem acusados à latimidade. Sabe incarnar a finura expressiva, a subtilidade irónica, tal como uma exuberância, se bem que nunca a traço grosso, que vai buscar a sua autenticidade a um fundo anímico e vital que se coaduna com as forças telúricas e ráticas do seu sangue. Por isso é intérprete inesquecível de Mozart, de Rossini, da «Carmen» - a ópera que traduz, de maneira carismática, a paixão de viver até à tragédia visceralmente assumida. Embora se possa

achar que a sua concepção desta personagem - a avaliar pelas interpretações de ontem - se incline a uma intencionalidade subtil, excessiva numa mulher instintiva como é a heroína de Marimé. Mas Teresa Berganza penetra também, com deliciosa propriedade, a fatuidade, o lirismo à flor da pele, o «casticismo» que impregnam tantas páginas das zarzuelas e faz o preço de género menor, se quisermos, mas que não retrata menos saborosamente certa galeria de tipos humanos, colhidos na imaginística popular, não raro contundente, e na observação, ora crua ora sorridente, do quotidiano. Na Berganza, «salero» e simpatia, sem dúvida. Mas também, e antes de mais, grande arte. Esta é tão apurada e ajusta-se tão admiravelmente a textos e estilos muito diversos, que nos dá, como em poucos intérpretes, uma impressão de naturalidade, de espontaneidade, quando, na verdade, é fruto, por igual, de um estudo metódico, apoiado em técnica modelar que, claro está, não exclui - antes sublima - dotes excepcionais de uma natureza privilegiada.

Esta é a lição que, ontem à noite na Aula Magna como em tantas outras ocasiões, nos deu Teresa Berganza, com a sua enorme capacidade de dispensadora de vivências.

Resta salientar - mas não é apontamento de somenos - a participação da Orquestra Sinfónica do Teatro de São Carlos, que se portou, não apenas dignamente, mas até com brilho, inclusive no capítulo da sonoridade, nomeadamente nos trechos puramente orquestrais das *Bodas de Luis Afonso* e de *La Revoltosa* respectivamente de Gimenez e Chapi. Mas demonstrou ainda maleabilidade ao «acompanhar» a cantora.

O espanhol Max Bragado Darman afirmou-se, por outro lado, regente de talento, cuidadoso e de apreciável plasticidade. E não lhe faltou sentido do fluxo da música e do jogo dos contrastes.

Um concerto extremamente gratificante que ficámos a dever ao Teatro de São Carlos e seus apoiantes. Aplausos, bravos, entusiasmo, coroados por vários «extras», tudo isso aconteceu como era, aliás, de esperar...

Nuno Barreiros

Dos círculos eternos

Ninguém pede à informação televisiva, *Telejornal* e *Jornal das 9*, que resolva problemas de fundo de uma parte não despidianda da população portuguesa. Creio que as greves da CP, no que toca à linha de Sintra, afectarão cerca de dez por cento dos cidadãos nacionais - um milhão de pessoas dos dez do Continente. Os controladores aéreos mexem directamente com menos, mas indirectamente com uma fatia também gorda da população - os que dependem das importações vindas do ar, pelo menos.

Ora acontece que as greves da CP e dos agulheiros do ar, longe de serem esporádicas e pontuais, se transformaram numa espécie de instituição nacional: círculos que se vão revezando periodicamente, numa periodicidade tal que já será viciosa. Acresce que no caso da CP, o diagnóstico há muito que está feito e que as greves felizmente já transbordaram para um problema cívico: sistemas ferroviários com vinte ou mais anos que já não suportam uma população alfacinha que dorme nos arredores de Lisboa a ser, em número, de ano a ano potenciada. Agora formou-se uma comissão cívica para enfrentar os problemas dos transportes da linha de Sintra: a informação televisiva falou dela, comissão cívica, mas não adiantou pormenores. É que a questão está noutra lugar: factos são sagrados, como dizem os compêndios britânicos, interpretações, livres. E é no comentário, na explicação da notícia, que ela, a RTP, ainda não encontrou um equilíbrio entre o padrão formal, o Governo, e o padrão real, o pagador da taxa que é utente da CP. Quase apetece reivindicar para a linha de Sintra a pátria do Kafka: pagam a taxa da TV, pagam os passes sociais, têm comboios que só funcionam em esquemas medievais. E no meio de tudo, todos têm razão: a CP em vez de capitais para investir, acumula défices; os utentes protestam com toda a razão; os ferroviários dispõem do legítimo direito à greve.

Chegámos, por isso, a um ponto onde a notícia não é a greve, mas a eternização da situação de paralisia. E assim, nos dias em que na linha de Sintra, os comboios funcionassem com um mínimo de decência, os ferroviários não fizessem greves e os utentes que pagam antecipadamente o passe fossem servidos a notícia de abertura dos telejornais poderia assim: «na linha de Sintra os comboios funcionaram hoje normalmente.»

Culpada desta eternização do círculo vicioso deve ser, provavelmente, a CEE: ainda ninguém lhe lembrou que existe uma linha de Sintra que joga com dez por cento da população-membra, e que continua pacientemente à espera que outros façam aquilo que nós vamos adiando. Os círculos eternos vão-se consolidando e como disse um dia o Almirante Américo Thomaz numa das suas mensagens de Ano Novo, «eterno é o que resiste à acção do tempo».



José Sousa Monteiro

Paris vai ouvir cantar o fado

Nuno da Câmara Pereira e Teresa Tarouca foram convidados a estar presentes num concerto único, no Auditorium de Paris, como representantes de Portugal na área do fado. O espectáculo, que se realizará no próximo dia 16, faz parte de uma iniciativa intitulada "Musique Traditionelle", iniciada em Outubro de 89, e que conta com uma vasta programação que inclui, além de música tradicional dos países mais variados (União Soviética, Marrocos, Irão, Paquistão, Espanha e Mali entre outros), concertos diários de jazz, música clássica e contemporânea.

O espectáculo, em que actuarão os fadistas portugueses, terá cobertura da rádio e imprensa parisiense, destinando-se particularmente ao público francês.

Teatro Luísa Todi reabre hoje

O Teatro Luísa Todi, em Setúbal, reabre hoje transformado em Fórum Municipal Luísa Todi. Adquirido pela edilidade local, este espaço será inaugurado com um espectáculo popular de revista à portuguesa, denominado "A Coca", cujo elenco é constituído por 27 participantes do Teatro de Animação de Setúbal.

Bailado, esta noite, no Acarte

Aparte: um trio a solo

João Natividade, Margarida Bettencourt e Bonifácio Humberto integram há cerca de três anos o grupo «Aparte» (Agentes de Pesquisa nas Áreas da Arte), que hoje às 21 e 30 se apresentará na Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, onde decorre a II Mostra de Dança Portuguesa Contemporânea.

Formado inicialmente com o objectivo de participar em trabalhos exteriores ao Ballet Gulbenkian, onde os dois primeiros dançavam, o seu «workshop» inicial intitulado «Lisboa-Nova Iorque-Lisboa» juntou num espectáculo plurifacetado vários artistas com experiências no campo da dança norte-americana.

Seguidamente, João Natividade e Margarida Bettencourt apresentaram em Coimbra uma obra «Concerto Sentido», ao qual juntaram posteriormente mais dois «apontamentos coreográficos» para a apresentação (no início de 89) na I Mostra a convite da directora do CAM, Madalena de Azevedo Perdigão. Hoje, devido à licença de maternidade de Margarida Bettencourt, o habitual «trio de trabalho»,

transformou-se num duo, que por acaso dança a solo! O terceiro elemento, produz e promove as apresentações do grupo em Lisboa ou no exterior e, a sua formação cénica, permite-lhe também participar - ainda que pontualmente - nas composições coreográficas.

«Nós não queremos ser mais um grupo de dança... Acontece que dois de nós são bailarinos-coreógrafos e é por essas actividades que somos conhecidos.» Segundo João Natividade, a flexibilidade dos seus propósitos permite-lhes pesquisar em qualquer área. «Nesta altura sinto-me particularmente motivado para a pintura, além da dança, é claro». Para o espectáculo do ano passado no ACARTE, o bailarino escreveu o argumento de uma pequena «rábula» para vídeo, de fino recorte humorístico e grande desenvoltura espacial. Inspirado na figura romântica e fugaz da «Sylphide», o curto «intermezzo» desenrola-se (naturalmente) numa floresta onde «James» o herói de semblante pós-modernista persegue a sua obsessão amorosa. Exibindo uma vertente de comicidade bas-

tante desusada na paisagem coreográfica nacional, o Aparte subtil e descontraidamente, deixou aberto um caminho que não deve ser de desperdiçar.

«Não é nossa preocupação específica produzir essencialmente trabalhos cómicos, isso acontece apenas por acaso. Nós cremos que o facto de utilizarmos humor na nossa coreografia não faz perder a seriedade da nossa proposta. De um modo geral, o público associa seriedade com profissionalismo, mas esquece-se que o mais difícil na dança é fazer rir!»

Sempre que possível o APARTE faz-se acompanhar (ao vivo) pelo músico-compositor Carlos Zingaro, e a sua «linguagem» de movimento nem sempre extremamente original pode-se considerar amadurecida e com algum artifício.

O presente espectáculo, em forma de solo e com uma duração aproximada de 55 minutos «non-stop», possui um título que explica claramente o espírito do seu discurso coreográfico: «Divagações». «A ideia deste concerto a solo surgiu do hábito que tenho de me sentar a fi-



João Natividade

car a divagar... e também por extensão, de fazer exactamente o contrário, sentar a cabeça e deixar o corpo caminhar errante...

Essa divagação divide-se em treze «temas» distintos e inseparáveis. Os mesmos são encadeados de modo a que «tal como os títulos de alguns quadros deverão permitir aos espectadores ver neles mil coisas diferentes». «Sobre uma estrutura formal bem definida e rigorosa», acrescenta João Natividade, «apostei numa componente particularmente pesada de improvisação. Este tipo de opção exige do artista uma atenção muito especial e um razoável poder criativo a que não é alheia (neste caso) a presença de Zingaro. A sua colaboração nestas «Divagações», tal como em trabalhos anteriores, é bastante

significativa já que a partitura tocada ao vivo comunga também de zonas de improvisação, o que pressupõe uma interligação cúmplice entre movimento e som. Será curioso ainda mencionar que esta obra se apresenta, quase que de um modo caricatural, em «versão de concerto», sem cenário ou figurinos especiais. Tal como nos espectáculos operários em que por falta de meios económicos, ou de espaço, se despem as vozes de «artífices supérfluos» para apresentações menos sofisticadas, decidimos que na ausência de quaisquer apoios para a sua produção este trabalho começou logo em «forma de concerto». Uma versão necessariamente modesta de um outro que nunca existiu!

António Laginha

Óscares: entre os filmes nomeados dez já foram exibidos em Portugal

Foram ontem divulgadas em Los Angeles as nomeações para os Óscares a atribuir pela 62ª vez pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, no dia 26 de Março.

Os candidatos ao melhor filme são «Born on the fourth of July», «Dead Poets Society», «O Clube dos Poetas Mortos», em exibição em Portugal, «Driving Miss Daisy», «Field of Dreams» e «My Left Foot». Os realizadores nomeados foram, por seu turno, Oliver Stone pelo filme «Born on fourth of July» - que estreia em breve em Portugal - Woody Allen por «Crimes and Misdemeanors», Peter Weir por «Dead Poets Society», Kenneth Branagh por «Henry

V» e Jim Sheridan, que realizou «My Left Foot».

Os actores candidatos ao Óscar são Kenneth Branagh (Henry V), Tom Cruise (Born on the Fourth of July), Daniel Day-Lewis (My left foot), Morgan Freeman (Driving Miss Daisy) e Robin Williams (Dead Poets Society). As actrizes são, por seu turno, Isabelle Adjani (Camille Claudel), Pauline Collins (Shirley Valentine), Jessica Lange (Music Box), Michelle Pfeiffer (The Fabulous Baker Boys) e Jessica Tandy (Driving Miss Daisy).

Entre os nomeados para o título de melhor actor secundário contam-se Marlon Brando pelo seu desempenho em «A Dry White Season» (Assassinado sob Custódia,

em exibição em Portugal), Danny Aiello por «Do The Right Thing» (Não Dê Bronca, já exibido em Portugal), Dan Aykroyd por Driving Miss Daisy, Martin Landau em «Crimes and Misdemeanors» e Denzel Washington em «Glory». As candidatas ao Óscar para a melhor actriz secundária são as seguintes: Brenda Fricker (My Left Foot), Angelica Huston e Lena Olin (Enemies, a Love Story), Julia Roberts (Steel Magnolias), e Dianne Wiest (Parenthood, «Lar, Doce Lar...às Vezes» em exibição em Portugal). Os candidatos para o Óscar relativo ao melhor argumento original são: Woody Allen (Crimes and Misdemeanors), Tom Schulman (Dead Poets Soci-

ety), Spike Lee (Do The Right Thing), Steven Soderbergh (Sex, Lies and Videotape), e Nora Ephron (When Harry Meets Sally). Para o melhor argumento adaptado, os candidatos são os seguintes: Oliver Stone e Ron Kovic em «Born on the fourth of July», Alfred Uhry com «Driving Miss Daisy», Roger L. Simon e Paul Mazursky (Enemies, a Love Story), Phil Alden Robinson (Field of Dreams), e Jim Sheridan e Shane Connaughton (My Left Foot).

Quanto aos filmes estrangeiros, o Óscar pode ir para um destes: «Camille Claudel» (de França), «Cinema Paradiso» (Itália, já exibido em Portugal), «Jesus of Montreal» (Canadá), «Santiago, the Story of his New

Life» (Porto Rico) e «Walzing Regitze» (Dinamarca).

Candidatos ao Óscar no sector da direcção artística: «The Abyss», «The Adventures of Baron Munchausen», «Batman» - estes três já exibidos em Portugal -, «Driving Miss Daisy», e «Glory».

Guarda-Roupa: «The Adventures of Baron Munchausen», «Driving Miss Daisy», «Harlem Nights», «Henry V» e «Valmont» (este último em exibição entre nós).

Montagem: «The Bear», «Born on the fourth of July», «Driving Miss Daisy», «The Fabulous Baker Boys» e «Glory».

Caracterização: «The Adventures of Baron Munchausen», «Dad» e «Driving Miss Daisy».

Banda Sonora original: John Williams (Born on the fourth of July), David Grusin (The Fabulous Baker Boys), James Horner (Field of Dreams), John Williams (Indiana Jones and the Last Crusade, já exibido em Portugal) e Alan Menken (The Little Mermaid).

Canção Original: «After All» do filme «Chances Are», «The Girl Who Used To Be Me» de «Shirley Valentine», «I Love to See you Smile» de «Parenthood», «Kiss the Girl» de «The Little Mermaid» e «Under the Sea» do filme «The Little Mermaid». Finalmente, foram nomeados para o Óscar referente aos melhores Efeitos Visuais, os filmes «The Abyss», «The Adventures of Baron Munchausen» e «Back to the Future Part II».

SANTOS & NASCIMENTO
AV. DA LIBERDADE, 177-LISBOA
SALDOS
PRONTO-A-VESTIR
FATOS * CAMISAS * CALÇAS * BLUSÕES *
MALHAS * CASACOS * ETC

CINE-CLUBE DO BARREIRO
R. Almirante Reis, 111
2830 BARREIRO

Convocatória

SEXTA-FEIRA, 16 /
FEV.º / 90, PELAS 21 HORAS
E 30 MINUTOS, TEM LUGAR A 2.ª SESSÃO DA
ASSEMBLEIA GERAL DO C.C.B. PARA ELEIÇÃO
DOS CORPOS GERENTES
PARA O EXERCÍCIO DE
1989/90.
O Presidente da Mesa da
Assembleia
Geral,
Vicente Augusto Bolina

Jaky Graham canta em Portugal em 26 de Fevereiro

Jaky Graham, cantora de soul music, vai apresentar dois únicos espectáculos em Portugal nos dias 24 e 26 de Fevereiro, no Hotel Ofir.

A artista, filha de pais jamaicanos radicada em Londres, na sua actuação de hora e meia interpretará alguns dos seus êxitos como «What's the name of your game», «Could it be, I'm falling in love», temas do seu mais recente álbum «Breaking away».

Neste seu último trabalho, Jaky Graham trabalhou com vários produtores em Londres, Nova Iorque e Los Angeles, nomeadamente Richard Burges e Michael McDonald.



A cantora de soul music Jaky Graham

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Nadir Afonso na Galeria Ygreco

Harmonia e perfeição

Considerado o introdutor do abstraccionismo geométrico em Portugal, Nadir Afonso apresenta neste momento em Lisboa, na Galeria Ygreco, uma exposição individual onde a componente geometrizar que o caracteriza se torna bem evidente, no entanto à mistura com formas sinuosas concebidas através do traço seguro, apenas conseguido pela mão dum autêntico mestre.

Sustenta Nadir Afonso que «De leis ninguém ouviu falar e por isso considera esta falta o mais curioso lapso do pensamento estético tradicional, os estudos materialistas fundam as suas concepções filosóficas sobre aquilo que se lhe afigura "subjectivo". Na mais cordata das hipóteses, proposições opostas - primazia do objecto e primazia do sujeito - admitem, entre a obra de arte e a emoção estética, um princípio de relação».

E a seguir, Nadir Afonso - o arquitecto que abandonou a Arquitectura há 25 anos para se dedicar inteiramente à Pintura - interroga-se:

«Mas o que é a relação? será apenas aquela face fortuita entre duas naturezas? Será somente uma interdependência de entidades reais mas onde ela, simples ligação, não possui qualquer existência real? As doutrinas que mencionam a "relação" jamais procuram nas suas análises o sentido determinado do tal termo».

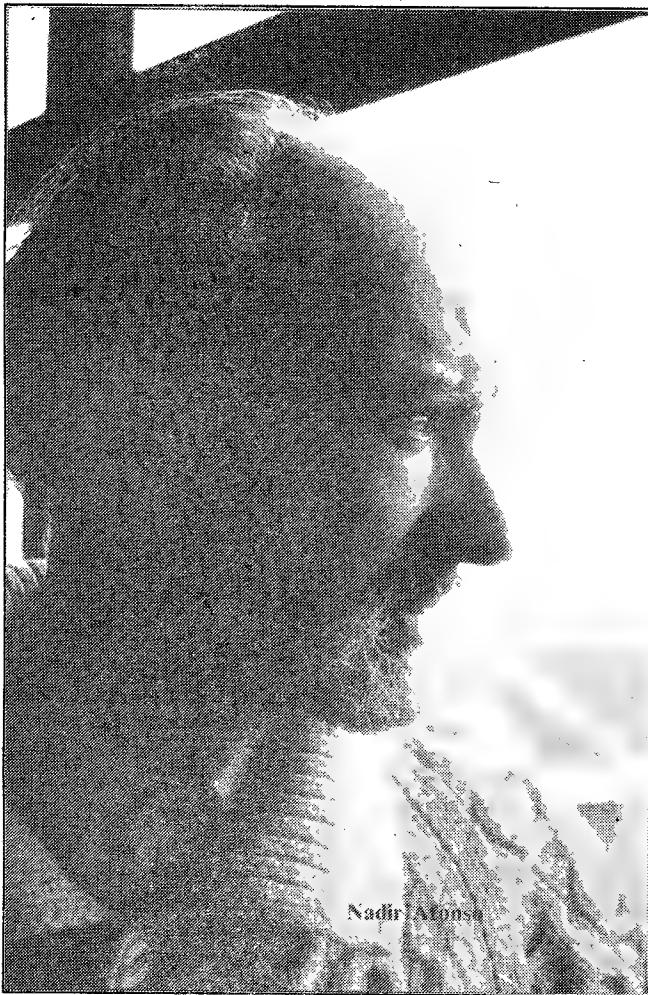
Prosseguindo o seu raciocínio, Nadir Afonso afirma: «Ora não possuindo uma significação específica este traço de união sujeito-objecto arrisca-se, portanto, a permanecer num eterno truismo: eu ressinto emoção estética porque o objecto é uma obra de arte; o objecto é uma obra de arte por que eu ressinto emoção estética».

Neste jogo de passe-passe a natureza do "primat" tanto pode quedar-se no sujeito idealista como no objecto materialista e a sua definição nunca passará dum enigma impenetrável. Ora a relação não é um acaso ou livre arbítrio; ela é uma entidade em si, independente do sujeito e do objecto: uma existência original que define duas naturezas e ponto de partida das suas acções respectivas. Sentir o objecto é pressentir a relação que o une ao sujeito».

Nadir Afonso nasceu em Chaves em 1920 e diplomou-



«As Deusas do Vento», um dos óleos de Nadir Afonso na Galeria Ygreco



se em Arquitectura pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Com 26 anos, já em Paris, é aluno de Pintura na École des Beaux-Arts, bolsheiro do governo francês e colaborador do arquitecto Le Corbusier até 1951. Durante os três anos seguintes trabalha no Brasil em colaboração com

o arquitecto Oscar Niemeyer, nomeadamente na elaboração do projecto do IV Centenário da cidade de S. Paulo. Em 1954 regressa a Paris e retoma o contacto com os artistas orientados na procura da arte cinética, desenvolvendo os estudos sobre pintura, que denomina "Espacillimite".

Expõe os seus trabalhos "espacillimités" na Galeria Denise René (1956-57) e no Salon des Realités Nouvelles, em 1958.

Prémio Nacional de Pintura em 1967 e Prémio Amadeo de Souza-Cardoso em 1969. Sala Nadir Afonso no Museu da região Flaviense e Medalha de Ouro da cidade de Chaves.

Membro da Academia Nacional de Belas-Artes e da Ordem Militar de Santiago da Espada, Nadir Afonso tem exposto individualmente em Portugal e, no estrangeiro, destaque para as exposições que apresentou em Paris (Maison des Beaux-Arts, Centre Culturel Portugais, Galerie Art-Service), em Nova Iorque (Selected Artists Galleries) e numa itinerante em Espanha, há cerca de cinco anos.

Para além do trabalho como artista plástico, Nadir Afonso conta ainda no seu activo com a publicação de apreciadas obras estéticas, salientando-se "Les Mécanismes de la Création Artistique", com edições francesa, inglesa e alemã. "Da Vida à Obra de Nadir Afonso", aguarda publicação.

Paralelamente a esta exposição de óleos que a Galeria Ygreco tem patente até ao dia 3 de Março, foi lançada uma serigrafia baseada no original "Pontes de Siracusa", com uma tiragem de 150 exemplares numerados e assinados pelo autor.

RB

«Em Busca do Unicórnio»

Traduzido em português o Prémio Planeta 1987

Quando for possível fazer o estudo global da novelística dos anos 80, por certo se detectará não ser a inovação um dos seus pontos fortes. Ou porque a circulação quase instantânea da informação e o acesso fácil a um sem número de dados tenham liquidado no escritor a veleidade de ser original, ou porque também a literatura tenha sido contagiada pela onda revivista que afectou praticamente todos os fenómenos sociais, a verdade é que se assistiu a um refúgio do romance em formas mais ou menos estabelecidas e estabilizadas como são as do romance histórico e do policial. Grande parte dos mais estrondosos sucessos literários da década, que julgamos desnecessário enumerar, enquadram-se perfeitamente no quadro que acabamos de traçar.

Em Busca do Unicórnio, Prémio Planeta na vizinha Espanha em 1987, publicado em Portugal nos finais do ano transacto, explora também o filão do romance de ambição histórica, constituindo mesmo os dois mais deliciosos relatos de aventuras em terras exóticas e tempos quase esquecidos de toda a produção romanesca europeia divulgada em Portugal. O autor do livro, Juan Eslava Galán, à partida um especialista em história medieval, documentou-se especialmente sobre a sociedade e a história africana do século XV para nos oferecer este trabalho de ficção que, não obstante o carácter fabuloso do animal que Juan de Olid e os seus companheiros irão procurar no interior de África, nunca se afasta do estritamente verosímil.

É um facto que ao primeiro contacto o romance se nos afigura muito mais fantasista, e nele não deixa de haver fortes ressonâncias da chamada «novela bizantina», muito em voga na Espanha do século XVI, caracterizada pela multiplicidade e complexidade das aventuras e pela constante itinerância das personagens. Essas ressonâncias são, porém, atenuadas pelo progressivo encaminamento do romance para o respeito pela história, que não significa fidelidade aos factos históricos.

É também em nome da verosimilhança que Juan Eslava Galán tenta reproduzir a sintaxe e, de certa forma, o vocabulário próprios de uma língua ainda arcaizante, mas em vias de perder os seus traços arcaicos: o relato encontra-se redigido na primeira pessoa, passando por ser a narrativa autobiográfica de Juan de Olid, o leal escudeiro do Condestável de Castela, que parte com quarenta besteiros, um monge e uma jovem virgem à procura de um corno de unicórnio o qual, com as suas propriedades afrodisíacas, solucionará o problema sucessório de Henrique IV.

Em África, o protagonista irá passar por mil aventuras e conhecerá outras tantas traições, quer de gentios, quer de alguns cristãos, até acabar sozinho em Sofala, salvo em última instância pelas naus de Bartolomeu Diao acabado de dobrar o Cabo da Boa Esperança. Regressará com um braço a menos, perdido na luta com o terrível «unicórnio», mas com um corno de rinoceronte e os ossos de frei Jordi na bagagem.

Há, já se vê, matéria mais que suficiente para tornar o romance aliciente, tanto mais que, à sucessão alucinante de aventuras, há a juntar uma reflexão irónica sobre a natureza humana e sobre a distinção entre os comportamentos ditos selvagens e os ditos civilizados. Um livro, ao fim e ao cabo, que, sem trazer nada de novo, dificilmente deixará de agradar ao leitor mais exigente!

António Apolinário Lourenço

Juan Eslava Galán, «Em Busca do Unicórnio», Quetzal Editores/1989
Tradução de José Colaço-Ribeiro.

Reeditada «A Ilha do Próspero», de Knopfli

«A Ilha de Próspero», um roteiro poético da ilha de Moçambique, de Rui Knopfli, acaba de ser publicado, em segunda edição, com o patrocínio da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e do Instituto Português do Livro e da Leitura.

Em volume de luxo, da responsabilidade das «Edições 70», «A Ilha de Próspero», cuja primeira edição data de 1972, é a quinta obra do poeta moçambicano, que em posfácio datado de Londres, Janeiro de 1989, a dedica «aqueles a quem a mais estúpida das arrogâncias apelidou de retornados».

«Como eles e antes deles, retornados foram Camões, Barros Mendes Pinto, Diogo do Couto, Perestrelo... sem eles nada teria sido o que é», escreve ainda Knopfli.

Com a presença de Alexandre Lobato, entretanto falecido, o livro, profusamente ilustrado com fotografias também de Rui Knop-

fli, compreende duas dezenas de poemas e os posfácios da primeira e segunda edições.

Rui Knopfli, 58 anos, natural de Inhambane, Moçambique, publicou já oito livros de poemas, o último dos quais, «O Corpo de Atenas», em 1984.

DESPORTO



Hoje: eleição olímpica

Ciclismo já ganhou: apoia as duas listas!

Logo, pelas 21 horas, na sede do Comité Olímpico Português (Rua Braamcamp, Lisboa) procede-se à eleição do novo presidente daquele organismo, com duas listas em oposição. Uma, liderada pelo comandante Vicente de Moura, presidente da Federação de Natação, de 52 anos de idade, que conta com os apoios das federações de badminton, futebol, esqui, pentatlo moderno, tiro com arma de caça, halterofilismo, atletismo, ginástica, ciclismo, patinagem, rãguebi, karaté, tiro com arco, remo e natação, para além de ter a seu lado Fernando Lima Belo, actual presidente do COP e recém-eleito delegado ao Comité Internacional. A 2.ª lista é comandada pelo dr. Francisco Ferreira Alves, advogado, de 61 anos, atleta olímpico (Helsínquia, 62) que é o actual presidente da Comissão Revisora de Contas do COP e afronta a «linha Lima Belo» com o incentivo das federações de andebol, basquetebol, boxe, arqueiros de Portugal, remo, voleibol, ciclismo, canoagem, campismo e caravanismo, esgrima, filatelia, judo, lutas amadoras, ténis e ténis de mesa.

Uma federação já garantiu cantar vitória: ciclismo, pela boca do presidente Henrique Castro, joga nas duas listas...

Pode relvar-se um estádio pagando a bochechos

Piscinas, ginásios, «courts» de ténis facilitados em prestações

Realmente, a imaginativa e o engenho humanos não conhecem travagens. Agora, uma colectividade desportiva ou qualquer autarquia que deseje apetrechar-se com um pavilhão, uma piscina, um ginásio, «court» de ténis ou mesmo pistas de atletismo, não tem mais que se dirigir à Norgrope e auscultar o «Projecto D», apresentado à Comunicação Social no decorrer de um almoço na Adega da Tia Matilde, onde pontifica Emílio Andrade, um excelente amigo dos jornalistas.

A Norgrope esteve presente em força (eng. Eduardo Freitas, José Rios, José Paupério e o adjunto de administração Correia dos Santos, coordenador do Projecto Desportivo da empresa), além de António Esteves e Borges Pinto, os homens da IDEM (Intervenção no Domínio de Mercado) que funcionaram como charneira entre aquela empresa e a imprensa.

Ficou a saber-se que, graças ao sistema da venda em grupo, com entrega de prestações periódicas de natureza pecuniária e a gestão de fundos assegurada por uma sociedade administradora (de forma que cada um dos participantes venha a adquirir os bens ou serviços compreendidos no respectivo contrato) está resolvido um aflitivo problema do nosso desporto.

Numa actividade fiscalizada pelo Banco de Portugal, esta sociedade administradora de compra em grupo cobra a cada participante uma mensalidade que engloba quotas de amortização, administração, uma quantia destinada a fundo de reserva e outra para fundo de garantia, tudo a possibilitar a atribuição dos bens

ou serviços por sorteio entre os participantes ainda não contemplados ou por licitação. Para isso a rede de infra-estruturas desportivas integrada no «Projecto D» tem uma comissão constituída pelo director-geral dos Desportos e representantes da Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério do Planeamento e da Administração do Território, Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário, Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Instituto de Apoio Socioeducativo.

Em despacho conjunto dos Ministérios de Planeamento e da Administração do Território e da Educação (10 de Maio de 1988) é dada prioridade às infra-estruturas escolares, mas alarga-se o âmbito a outras entidades, exteriores ao sector escolar, onde se comprove que a obra desejada corresponde ao interesse efectivo manifestado das populações e para que a colaboração existente (ou a fomentar) seja oferecida ao desenvolvimento de actividades curriculares ou extracurriculares. Sabido que existem, em Portugal, imensos clubes e associações culturais carenciados de infra-estruturas, que vêm movimentando milhares de jovens e muito desejariam ser também incluídos num programa que os ajudasse a desenvolver a sua actividade, a Norgrope aparece com um corpo de técnicos qualificado para dotar o País de uma rede integrada de infra-estruturas desportivas que, mediante um engenhoso e prático sistema de amortizações mensais, vai permitir o aumento de pavilhões, ginásios, salas de

conferência (com possibilidade para espectáculos de dança, teatro e variedades) piscina, «courts» de ténis, melhoria dos parques desportivos já existentes (obras de restauro ou melhoramento) e, até, arrelvamento de estádios.

Um simulacro de pagamentos para o período de dez anos, com ausência de qualquer investimento inicial significativo, teria para uma obra no valor de 30 mil contos o pagamento máximo de 57 344 760\$00 ao longo de dez anos, verba inferior caso a colectividade ou a autarquia recorram ao crédito tradicional, que obrigaria a despendar 68 698 880\$00. Ainda uma outra vantagem: completado o 1.º ano de pagamento (mensalidades totais no valor de 300 contos) a colectividade ou a autarquia logo podem beneficiar de sorteios ou da hipótese de avançar com o restante pagamento e ficar livre de mais qualquer encargo.

Numa altura em que os campeonatos nacionais de futebol dos dois principais escalões e os jogos da Taça a partir dos oitavos de final terão de ocorrer em campos relvados, a Norgrope trás precioso auxílio aos clubes que se debatem com o problema da falta de terrenos regulamentares, para além de funcionar como inédito apoio na construção de ginásios, piscinas, «courts» tenísticos e pistas de atletismo a um País que, no seu mapa de instalações desportivas a nível total, mora no rés-do-chão da Europa.

N. de S.

SEAT TERRA

MAIS CARGA POR MENOS

DESDE 1.077.000 ESC.



SEAT

Grupo Volkswagen

Importador exclusivo: SOCIEDADE HISPÂNICA DE AUTOMÓVEIS, S.A.

Encargos anuais globais de 136.448 a 177.083 Esc. Base: 15.000 Km/ano. Dezembro 1989

GARAGEM VICTORIA,
Automóveis, Lda.

Lisboa • Rua Nova de S. Mamede, 38-A • 1200 LISBOA
Telefs. 65.81.31/2/3/4/5/6 • Fax 60.34.12 • Telex 13371 GARVIT P
Cascais • Av. 25 de Abril, 901, R/C Esq. • 2750 CASCAIS
Telefs. 294.73.92 • 294.74.17 • Fax 284.74.42

Futebol lá fora

Lazaroni poderá dispensar os cinco «portugueses»

O seleccionador brasileiro de futebol, Sebastião Lazaroni, admitiu a possibilidade de não convocar para o Mundial de Itália alguns jogadores que actuam em clubes portugueses.

O técnico brasileiro afirmou que esta tomada de posição apenas sucederá em caso extremo, explicando que só será forçado a tomar essa atitude face à resistência de alguns dos clubes em ceder os futebolistas antes de 20 de Maio, data em que termina o campeonato português.

Entre os jogadores que Lazaroni pensa convocar no dia 16 de Abril, para o estágio da selecção brasileira, com vista ao Mundial de Itália, contam-se os benfiquistas Aldair, Valdo e Ricardo, o sportinguista Silas e o portista Branco.

O treinador brasileiro pretende iniciar os treinos da selecção canarina no dia 23 do mesmo mês, como forma de evitar os problemas que a selecção brasileira enfrentou na Taça da América.

Real-Barcelona realiza-se hoje

O Atlético de Madrid, venceu fora, o Saragoça por 2-0, em encontro da jornada do campeonato espanhol de futebol da primeira divisão.

Com este triunfo, o Atlético de Madrid, que beneficiou ainda do desaire (4-0) do Valência no campo do Sevilha, isolou-se no segundo posto da geral, com 34 pontos, tendo menos quatro pontos que o líder Real Madrid, cujo jogo da jornada frente ao Barcelona se efectua hoje na capital espanhola.

O Valência, que partilhava o segundo lugar com os «colchoneros» antes da pesada derrota em Sevilha, está agora no terceiro posto, com 32 pontos, mais um que o Barcelona, que conta com menos um jogo.

O Sevilha, que alcançou a sua 13.ª vitória em 25 jogos, ocupa agora a sexta posição da geral, com 29 pontos, menos um que a Real Sociedad.

Resultados da jornada: Real

Mallorca-Rayo Vallecano, 1-0; Castellon-Real Sociedad, 0-2; Oviedo-Tenerife, 2-1; Osasuna-Celta, 1-0; Valladolid-Logroñes, 0-1; Saragoça-Atlético de Madrid, 0-2; Atlético de Bilbao-Gijón, 1-0; Sevilha-Valência, 4-0; Málaga-Cádiz, 1-0.

Milão e Juventus na final da Taça

Depois de, no passado domingo, ter vencido o Nápoles por 3-0, o Milão repetiu, ontem, a «chapa 3», derrotando, de novo, a turma de Maradona (desta vez por 3-1) classificando-se para a final da Taça de Itália, que se disputará, em duas mãos, nos dias 28 do corrente e 4 de Março.

O outro finalista é a «Juve» (de Rui Barros) que afastou o Roma, por 4-3 no conjunto dos dois confrontos.

Holanda

Para as meias-finais da Taça da Holanda estão apurados: Ajax, PSV, Willem II e o Vitesse.

DESPORTO

Particular: Portugal, 2-Espanha, 1 Francisco Silva derrota juniores espanhóis

Desnecessariamente, o defesa espanhol Guzman sacudi a bola com a mão a um metro da área de extremo rigor: imediatamente o árbitro Francisco Silva decretou a grande penalidade que, concretizada por Poejo, daria o 3.º êxito consecutivo dos sub/16 de Portugal sobre o «team» da Espanha, em jogo particular desenvolvido em Faro. Um «penalty» que deixou muitas dúvidas, afigurando-se que a falta seria apenas merecedora de pontapé livre. Simplesmente o juiz algarvio julgou mais drasticamente a falta que todo o País teve ensejo de ver directamente pelo Canal 2 da RTP: e os pupillos de Carlos Queirós, Nelo Vingada e Rui Caçador acabaram por conseguir um êxito que estava sendo muito regateado pelos nossos visitantes.

A nova selecção portuguesa de juniores «B», que realizava o seu 6.º jogo após se ter estreado no recente Torneio Internacional de Israel, sentiu muitas dificuldades perante a sua congénere espanhola, uma formação agressiva e veloz, onde se destacou Morales, perigoso avançado do Real Madrid.

Preferindo os rápidos contra-ataques pelos flancos, os espanhóis formaram a equipa mais perigosa e poderiam ter inaugurado o marcador (aos 14 minutos) quando Morales rematou por cima da barra, após se ter isolado, na sequência de um «divre» de Patri. Contudo, os portugueses acabaram por ser os primeiros a marcar (aos 37 minutos) quando o «dragão» Nuno Miguel respondeu com um violento remate de cabeça a um pontapé de canto apontado na esquerda, por Poejo.

A vantagem lusitana apenas duraria oito minutos, até que Morales empatou a partida com um oportuno golpe de cabeça (em voo) na sequência de um cruzamento executado na direita, por Casanova.

Com os espanhóis a exibirem um futebol mais adulto e os portugueses a denotarem alguma inexperiência, o 13.º Portugal-Espanha em juniores «B» acabou por ser decidido (aos 63 minutos) pela inexistente grande penalidade, convertida por Poejo através de um remate forte e por alto.

O espanhol Morales (o melhor dos 31 jogadores que olharam no Estádio de São Luís) bem como os portugueses Poejo e Kenedy cotaram-se com as exibições superiores.

Actuação «patriótica» de Francisco Silva, o árbitro farense que esteve acompanhado por José Rufino e Fernando Baltasar. As turmas.

PORTUGAL: Nuno Sampaio; Elísio, Alexandre Ribeiro, Litos e Hugo (Nuno Afonso, 41); Poejo, Alexandre Monteiro (Eusebio, 65) e Costa (Luisinho, 47); Nuno Miguel e Kenedy e Porfírio (Filipe, 41).

ESPAÑA: Maestro (Castano, 65); Bermudez (Guzman, 41), Palácios, Bartolomeu e Roca; Julen, Morales, Vaqueriza (Navarro, 41) e Patri (Urizar, 52); Bertol (Casanova, 41) e Etxaburu.

Golos: Nuno Miguel, Morales e Poejo (grande penalidade).

Estrela da Amadora, 0 - Sporting de Braga, 0

Taça demora a encher para o 5.º cartaz

Embora dominando o duelo com a turma bracarense, o «onze» de João Alves não conseguiu um só golo nas redes do «team» de Vítor Manuel e, assim, o Estrela da Amadora terá de visitar Braga para se encontrar um concorrente aos oitavos de final da Taça de Portugal (5.ª eliminatória). Ontem, no Estádio José Gomes, «estrelinhas» e bracarenses ficaram a zero, mesmo após um suplementar período de 30 minutos. Quer dizer: em duas horas de esforço, nem um só remate vitorioso de qualquer das formações obriga a desempate no 1.º de Maio.

Para o desfecho final do jogo contribuíram os sucessivos falhanços de Ricky e Pedro Xavier (em lances de golo iminente) e ainda a exibição de Luís Manuel, que fechou a sete chaves a baliza do Sporting de Braga.

Os bracarenses entraram na Reboleira sem um único ponto de lança, evidenciando a disposição de defender o em-



Amadora: bola nos pés de Basaúla

pate de modo a levar para o Minho a resolução da eliminatória. Foi coroada de êxito a estratégia montada pelo técnico Vítor Manuel e fica na reti-

na dos espectadores a forma empenhada como todos os jogadores se bateram.

O Braga apenas uma única vez (aos 52 minutos) esteve em posição de fazer golo, nas Santos desperdiçou a iniciativa individual de Serrinha conduzida pelo flanco direito do seu ataque.

O Estrela da Amadora teve o domínio do jogo e criou as melhores situações de golo, mas apenas se tem de queixar de si próprio por ter deixado escapar a oportunidade de já ter ganho o direito a estar presente na próxima eliminatória taceira.

Com este 0-0 terá de se efectuar novo jogo, desta feita no relvado do Sporting de Braga, em data a acordar pelas direcções dos dois clubes e posteriormente sancionada pela Federação Portuguesa de Futebol. De momento, os dois blo-

cos estão de acordo em desempatar a 27 do corrente.

No Estrela da Amadora, a evidência vai para Paulo Bento e no Sporting de Braga para o seu guarda-redes Luís Manuel. O árbitro Bento Marques foi o melhor elemento dentro das quatro linhas. Esteve acompanhado pelos fiscais António Trigo e António Manuel.

Estrela da Amadora: Melo; Rui Neves, Duílio, Barny e Caetano; Basaúla, Paulo Bento, Rebelo (Ricardo, 81) e Paulo Jorge (Rui Jorge, 63); Pedro Xavier e Ricky.

Braga: Luís Manuel; Chico Silva, Laureta, Vítor Duarte e Quim I; Serrinha (João Mário, 75), Quim II, Rui Manuel, Santos e Fernando Pires; Tiano (Marcão, 46).

Cartão amarelo a Quim II (72 minutos) e a Chico Silva (89 minutos).



Amadora: perante uma bancada às moscas, um jogo sem golos

assim vai o

totobola

Penalti: 121 221 111 2211; O Jornal de Amarante: 121 2X1 111 XXXX; Jornal da Beira: 121 2X1 11X 2XX2; Algarve Desporto: 1X1 X11 11X 2X1X; Ronda Desportiva: 121 X11 1XX X21X; Correio de Coimbra: 121 2X1 111 22XX; Correio do Vouga: 121 2X2 11X XXX2; Defesa de Espinho: 121 221 111 2222; Diário de Coimbra: 121 2X1 11X X2X2; O Diário: 121 2X1 111 21XX; Diário de Lisboa: 121 2X1 111 22X2; Diário de Viseu: 121 2XX 1X1 22XX; Rádio Nova Antena: 12X 2X2 11X 2XXX; Ecos de Cacia: 121 2X1 11X 22X2; Eu Sei Tudo: 121 2X1 111 2X22; O Jornal de Felgueiras: 121 2X1 111 XXXX; Jornal de Gaia: 121 XX1 11X 2XX2; Gazeta

das Caldas: 121 221 111 2211; Rádio Totobola: 121 2X1 11X 2X1X; Linhas de Elvas: 121 2XX 11X 2112; Litoral: 1X1 2X1 111 22XX; O Jornal da Lixa: 121 2XX 111 2XXX; Maria da Fonte: 121 221 111 X2X2; O Mensageiro: 121 2XX 112 X112; No Estádio e no Estádio: 121 22X 11X 22XX; Notícias de Chaves: 121 22X 11X 21XX; Notícias de Felgueiras: 121 2X1 111 XXXX; Notícias de Gouveia: 1X1 2X1 111 2212; Notícias de Guimarães: 121 221 111 22X2; Notícias de Viseu: 121 X11 111 2222; Notícias de Viana: 1X1 2X1 1X1 X2X2; Reconquista: 12X 2X1 111 2X1X; Semanário da Região Bairrada: 121 2X1 11X 2212; Informação Desportiva/Rádio Alentejo: 121 X11 11X

X2X2; Bom Dia: 121 1X2 11X 2212; Tempo e Resultados: 121 221 111 22X2; Secção Desportiva/Rádio Comercial: 121 2X1 1X1 2222; Tempo de Desporto: 121 2X1 111 2XXX; RR/Desporto: 121 2X1 111 X2XX; Bola Branca: 121 221 111 X21X; Frente Desportiva: 121 221 111 2XX1; Diário de Aveiro: 121 X21 111 2212; Jornal de Santo Tirso: 121 22X 11X 22X1; Jornal de Sintra: 121 2X1 111 222X; A Voz do Domingo: 121 2X1 111 X2XX; Voz de Lamego: 121 221 111 2X1X; Disco & Daquilo: 121 221 11X X21X; Tarde Desportiva: 121 2X1 11X 2222; Livre e Directo: 121 22X 11X 22XX; Um Caso Por Semana: 12X X21 11X X121; Foi Notícia: 12X 11X 22X 2XX1; Desporto e Músi-

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 7/90 DE 18 DE FEVEREIRO

	RESUMO			BOLAS (º)		
	1	X	2	1	X	2
1. Porto - Chaves	64	1	0	11	1	1
2. Beira Mar - Benfica	0	7	58	1	1	11
3. Guimarães - Marítimo	61	4	0	11	1	1
4. Nacional - Sporting	2	11	52	1	2	9
5. U. Madeira - Boavista	7	34	24	1	6	5
6. E. Amadora - Tirsense	52	12	1	9	2	1
7. Belenenses - Feirense	62	3	0	11	1	1
8. Setúbal - Braga	57	6	2	10	1	1
9. Penafiel - Portimon.	38	24	3	7	4	1
10. Infesta - Famalicão	3	20	42	1	4	7
11. Caldas - Espinho	6	20	39	1	4	7
12. Olhanense - Louletano	20	36	9	4	7	1
13. Torreense - Farense	9	29	27	1	6	5

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
121 2X1 111 22XX

ca/Rádio Covilhã: 121 2X1 111 22X2; Cultura e Recreio: 1X1 X2X 112 22XX; De Tudo Um Pouco/Rádio: 121 2X1 111 XXX X212; O Comércio de Leixões: 121 221 111

X2X2; De Tudo Um Pouco/O Comércio de Leixões: 121 2X1 111 1X12; Quadrante Norte: 121 221 111 22X2; Jornal da Graça: 121 22X 11X X2XX; Resenha Desportiva: 121 221 111 XXXX; Alvo Des-

portivo: 121 22 11X 22XX; Rádio Alvo: 1X1 XX1 111 XXXX; Alvo: 121 221 11X 2111; Alvo Suplemento: 1X1 1X1 111 1X22; A Voz dos Rí- dículos: 121 2X1 111 1211

DESPORTO

FUTEBOL: processos disciplinares

Numa das suas últimas reuniões, os membros do Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol deliberaram instaurar processos disciplinares aos seguintes clubes:

Belenenses — por eventual utilização irregular do futebolista Fernando Ferreira Assis «Macaé» no encontro com o Nacional.

Sport Clube de Vila Pouca — pelas mesmas razões, relativamente ao jogador Abel Loureiro Mendes no encontro com o Mirandela, disputado no dia 10 de Janeiro.

Mirandense — por suspeita de que o jogador Carlos M.R. Peixoto tenha actuado irregularmente no confronto com o SU Alfeizerense, efectuado no passado dia 7 de Janeiro.

Farense — por não ter solicitado autorização para a realização do jogo com o Eintracht de Frankfurt disputado no dia 24 de Janeiro nem ter feito o pedido para nomeação da equipa de arbitragem.

Nacional — por ter negociado a transmissão televisiva para o Brasil do encontro com o Futebol Clube do Porto realizado no dia 27 de Janeiro.

Por declarações prestadas após o jogo Marítimo - União, foi mandado instaurar processo disciplinar ao presidente unionista, Jaime Ramos.

Castro Santos com pé na tábua

Ao estabelecer a sua melhor volta no circuito de Jerez de la Frontera (1m 45,6) o piloto português Diogo Castro Santos tornou-se o piloto mais rápido de sempre naquela pista e em monolugares de Fórmula Opel/Lotus. Este tempo foi obtido durante os treinos promovidos pela European Fórmula Drivers Association para início de época, e entre cerca de 30 pilotos que irão disputar a partir de Abril o Campeonato da Europa.

Diogo Castro Santos foi o único piloto a rodar no segundo 45, deixando a cerca de 7 décimos o brasileiro Baricello, e a mais distância outros pilotos muito cotados, como o sueco Aslund ou o italiano Cristofaro.

Ténis: debutante deslumbra

Ténis: A tenista norte-americana Linda Harvey-Wild fez uma estreia memorável como profissional, ao vencer a espanhola Arantxa Sanchez Vicário, em apenas dois «sets», na primeira ronda do Torneio de Chicago.

Harvey-Wild, de 19 anos, natural de Chicago, venceu Arantxa Sanchez pelos parciais de 6-3 e 7-6 (7-5), um resultado humilhante para a espanhola, vencedora do «Open» de França de 1989 e quinta jogadora do «ranking» mundial.

A estreante profissional norte-americana quebrou o serviço de Arantxa, terceira cabeça-de-série, no quarto jogo do primeiro «set», deixou fugir a vantagem no sétimo, mas recuperou-a no oitavo e fez o 5-3, resolvendo o «set» no nono jogo.

Ambas as jogadoras mantiveram o serviço no segundo «set», em cujo «tie-break» Harvey-Wild chegou surpreendentemente a 6-1, após o que Arantxa, de 18 anos, recuperou para 6-5, cometendo depois uma dupla falta fatal que a levou à derrota.

«Ela jogou muito bem e venceu-me. Depois de ter ganho o «Open» de França, todas querem bater-me», exclamou Arantxa Sanchez Vicário no termo do encontro com Harvey-Wild, 154.ª tenista do Mundo.

A jornada deixou ainda fora de prova a sexta cabeça-de-série, Natália Zvereva, da União Soviética, que perdeu com a norte-americana Kathy Rinaldi, por 7-5, 3-6 e 6-1. Entretanto, a norte-americana de origem checoslovaca Martina Navratilova, primeira cabeça-de-série, e a peruana Laura Gildemeister, sétima cabeça-de-série, qualificaram-se para a segunda ronda.

Inquérito da Lusa

Árbitros estão solidários com a gestão de Lourenço Pinto



Rosa Santos: «O critério de nomeações está correcto»

A Agência Lusa procedeu a um inquérito junto dos árbitros de futebol, abordando as questões que nos últimos dias têm vindo a alimentar farta polémica com o ícar da bandeira da celeuma. Critério de nomeações, preceitos de comportamento por parte do presidente Lourenço Pinto, corrupção no sector, nível de competência foram alguns dos temas propostos aos inquiridos e das respostas obtidas fica a síntese que se segue:

Rosa Santos: «O critério de nomeações está correcto e o presidente do Conselho de Arbitragem tem provado que está empenhado em defender a classe. Sobre corrupção, ninguém prova que exista.»

Serafim Alvim: Depois de considerar que Lourenço Pinto está tendo um comportamento correcto e que a nova metodologia nas nomeações é acertada, o árbitro eborense recusa aceitar a ideia de haver corrupção na arbitragem.

António Rola: «Lourenço Pinto está a servir bem a causa da arbitragem e tem-se evidenciado como acérrimo defensor dos árbitros. O equilí-



Pinto Correia: «Estou solidário com o dr. Lourenço Pinto»

brio dos campeonatos só vem confirmar o bom nível da arbitragem que este ano foi enriquecida com novos valores aos quais, o presidente do Conselho Nacional tem dado iguais oportunidades.» Sobre corrupção, o juiz escalabitano afirma: «Acredito que possa haver resultados forjados entre jogadores e dirigentes, mas não creio que um árbitro se venda.»

Domingos Barbosa: «O esquema das nomeações implantado pelos actuais dirigentes é o mais justo e, sobre corrupção, direi que ando na arbitragem há doze anos, tenho ouvido falar em corrupção mas nunca vi nada provado. Lamento que seja possível colocar tão facilmente em causa uma classe dignamente representada no desporto português.» Aquele árbitro do CA Porto depois de enaltecer a actuação de Lourenço Pinto e seus pares do executivo arbitral afirmou: «Tenho a certeza que os árbitros estão com ele e que esta tempestade ainda vai unir mais a classe.»

Pinto Correia: «O balanço da arbitragem, apesar de toda



Ezequiel Feijão: «A arbitragem portuguesa está no top europeu»

a polémica que por aí vai, é positiva. Se contabilizarmos os «penalties» ou os golos que os jogadores falham com a baliza aberta, eles são em maior número do que um ou dois casos que este ano aconteceram na arbitragem. Respeito o critério de nomeações e estou solidário com o dr. Lourenço Pinto.» Quanto às acusações do Benfica de que há corrupção no futebol, Pinto Correia limitou-se a responder: «O Benfica que denuncie quem é corrupto. Temos que saber quem são. Se jogadores, se dirigentes, se árbitros para separarmos o trigo do joio. Os corruptos se existirem terão que ser banidos.»

Bento Marques: «Esta época tem sido regular, à parte uma ou outra contestação, o que é normal no futebol. Respeito o actual método de nomeações e penso que é o mais correcto.» Sobre o comportamento do dr. Lourenço Pinto afirmou o excelente árbitro alentejano: «O CNA tem o presidente que merece toda a confiança dos árbitros e tem mostrado competência para o desempenho do cargo.»



Sampaio Santos: «Os árbitros são perseguidos por tudo e por nada»

Ezequiel Feijão: «O sistema de nomeações obedece aos superiores interesses do futebol e a arbitragem possui o presidente ideal. É bom que se diga que a arbitragem portuguesa está no «top» europeu e quero dizer que estou muito satisfeito com o processo de renovação implementado por Lourenço Pinto que assegura continuidade da boa arbitragem nacional.»

Fernando Emílio (árbitro da 3.ª categoria nacional): «Lourenço Pinto é o homem certo no lugar exacto e estou esperançado que a breve prazo o CNA mostrará o excelente trabalho que tem vindo a desenvolver, pese embora alguns pios de cisne.»

Donato Ramos: «Estou solidário com o presidente e no que respeita a corrupção, é poeira que alguns atiram para justificar resultados menos positivos.»

Sampaio Santos: «Os árbitros são tão perseguidos por tudo e por nada que se fosse possível a algum clube provar que há corrupção, com certeza já o tinha feito.»

Lusa/DL»

RDA: atletas treinam em abrigos

Atletas da Alemanha Democrática treinaram em «bunkers» secretos para simular condições de esforço físico semelhantes aos que se efectuam a uma altitude de quatro mil metros.

Segundo Juergen Klupsch, dirigente da Federação Alemã Democrática de Desportos (DTSB), os «abrigos» construídos em 1979, na via de Kienbaum, perto de Berlim Leste, ajudaram atletas de desportos como remo, ciclismo, atletismo e esqui nórdico a melhorar a sua condição física para provas importantes.

Os treinos em altitude, comuns entre muitos atletas de

alta competição, ajudam a uma melhor oxigenação, através do aumento do número de glóbulos vermelhos no sangue.

«Os «bunkers» não eram utilizados para substituir por completo os treinos de altitude», afirmou Juergen Klupsch, explicando que «facilitam, contudo, a adaptação dos atletas para as competições e treinos em altitude». «Pelo menos 20 atletas podiam treinar nos «abrigos» em cada período, e muitos atletas da RDA, que competiram nos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988, tiveram a sua oportunidade para neles treinarem. Até agora tudo isto tem sido

mantido em segredo», acrescentou.

As duas câmaras de pressão, que foram reveladas aos órgãos de Comunicação Social tem, cada uma delas, o tamanho aproximado de um campo de basquetebol, tendo custado 16,5 milhões de dólares. Entretanto, os responsáveis pelo complexo de Kienbaum (RDA) afirmaram que as câmaras deveriam ser as maiores do mundo, e planeiam agora alugar a sua utilização a atletas estrangeiros por um total de 300 marcos por hora (cerca de 17 contos).

A medida agora tomada pelos dirigentes da RDA insere-se num acordo que responsá-

veis desportivos das duas Alemanhas assinaram, no sentido de prestarem esclarecimentos mútuos sobre os avanços que ambos realizaram na área da ciência desportiva. O acordo integra-se num conjunto de acções que visam a unificação de ambas as realidades desportivas da Alemanha Democrática e da Alemanha Federal.

A RDA tem-se afirmado, nos últimos 20 anos, como uma das grandes potências mundiais no mundo do desporto, tendo sido o segundo país que mais medalhas de ouro arrebatou nos Jogos Olímpicos de Seul.

EM AGENDA

EMPREGADO/A FORENSE

- Esc.º Advogados. Entrada imediata.
- FUNÇÕES: Dactilog. atendim.º públ.º, arquivo, serviço, externo.
- Enviar curriculum completo e detalhado para Campo Grande, 170 - 3.º Dt.º, 1700 Lisboa
- Ordenado/Regalias = o do sector.

Férias Desportivas:

cerca de 300 mil jovens vão participar em 1990 no «Programa Férias Desportivas», que será apresentado ao público no próximo sábado, na cidade de Braga, com a presença do ministro da Educação, Roberto Carneiro.

Trata-se de uma iniciativa da Secretaria de Estado da Ju-

ventude, que teve a sua primeira edição em 1986 e que desde essa data já envolveu cerca de 600 mil jovens, que participaram em mais de 6000 projectos.

Aproveitando os espaços temporais normalmente escolhidos para férias escolares — Natal, Carnaval, Páscoa e Verão — o programa procura

transformar o fenómeno desportivo num meio de animação sócio-cultural, de recuperação de valores tradicionais e de dinamização do associativismo juvenil.

Promover o encontro de espaços de acolhimento de jovens em férias e a descoberta de novas vertentes de ocupação dos tempos livres são ou-

tros dos objectivos dos programas de férias desportivas.

A coordenação de cada programa anual é feita por uma comissão nacional, constituída por representantes das entidades promotoras, e a nível regional é assegurada por comissões distritais, que integram os delegados locais do

Instituto de Juventude e da Direcção Geral dos Desportos.

O programa «Férias Desportivas-90» conta com o apoio das secretarias de Estado do Turismo e da Segurança Social, Santa Casa de Misericórdia de Lisboa, governos civis e autarquias.

I Série N.º 39
Dia 15 de Fevereiro

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Portaria n.º 118/90:

Estabelece as condições a que deve obedecer a microfilmagem de documentos para efeitos fiscais.

Ministérios das Finanças e da Educação

Portaria n.º 119/90:

Cria os quadros provisórios do pessoal docente e não docente da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

Ministérios da Administração Interna e das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Decreto-Lei n.º 61/90:

Aprova o regime de protecção contra riscos de incêndio em estabelecimentos comerciais (revoga o Decreto-Lei n.º 239/86, de 19 de Agosto).

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 120/90:

Sujeita ao regime especial as propriedades denominadas «Herdade da Lentisca» e anexas, situadas na freguesia de Oriola, concelho de Portel.

Portaria n.º 121/90:

Sujeita ao regime cinegético especial os prédios rústicos situados nas freguesias de Meda, Longroiva e Fonte Longa, concelho de Meda.

PESSOAS & FACTOS

Turismo e prémios

Coincidindo com a publicação do número comemorativo do seu 9.º aniversário, a revista «Portugal Turismo & Actualidade», de que é director Albérico Cardoso, realizou num dos salões do Hotel Tivoli, em Lisboa, a festa da entrega dos prémios «Personalidades do Ano», com que distinguiu, em 1989, as seguintes personalidades e entidades: Amália Rodrigues (fadista), Fernando Pereira (animação), Raul Solnado (artista), Auto-Jardim (Rent-a-Car), Martins & Rebelo (produtos alimentares), Manuel Bastos (aviação comercial), Fialho (restaurante), Joaquim Antunes (barman), Hotel Meridien (galeria de arte), Vermundos (agência de viagens), dr. Joaquim Machado (director de hotel), Octávio Benedito Ferreira (escanção), Grupo Pestana (empresa hoteleira e turística) e Região de Turismo da Serra da Estrela.

Gestão de Empresas do Grupo Minabela

O Grupo Minabela, ao festejar o seu 30.º aniversário, constituiu a firma Tradigest - Organização e Gestão de Empresas, Lda., com sede no Cacém. A esta empresa competirá a gestão das firmas do Grupo Minabela, que são as seguintes: Rebelo, Pereira & Lopes, Lda., Santos Antunes & Lopes, Lda., no Cacém; José Augusto Rebelo, Lda., Pastelaria Minabela, Lda., Rebelo & Conceição, Lda., Sociedade de Pastelarias Bomarte, Lda., na Amadora; e Vasconcelos & Domingues, Lda., em Sintra.

Empresa de Relações Públicas

A empresa norte-americana de Relações Públicas Ayer, com sede em Nova Iorque, vai reorganizar-se alterando a sua denominação para Wayland Associates Public Relations.

A Wayland, que será uma subsidiária independente da New York Ayer, pertence à rede Charles Barker International Connections e encontra-se associada em Portugal à LPM Comunicação.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: Céu pouco nublado ou limpo, temporariamente muito nublado durante a manhã no litoral Norte e Centro. Vento Noroeste em geral fraco. Condições favoráveis à ocorrência de nevoeiros matinais.

Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e encrespado a de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado e vento Nordeste moderado. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a um metro na Costa Sul.

No Funchal, céu geralmente pouco nublado e vento Sueste fraco a moderado.

Amanhã: Céu com períodos de muito nublado e vento Sueste fraco a moderado.

AÇORES

Grupos Ocidental: Céu muito nublado a encoberto e vento Sul moderado a forte. Períodos de chuva a partir do fim da manhã. Mar grosso com ondulação Oeste de 2 a 3 metros.

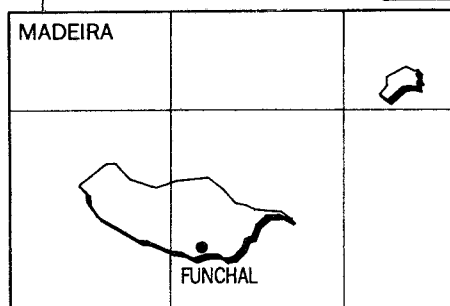
Grupo Central: Céu geralmente muito nublado e vento Sul moderado. Períodos de chuva a partir da tarde. Mar cavado com ondulação Oeste de 2 metros.

Grupo Oriental: Períodos de céu muito nublado e vento Sul, fraco a moderado. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Oeste de 2 metros.

Amanhã: Céu muito nublado a encoberto com boas aberturas a partir da madrugada no Grupo Ocidental e, posteriormente, no Central. Vento Sul moderado a forte, rodando para Noroeste a partir da madrugada no Grupo Ocidental e depois no Grupo Central. Períodos de chuva passando a aguaceiros.

Amanhã
No Continente:
Céu pouco nublado ou limpo.
Vento fraco. Nevoeiros matinais.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
06.13 3,4m	11.51 1,1m
18.30 2,9m	---

Amanhã

06.45 3,2m	00.05 1,2m
19.06 3,1m	12.27 1,4m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Pragança.....	5	5	Limpo
V. Castelo.....	11	11	M. nub.
Vila Real.....	2	2	Limpo
Porto.....	11	11	M. nub.
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	-	-	-
C. Carvoeiro.....	13	13	Encoberto
C. Branco.....	5	5	Limpo
Portalegre.....	6	9	Nevoeiro
Lisboa.....	10	10	P. nub.
Évora.....	8	8	Limpo
Beja.....	5	6	Limpo
Sines.....	9	9	P. nub.
Faro.....	7	8	Limpo
Sagres.....	11	11	Limpo
P. Delgada.....	15	15	M. nub.
Horta.....	15	16	M. nub.
Funchal.....	13	14	M. nub.

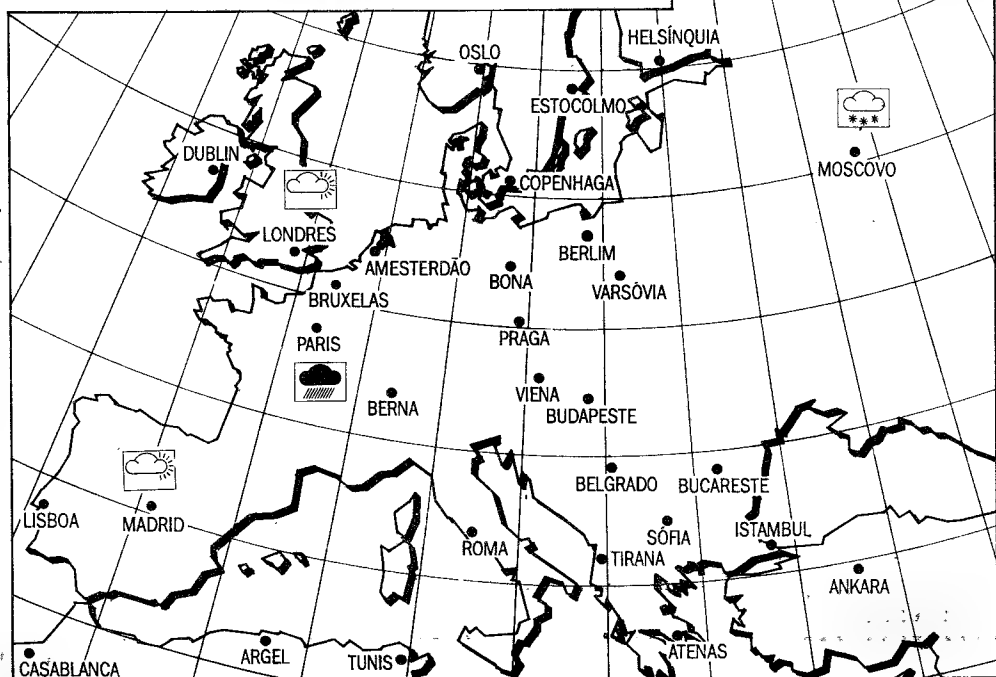
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 16; Porto, 15; Faro, 18; P. Delgada, 18; Funchal, 19.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Madrid.....	1	1	Nevoeiro
Londres.....	4	5	Aguaceiros
Paris.....	11	12	Chuva
Bruxelas.....	2	3	Chuva
Amsterdão.....	3	3	Chuva
Genebra.....	9	9	Chuva
Roma.....	6	6	Nebulosa
Oslo.....	-1	0	Neve
Copenhaga.....	-4	-3	Nevoeiro
Estocolmo.....	0	0	Neve
Berlim.....	2	2	Nebulosa
Viena.....	3	3	Chuva
Varsóvia.....	-1	-1	Encoberto
Atenas.....	9	10	M. nub.
Moscovo.....	-2	-2	Neve

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Chicago.....	-4	4	Chuva
Houston.....	17	25	Trovoada
Los Angeles.....	4	16	Limpo
Montreal.....	-14	-5	Neve
Nova Iorque.....	5	14	Aguaceiros
S. Francisco.....	2	10	Limpo
Toronto.....	-4	8	Chuva
Vancouver.....	-1	4	Neve
Washington.....	-5	14	Aguaceiros
Hong Kong.....	16	23	M. nub.
Melbourne.....	13	25	Limpo
Pequim.....	-1	4	M. nub.
Perth.....	18	26	Aguaceiros
Singapura.....	25	31	Aguaceiros
Sydney.....	17	25	Limpo
Tóquio.....	3	9	Chuva
Wellington.....	10	21	Limpo



AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Almirante Gago Coutinho: Estados Unidos, Av. Est. Tel. 885859; **Amoreiras:** Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C, Tel. 650760; **Chile - Arco Cego:** São Jorge, Largo do Leão, 3 A-B, Tel. 534027; **Encarnação:** Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; **Galinheiras - Charneca - Lumiar:** São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1, Tel. 7590969; **Graça:** Almeida Dias, Largo da Graça, 38-39, Tel. 862909; **Jerónimos:** Remísio, Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 3631699; **Largo Campo Pequeno:** Miranda, Largo Campo Pequeno, 36 B-C, Tel. 770776; **Olivais Velho:** Olivais, Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 311237; **Palhavã:** Curie, Av. Madame Curie, 15-A, Tel. 7263220; **São Bento - Palácio:** São Bento, Rua Poiais São Bento, 73, Tel. 601673; **Brandoa - Amadora:** Correia, Urb. Alfofornel - Cel. G. - Lote 137 - Lj. B (Poente), Tel. 990122; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Varela, Av. Moscovide, 44-B, Tel. 2518520; **Odivelas - Quinta do Mendes:** Almeida, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, Lote 110, Tel. 9324242; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453.

REFORÇO

Alameda - Fonte Luminosa: Ibéria, Rua Barão Sabrosa, 235 - 235-A, Tel. 888277; **Alvalade:** Alvalade, Av. da Igreja, 18-

A, Tel. 892070; **Anjos - Lisboa:** Ginásio Clube: São José, Rua Anjos, 41-A, Tel. 570730; **Baixa:** Internacional, Rua do Ouro, 228-230, Tel. 322017; **Bento:** Grijó, Rua do Grilo, 25, Tel. 385264; **Benfica - Charquinho:** Macedo, Rua República da Bolívia, 69-C, Tel. 7511227; **Calvário - Alcântara:** Calvário, Rua José Dias Coelho, 4, Tel. 3631635; **Estrela - Possidónio Silva:** Tagus, Rua Possidónio Silva, 162-A, Tel. 669485; **Saldanha:** Cruz Nunes, Praça Duque Saldanha, 14-15, Tel. 521845; **Tivoli - Restauradores:** Galénica, Rua das Pretas, 12-14, Tel. 322588; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaíças, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olivais Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64, Tel. 2112070. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duarte, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; S.

Dom. Rana: Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Godinho, Av. Patrão Lopes, 4, Tel. 2432039. Permanente; **Oeiras:** Sacoar. Permanente; **Parede:** Grincho, Av. República, 87-A, Tel. 2471204. Permanente; **Murtal:** Primavera, R. das Parreiras, 2, Tel. 2472278. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano - Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho, Tel. 260391. Até às 22 h; **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Cavaca, R. Elias Garcia, 209, Tel. 4930019. Permanente; **Damaia:** Nova, R. Elias Garcia, 10, Tel. 972530. Até às 22 h; **D. João V, Av. Gurgel:** Mar, 2-A, Tel. 970461. Até às 22 h; **Queluz:** O'Neill Pedrosa, R. Casal Olival, Lote 3-A - Massamá, Tel. 4377205. Permanente; **Albergaria:** L. Prof. Dr. José Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Garcia, Av.

Missionários: 2, Tel. 9242181. Permanente; **Algueirão:** Vitor Manuel, Est. Algueirão, 123, Tel. 9217814. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. da Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra:** Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3-A - Pendoa, Tel. 9232747. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Algarve, R. Fernão Lopes, 1, Tel. 2750271. Permanente; **Cova da Piedade:** Morgado, R. Cabo Boa Esperança, 25, Tel. 2767356. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31 - IJ Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiene, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Feijó:** Feijó, R. Borges Rego, 7, Tel. 2290911. Até às 22 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristina, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Barreiro:** Central, Av. Alfredo Silva, 48, Tel. 2073207. Permanente; **Baixa da Banheira:** Cardoso, R. Liberdade, 59, Tel. 2041044. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso - B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h; **Amora:** Nova Amorense, E.N. 10 - Bloco A, Loja A - Paivas, Tel. 2216824. Permanente; **Torre da Marinha:** Alves Velho, L. Camões, 27, Tel. 2211132. Até às 22 h; **Montijo:** S. Pedro, Av. Camões, 16, Tel. 2311133. Até às 22 h; **Moita:** Silva Rocha, P. República, 16, Tel. 2390029.

HÁ 20 ANOS



Optimismo soviético em Genebra

Alexei Roschin, delegado da União Soviética à conferência sobre desarmamento em Genebra, afirmou hoje de manhã, nesta cidade, estar otimista a respeito das perspectivas total de armas químicas e biológicas. Roschin falou para os jornalistas, no aeroporto de Genebra, pouco depois de ter chegado de Moscovo.

Dar sangue em Moscavide

Uma média de 50 litros de sangue (talvez mesmo mais) foi o resultado da colheita hoje promovida pela secção de doadores do Corpo Voluntário de Salvação Pública de Moscavide, nome oficial (um tanto complicado, diga-se) da corporação dos bombeiros voluntários daquela vila. Cerca de cem cartazes afixados nas paredes chamaram, durante algum tempo, a atenção da população de Moscavide (à volta de 35 mil habitantes) para a simpática iniciativa, que assinalou o 1º aniversário da referida secção de doadores.

Pretória ameaça Londres

O "Sunday Telegraph" anuncia em Londres que a África do Sul intimou a Grã-Bretanha a fornecer-lhe, antes do fim de 1970, armas que pede de harmonia com o acordo de Simonstown, assinado em 1955, sob pena de o denunciar publicamente. Segundo o jornal, este ultimato, que teria sido entregue a Michael Stewart pelo embaixador sul-africano em Londres, especifica que, no caso do governo britânico não tomar a decisão necessária, Pretória denunciará unilateralmente o tratado.

EFEMÉRIDES

1564

• Nasce o astrónomo e inventor italiano Galileo Galilei.

1905

• Morre o romancista norte-americano Lewis Wallace, autor de «Ben-Hur».

1965

• Morre o cantor norte-americano Nat «King» Cole.

1974

• O escritor dissidente soviético Alexander Soljenitsine exilado pela URSS, chega à Suíça.

1975

• É assinado, no Vaticano, um acordo entre Portugal e a Santa Sé, considerado como protocolo adicional à concordata, através do qual são admitidos os divórcios nos casamentos celebrados canonicamente.

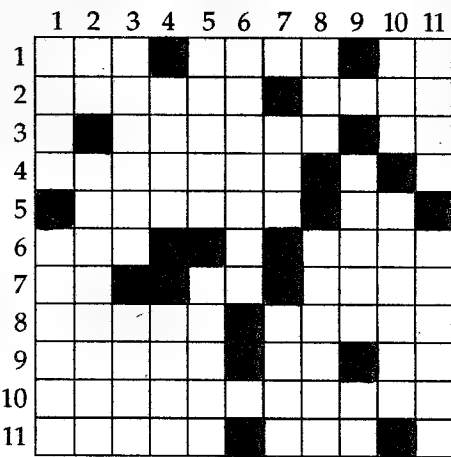
1986

• O director-geral dos serviços prisionais, Gaspar Castelo Branco é assassinado a tiro, junto à sua residência, em Lisboa, por dois homens que seguiam num automóvel. O atentado é reivindicado por elementos das «FP25».

1989

• O último contingente de tropas soviéticas estacionadas no Afeganistão abandona a capital do país, Kabul.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17859

HORIZONTAIS:

- 1 - Força Aérea Brasileira (abrev.).
- 2 - Nome dado ao pároco, em algumas freguesias. Xaile das mulheres índias e persas.
- 3 - De Roma. Clima.
- 4 - Preenchura.
- 5 - Género de crustáceos. Rio da Rússia.
- 6 - Nome de mulher. Remédio.
- 7 - Boas-festas (abrev.). Duas consoantes desiguais. Protecção (inv.).
- 8 - Murmuro. Engasta.
- 9 - Tempo do verbo ir. Nome antigo da nota musical dó. Vi (inv.).
- 10 - Amigaram.
- 11 - Sarau. Preparação e artigo (pl.). Artigo definido.

VERTICAIS:

- 1 - Gélido. Descerravas.
- 2 - Duas vogais desiguais. Semelhante.
- 3 - Pessoa inquieta meio amalucada (pop.). Fechar as asas para descer mais depressa.
- 4 - Jogo de crianças. Romance de Emílio Zola.
- 5 - Domestica. Grosseiro.
- 6 - Tesouro público (pl.).
- 7 - Recusa.
- 8 - Vila e sede de concelho (Beja).
- 9 - Sua Senhoria. Papelão.
- 10 - Doutora. Assanhada.
- 11 - Freguesia do concelho de Barcelos. Tranquilizo.

HORIZONTAIS:

- 1 - Deus japonês, personificação da compaixão e da caridade. Nome que os israelitas dão a Deus, com o qual, no Sinai, contraíram aliança.
- 2 - Cidade da Clita. Prendera.
- 3 - Nome de planeta. Tramava.
- 4 - Induziriam.
- 5 - Palavra alemã que significa imperador. Néon (s.q. e inv.).
- 6 - Crómio (s.q. e inv.). Sacerdócio.
- 7 - Antes do meio-dia. Guarnecem de asas.
- 8 - Desperta. Gélido (s.q.).
- 9 - Moderato. A Irlanda. Uma das ilhas Carolinas.
- 10 - Desentidos. Turbante mourisco.
- 11 - Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Produz.

VERTICAIS:

- 1 - Lavrador-proprietário independente da URSS. Árvore da Índia e África.
- 2 - Emprestar com usura. Branqueamento.
- 3 - Nome de homem. Arsénio (s.q.).
- 4 - Néon (s.q.). Carta de jogar. Corrigi.
- 5 - Empregue. Átrios.
- 6 - Sódio (s.q.). Maquinais.
- 7 - Pronome possessivo. Prefixo de negação.
- 8 - Velhotes. Crença.
- 9 - Rapazes que andam pelas ruas a vender jornais. Um dos estados da Federação da Malásia.
- 10 - Apupo. Porfia.
- 11 - Patrão. Cartas geográficas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 858

HORIZONTAIS: 1 - Afife. DORME. 2 - Calas. Ideal. 3 - Odor. Avisou. 4 - Riria. Io. 5 - Dacar. Api. 6 - Diria. 7 - Pas-seara. 8 - Assino. Dar. 9 - SEM. CEIA. 10 - Borracho. 11 - Casão. Aas.

VERTICAIS: 1 - ACORD-ARÁS. 2 - Fadiá. SEM. 3 - Ilórci. Sm. 4 - Faria. Pi. Ba. 5 - És. Arrancos. 6 - Soera. 7 - DfVIDAS. Iró. 8 - Ódio. IE. Aa. 9 - Res. Arad. Cá. 10 - Mão. Piranha. 11 - Elucidários.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 668

HORIZONTAIS: 1 - Landim. Late. 2 - Aviar. Lamas. 3 - Moncos. Coas. 4 - Há. Olor. 5 - Enormes. Dás. 6 - Mas. Ar. Mat. 7 - És. An. Maças. 8 - Sancho. Raso. 9 - Lião. Dã. Ce. 10 - Assombrar. 11 - Meloas. Urna.

VERTICAIS: 1 - Mal. Emes. Cm. 2 - Avó. Nasal. 3 - Nin-hos. Nial. 4 - Dacar. Acaso. 5 - Iró. Manhosa. 6 - Soer. Os. 7 - LS. Dm. 8 - Laço. Marabu. 9 - Amordaçara. RR. 10 - Taã. Atascar. 11 - Essas. Soera.

PROVÉRBIO:
DORME SEM CEIA,
ACORDARÁS SEM
DÍVIDAS.

Resolveu completamente este problema?
Procure, agora em segundo passatempo,
o provérbio nele inscrito.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB

Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
CORAÇÕES DE AÇO
 Filme de Brian de Palma, c/Michael J. Fox e Sean Penn
 Maiores de 16 anos
 Sessões às 14,00 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 1

LAR, DOCE LAR... ÀS VEZES
 Filme de Ron Howard, c/Steve Martin e Mary Steenburgen
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2

FOGO MALDITO
 Filme de Clive Barker, c/Andrew Robison e Clare Higgins
 Maiores de 16 anos
 Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3

ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
 Filme de Euzhan Palcy, c/Donald Sutherland e Janet Suzman
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 13.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4

CLUBE DOS POETAS MORTOS
 Filme de Peter Weir c/Robin Williams
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa
 Telef. 691275
OS REIS DA NOITE
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
 Maiores de 6 anos
 Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3

CHUVA NEGRA
 Maiores de 16 anos
 Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4

CORAÇÕES DE AÇO
 Maiores de 16 anos
 Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5

LAR, DOCE LAR... ÀS VEZES
 Maiores de 12 anos

Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6

ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7

ENTRE PRIMOS
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8

REGRESSO AO FUTURO II
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9

VALMONT
 Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
 Maiores de 16 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10

CLUBE DOS POETAS MORTOS
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas..

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A
 Telef. 763319

CLUBE DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10
 Telef. 776098

FOGO MALDITO

Filme de Clive Barker, c/Andrew Robison e Clare Higgins
 Maiores de 16 anos
 Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15
 Telef. 324194
O VINGADOR INVENCIVEL
 Filme Clift Cole
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO

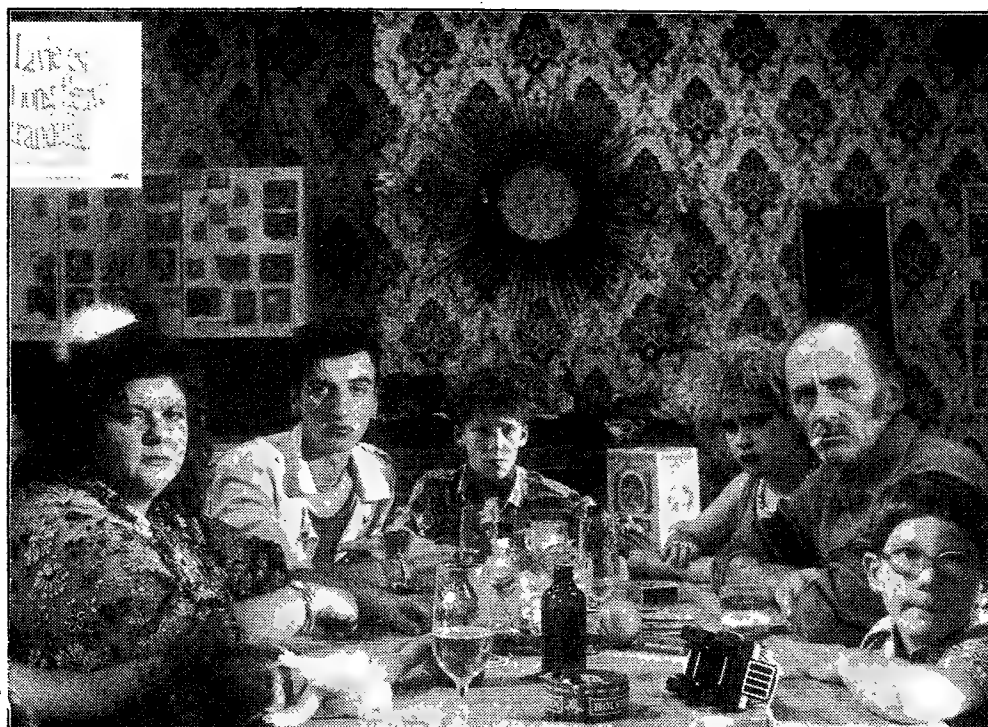
Parque Mayer
PAZES E OCULTOS
 Hard-core-1º escalão (porno)
 Maiores de 18 anos
 Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27
 Telef. 573407

SEXO EM MIAMI II

Hard-core-1º escalão (porno)



A Vida é um Longo Rio Tranquilo PUB
 Em exibição sala 4 Quarteto Maiores 12 anos

Maiores de 18 anos.
 Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37
 Telef. 533253
CEGOS, SURDOS E LOUCOS
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
ALVO EM MOVIMENTO
 Com Roger Moore
 Maiores de 18 anos
 Às 24.00 horas

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA
 Telef. 9434762
DOIS AMIGOS DOIS DESTINOS
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA

ESTÚDIO SHEZA
MARADÓS À SOLTA
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CINEMATECA PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546529/546085
CICLO ANOS 60/ANOS 80
HISTÓRIAS DE NOVA IORQUE
 Às 18.30 horas.
BATMAN
 Às 21.30 horas.

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34
 Telef. 549999
VEREDICTO FINAL
 Maiores de 16 anos
 Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES

Av. da Liberdade, 2
 Telef. 322523
BRIGADA ASSASSINA
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

ESTÚDIO

Alameda D. Afonso Henriques, 35
 Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
 Maiores de 6 anos
 Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F
 Telef. 8487255
ÁFRICA TERRA DE ESTRANHAS PAIXÕES
 Filme de Chan Hoodley, c/Jane Cilliers e Sandra Prinfloo
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1

Estrada de Benfica 503
 Tel 7145088
OS REIS DA NOITE
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2

VEREDICTO FINAL
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
 Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia
 Maiores de 6 anos
 Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo
 Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
OS FAVORITOS DA LUA
 Filme de Otar Iosseliani
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.15 e 22.00 horas.

FORUM PICOAS

AUDITÓRIO 2
O PROCESSO DO REI
 Filme de qualidade de João Mário Grilo
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO

Alameda D. Afonso Henriques
 Telef. 555134
O SEGREDO DO IMPÉRIO DOS INCAS
 Filme de Frank Kramer, c/Conrad Nichold e Kelly London
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes
 Telef. 8480808
O GOLPE DO DRAGÃO
 Filme de Larry Ludman, c/

King Stuart e Amy Baxter

Maiores de 12 anos
 Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1

Rua Bulhão Pato, 1-C
 Telef. 8480808
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2

VEREDICTO FINAL
 Maiores de 16 anos
 Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3

CORAÇÕES DE AÇO
 Maiores de 16 anos
 Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara
 Telf. 3631162
VALMONT
 Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
 Maiores de 16 anos
 Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2

BRIGADA ASSASSINA
 Maiores de 16 anos
 Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES

Av. de Roma, 7-A
 Telef. 801313
VALMONT
 Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
 Maiores de 16 anos
 Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão
 Telef. 538743
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2

CORAÇÕES DE AÇO
 Maiores de 16 anos
 Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3

ENTRE PRIMOS
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B
 Telef. 574362
DOIS AMIGOS DOIS DESTINOS
 Filme de David Sperstein
 Maiores de 12 anos



«Entre Primos», em exibição na sala 3 do Cinema Mundial

teatro da Cornucópia

SALADA

(TEXTOS dos PALHAÇOS)



«Há muitos anos que não ria tanto num espectáculo» — *Jornal de Letras*
 «uma autêntica explosão lúdica» — *Diário de Notícias*
 «um momento de teatro divertido e despretençoso» — *O Jornal*
 «Uma salada para todos e que vai alimentar muitas horas de prazer» — *Semanaário*
 «uma arte de inteligência e divertimento que não pára de se divertir connosco e consigo própria» — *Expresso*
 «o que nós nos rimos?... ? uma das propostas teatrais mais modernas que a Cornucópia nos apresentou.» — *Independente*
 «um dos espectáculos mais soltos, mais felizes e mais comoventes do seu historial» — *Fim de Semana*
 «É sensacional... um espectáculo fascinante, capaz de agradar a todos os públicos» — *«D. Lisboa»*
 «lamentável, mortífero, sem graça [...] o pior espectáculo da Cornucópia de sempre.» — *Capital*

3.ª a sábado às 21.30 —

Domingos e feriados às 16 h

TEATRO DO BAIRRO ALTO
 Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
 1200 LISBOA Telef.: 66 15 15/66 92 05

CARTAZ

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON

R. dos Condes, 4
Telef. 326283
ASSALTO À 13ª ESQUADRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

OLIMPIA

R. dos Condes, 13
Telef. 325309
GOZO ALUCINANTE
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
VALMONT
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2

BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA

R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
O SEGREDO DO IMPÉRIO DOS INCAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
SKINDEEP-O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.30, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2

CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3

CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4

A VIDA É UM LONGO RIO TRANQUILO
Filme de Etienne Chatiliez
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.30, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00 horas.

SÃO JORGE 1

Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
LAR, DOCE LAR... ÀS VEZES
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 2

CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3

CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

7ª ARTE

Av. da República
Telef. 730715
O VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

TERMINAL

Estação do Rossio
Telef. 371573
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas.

TURIM

Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
ABISMO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

XENON

Av. da Liberdade, 9
Telef. 3468446
FORÇA ESPECIAL
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
O NAVIO FANTASMA
Maiores de 18 anos
De Seg. a Sáb às 23.30 horas.

TEATRO LISBOA

A BARRACA CINEARTE

Largo de Santos, nº 2 -
Telef. 665360 ou 686300
De 3ª a Sáb. às 21.30 e Dom. às 16 horas
MARGARIDA DO MONTE
De Marcelino Mesquita.

TEATRO DE CARNIDE

Azinhaga das Freiras - Telef. 7145178
Sextas e Sábados às 21.30 horas
DIVINAS PALAVRAS
De Ramón del Valle-Inclán.

TEATRO DA COMUNA

Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas.
Dom. às 17.00 horas,
desenho à 4ª Feira
SALA 1
PÉCORA de Natália Correia.
SALA 2
Sexta às 21.30, Sáb. às 16.00



«Severa» em cena no Teatro Maria Matos

e 21.30; Domingo às 16 horas.
A PREGAÇÃO
De João Brites, pelo Grupo O Bando.
CAFÉ TEATRO FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo. Sáb. às 24 horas.

CASA DA COMÉDIA

R. S. Francisco de Borja, 24 - Telef. 607299
De 3ª a Dom. às 22.00 horas
E O ZÉ QUE ZÉ
Textos de Mário Cesariny de Vasconcelos, Fernando Pessoa, José Manuel Ribeiro, Lauzier e Stig Dagerman. Encenação de José Carretes.

TEATRO DA CORNUCÓPIA

R. Tenente Raul Cascais, 1-A - Telef. 661515/669205
De 3ª a Sáb. às 21.30, Dom. e Feriados às 16 horas
SALADA
De Tristan Rémy, é um trabalho colectivo dos actores da Cornucópia.

RITZ CLUBE

R. da Glória, 57 - Telef. 325140
De 3ª a Sábado às 21.30; Sábado e Domingo às 16.00 horas
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA

Encenação de Mário Viegas.

TEATRO ABC

Parque Mayer - Telef. 3466783
De 3ª a Domingo às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados às 16 horas
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas c/ Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César.

TEATRO ABERTO

Praça de Espanha - Telefone 778898
De 5ª a Sábado às 21.30 horas. Domingos às 16 horas
HAPPY END
De Dorothy Lane/Bertolt Brecht.

TEATRO MAIZUM

R. dos Poiais de S. Bento, 75-B. Telef. 601866
Sáb. e Dom. às 16 horas
A LINGUAGEM DOS ANIMAIS
De António Botto.

TEATRO MARIA MATOS

Av. Frei Miguel Contreiras, nº 52 - Telef. 897017
3ª, 4ª e 5ª, às 21.30. Sextas e Sábados às 20.30 e 23.00. Dom. e Feriados às 15.00 e 18.00 horas.
SEVERA
De Júlio Dantas

RÁDIO ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa
14.00: O Linho e a Seda; 15.00: Contraste; 17.00: Antena 1 - Regiões; 17.15: Porto d'Abrigo

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Gerações por Minuto; 17.00: Sete Mares; 19.00: Informação e Música; 20.00: No Estúdio e no Estádio; 20.15: Musical; 20.30: A Viver também se Aprende; 21.00: Diálogo; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional FM 2 - Estéreo
16.30: Ao correr da pena - Fernando Lopes Graça; 18.15: Ângulos e Reflexos; 19.00: Integrais - Música concertante de Rachmaninoff em Discos Históricos; 19.27: Álbum Musical - Obras de Jóhannes Brahms, Dvorak e Ravel; 20.40: Esta Madrugada no Dois; 21.00: Histórias de música e outras - Ciclo Mahler - A Canção que veio da Terra; 21.30: L'Ascension: 4 meditações sinfónicas para Orquestra de Olivier Messian; 22.00: Música Vocal Comentada; 23.00: Novidades Discográficas; 02.00: Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m
16.30: Quando o Telefone Toca; 17.00: Contacto; 19.00:

Jornal; 19.30: Quando o Telefone Toca; 20.00: Praça de Táxis; 21.00: Pela Estrada Fora; 22.00: Religiosos; 22.15: Desporto; 23.00: 24ª Hora. Noticiário de hora a hora

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz
18.00: RDS - Rádio das Seis; 21.00: Mercador de Sonhos; 00.00: A Noite Passada; 01.00: Som da Frente; 03.00: Quem Tramou o Locutor. Noticiário de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; 16.00: Banda da Amizade; 18.00: Bola Branca; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: A Viagem Continua; 20.00: Boa Nova; 20.30: Conversa de Amigos; 21.00: Sequência; 22.00: Revista; 22.30: Bola Branca; 23.30: Suplemento Especial da BBC; 23.55: Meditando. Noticiário de hora a hora.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Trêz; 19.00: Atlântida; 20.00: Serra de Estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

VOZ DO ALTO TÂMEGA

15.00: Tardes do Tâmega; 18.00: Bola Branca; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: Nordeste Magazine

VOZ DE LEIRIA

15.00: Tardes do Lis; 18.00: Bola Branca; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: Leiria 89.

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
- ENCENAÇÃO GENIAL DE JOÃO MOTA... UM GRANDE MOMENTO DESTA FESTIVAL...
UMA PAZÃO! - P.B. - LE QUOTIDIEN - FRANÇA - NOV. 89
SEGUNDA A SÁBADO - 21.30 - DOMINGO - 17h - DESCANSO 4.ª FEIRA
ESPECTÁCULO DE QUALIDADE - D.G.E./D.A.
TEXTOS: NATÁLIA CORREIA
ENCENAÇÃO: JOÃO MOTA
MÚSICA: JOSÉ MARIO BRANCO
A PECORA
«AUTO DA PAIXÃO DE SANTA MELÂNIA»
APOIOS: PUBLICAÇÕES D. OUTROTE - FRAC - CAFEITEIRO CITY - RÁDIO COMERCIAL - ANTENA 1
PRACA DE ESPANHA - RACACIONS TEL. 726 08 18
NO ESPACO DO CAFE-TEATRO * UM NOVO EXITO *
FESTIVAL DA OTITE!
SABADOS AS 24h * APOIO SAMSUNG

3.º e ÚLTIMO MÊS
O Regresso de Bucha e Estica
MAIS DE 4 MIL ESPECTADORES
JA' SE RIRAM E DANÇARAM CONOSCO
NA RUA DA GLÓRIA. TEM SIDO A NOSSA
GLÓRIA!!! MARQUE JA' A SUA MESA PARA
SÁBADO ÀS 21.30h OU TARDES DE SÁBADOS E DOMINGOS ÀS 16h.
SONOS A SURPRESA DO ANO DA CRÍTICA E DO PÚBLICO!!
Telef. 325140
RUA DA GLÓRIA, 57
1200 LISBOA
Telef. 32 51 40
DIREÇÃO DE MÁRIO VIEGAS
SEJA SUBSIDIÁRIO
P/TODOS

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE RTP-1

- 16.40 - HOSPITAL CENTRAL
- 17.25 - BRINCA BRINCANDO
- 18.30 - RUA SÉSAMO
- 19.05 - JOGO DE CARTAS
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA DIA A DIA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - VALE TUDO
- 21.10 - WINSTON CHURCHILL: OS ANOS AGITADOS

1º episódio da série produzida por Richard Boke e realizada por Ferdinand Fairfax, com Robert Hardy no papel de Churchill. Logo neste primeiro episódio, vamos encontrar Winston Churchill na plena posse de todos os direitos e deveres que lhe assistem como chanceler do tesouro. Vivem-se os últimos meses do ano de 1928, o governo conservador presidido por Stanley Baldwin lidera os destinos da nação inglesa e tudo indica que Churchill tem pela frente um brilhante futuro político no qual o cargo de primeiro-ministro é mesmo uma das hipóteses mais sólidas a considerar. No entanto, nos bastidores da cena política, Neville Chamberlain e Sam Hoare conspiram com êxito para afastar Winston da corrida pelo título. Colocado entre a espada e a parede pelos rivais que contra ele lutam dentro do próprio partido. Churchill enfrenta também em Chartwell, a casa que é o seu último e mais íntimo reduto, os problemas domésticos causados pela mulher. Entretanto, resolve voltar à vida política activa.

22.50 - HOMENAGEM A NAT KING COLE

O sucesso de Nat King Cole como cantor de "charme" não poderá fazer esquecer que ele foi, também e essencialmente, um grande pianista, na linha de um Earl Hines. Neste programa recordaremos o músico, assim como a sua infância nos novos



Robert Hardy na pele de Winston Churchill, no 1º Canal às 21.10

sons anglo-saxónicos,
23.50 - 24 HORAS
00.20 - REMATE

RTP-2

- 16.55 - BENJI E O PRÍNCIPE EXTRATERRESTRE
- 17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO
- 17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
- 18.25 - OS HENDERSON
- 19.10 - DESENHOS ANIMADOS



No 2º Canal às 21.30, mais um episódio de "Emoções"

19.20 - CLÁSSICOS DA TV

"Estrada 66"

20.15 - PRIMEIRO ANDAMENTO

Liliana Bizineche

21.00 - JORNAL DAS NOVE

21.30 - EMOÇÕES

4º episódio

21.50 - HORA DA VERDADE

Investimento estrangeiro em Portugal

22.55 - QUINTA DIMENSÃO

ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA
AUDIMAX

TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

- 09.01 - BOM DIA
- 10.00 - ÀS DEZ
- 12.05 - FERA RADICAL
- 13.00 - JORNAL DA TARDE
- 13.27 - BOLSA
- 13.30 - GLOSS
- 14.20 - VILA FAIA
- 15.15 - O MUNDO ANIMAL
- 15.45 - PONTO POR PONTO
- 16.40 - HOSPITAL CENTRAL
- 17.25 - BRINCA BRINCANDO
- 18.30 - RUA SÉSAMO
- 19.00 - CHEGAR, APOSTAR E VENCER
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - VALE TUDO
- 21.25 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
- 22.15 - TELEMUNDO
- 22.55 - CHEFE MAS POUCO
- 23.20 - 24 HORAS
- 23.50 - REMATE
- 00.00 - PELA NOITE DENTRO "A Noiva Desaparecida"

RTP-2

- 15.01 - FILHOS E FILHAS
- 15.25 - AGORA ESCOLHA!
- 16.55 - 3,2,1 CONTACT
- 17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO
- 17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
- 18.20 - HAJA MÚSICA
- 19.35 - CLÁSSICOS DA TV
- 20.30 - AS CIDADES E AS TERRAS
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - DONA BEIJA
- 23.00 - ACERTO DE CONTAS
- 23.30 - ROTAÇÕES

BLAUPUNKT

Seleccionou para si...



● **BLAUPUNKT**
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

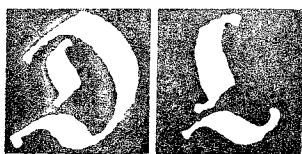


AOS CONDUTORES



"Mal, pressinta a presença de crianças,
prepare-se para travar!"

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



«A opção de Cavaco Silva despartidarizou as eleições presidenciais ao limite do surrealismo.»

José Miguel Júdice, «Diário de Notícias», 14.02.90

A PERGUNTA DO DIA



Alberto Ralha
secretário de Estado
do Ensino Superior

Depois de aprovada a Lei da Autonomia Universitária e os estatutos de quase todas as universidades, são claros os limites dessa autonomia?

«A autonomia das instituições universitárias, consignada na Constituição da República entre os direitos fundamentais, constitui um princípio estruturante do sistema de ensino universitário português.

Essa autonomia reporta-se à captação e gestão dos meios que viabilizem o seu funcionamento em termos adequados, mas incide, primordialmente, na definição e programação do ensino e da investigação, projectando-se em todos os domínios conexos com esta actividade fundamental.

A autonomia universitária tem, por outro lado, que ser exercida no quadro das leis vigentes. Ao Estado incumbe, para além da missão de proporcionar, na justa medida e face às suas possibilidades, os recursos indispensáveis, também a missão de compatibilizar o exercício de autonomia com o bem comum da comunidade e, sobretudo, nos termos constitucionais, de garantir a legalidade democrática.»

Sexta-feira no Diário de Lisboa

Política de A a Z
por Fernando Piteira Santos

O Japão vai às urnas

Os Açores em Grande Angular

O tráfico de droga em Portugal

A MOSCA volta a picar

ENTREVISTA

Luís Vilas Boas é um dos pioneiros da divulgação do jazz em Portugal. Criou o Hot Clube e o Festival de Jazz de Cascais porque, como não se cansa de afirmar, esta música «tem que ser ouvida ao vivo»

«Não fosse o jazz já estava velho»

D.L. - O que faz na vida?

L.V.B. - Agora não faço nada... Quer dizer que já fiz. Tive bastantes actividades, mas agora estou numa de descanso. Aliás, ainda sou presidente de assembleias gerais, a do Hot Clube e a do Sindicato dos Trabalhadores da Aviação e Aeroportos, que faz agora dez anos.

D.L. - Está reformado...

L.V.B. - Estou reformado da aviação. A reforma deve ser gozada enquanto a gente ainda tem capacidade para disfrutar dela...

D.L. - E o que faz da vida agora?

L.V.B. - Leio, ouço música e viajo. Por isso é que fui para a aviação, para ir aos lugares onde há jazz. Em Portugal, o jazz não é uma actividade regular...

D.L. - Há quem o considere o «pai» do jazz em Portugal!

L.V.B. - De certa

maneira. As coisas não surgem de geração espontânea e, de facto, estive na origem de uma série de coisas, por exemplo, de um programa de jazz, na Rádio. Foi em 1945...

D.L. - Como se chamava?

L.V.B. - Chamava-se exactamente Hot Clube, já com a intenção de vir a ser um dia o veículo para a criação do Hot Clube de Portugal.

D.L. - Em que estação fazia esse programa?

L.V.B. - Era na Emissora Nacional, no programa da manhã. O Artur Agostinho era o locutor nessa altura. Servia para encontrar pessoas que nos escrevessem para constituirmos o núcleo inicial do Hot Clube. Depois passou para O Rádio Clube Português.

D.L. - Como começou o Hot Clube de Portugal?

L.V.B. - Olhe, no dia da inauguração organizámos uma *jam session*, no Instituto Superior Técnico. Havia dois rapazes, estudantes de engenharia, que tinham duas guitarras eléctricas, construídas por eles, talvez as primeiras que apareceram em Portugal. Esteve cá um trompetista e violinista espanhol, o José Puertas, além do baterista que era o Luís Sangareau. Ele e os irmãos tinham um quinteto - Os Sangareaus -, de que eu também fazia parte. E foi com eles que fizemos a arrancada do jazz ao vivo neste país.

D.L. - Como é que começou na música?

L.V.B. - Comecei muito cedo. Aos seis ou sete anos, fui aluno na Academia dos Amadores de Música, no sítio onde depois foi a PIDE, na António Maria Cardoso. Estudei piano com o prof. Eduardo Libório durante alguns anos, andei no Conservatório mais tarde...

D.L. - Começou pela música clássica?

L.V.B. - Sim. Na minha família havia uma tradição muito grande. Havia quatro pessoas que tocavam harpa, a minha mãe, a minha irmã, uma tia e um primo que deve ter sido o primeiro homem a tocar harpa em Portugal.

D.L. - Por que é que se apaixonou então pelo jazz?

L.V.B. - Quando entrei para a Universidade, a minha mãe ofereceu-me um livro. Estávamos em 1942. E esse livro foi como que uma chave para encontrar a música americana, o Fred Astaire...

D.L. - Que livro era?

L.V.B. - Chamava-se *Histoire du Jazz*, de André Coeurois. Foi um livro que me despertou muita curiosidade... Foi, para mim, um decodificador de nomes, de músicas... Nos anos 30 e 40 já havia um movimento de jazz, em França, liderado, entre outros,

pelo Panassié, que era um crítico de jazz, e por um jovem pintor, Charles Delauney, fundadores do Hot Clube de França. Depois da Guerra, tive oportunidade de ir a França, contactei com eles e foi daí que nasceu o entusiasmo de fazer uma coisa idêntica cá.

D.L. - Foi difícil?

L.V.B. - Foi. O jazz era visto como uma música marginal, que não merecia o interesse que a música erudita gerava.

D.L. - Que futuro pode ter o Hot Clube?

L.V.B. - O edifício onde está instalado é de uma companhia de seguros e nós já falámos com ela para, à base da lei do mecenato, podermos ocupar todas as instalações, nomeadamente com a escola de jazz. A falta de espaço é um problema muito grande para o Hot Clube.

D.L. - Quantos concertos organizou?

L.V.B. - Já não me lembro... Lembro-me é do primeiro que fiz. Foi em 1956, com a orquestra de Count Basie, a melhor orquestra de jazz dessa altura e uma das mais importantes de sempre. Foram dois concertos, um à tarde, outro à meia-noite, o que nunca tinha acontecido. Foi à meia-noite, no cinema Império, para não se prejudicar a exibição do filme.

D.L. - Qual é o próximo concerto que vai organizar?

L.V.B. - Organizar concertos não é uma coisa muito fácil, implica muita responsabilidade... Sinto-me mais tranquilo a ouvir o jazz que se faz lá fora. Vou todos os anos à Holanda onde há um grande festival de três dias, dez horas por dia.

E aí fico em dia com o que se passa e com menos responsabilidade... Para mim é fundamental porque se não fosse o jazz eu já estava velho...



Senhor Costa

«É bem conhecida a facilidade com que os palhaços se fazem entender pelo público, é pena que eles não saibam mais coisas para nos dizerem daquela maneira tão agradável.

Se eles soubessem tanto como os sábios, nós todos passaríamos a ser sábios por termos aprendido com os palhaços. Mas infelizmente os sábios não sabem dizer o que sabem, e os palhaços sabem mas não sabem nada.» (Almada Negreiros)

Embora mereçam honras fora da página cultural ou da crítica especializada - outros palhaços (sobretudo «palhaços»), saltimbancos e truões de «Salada», espectáculo do Teatro da Cornucópia, engraçado e inconsequente, de certo modo anti-imagem - feita da Cornucópia - digo palhaços, mas actores que fazem de palhaços, como podiam fingir ser arquitectos, dentistas, mulheres fatais, vampiros, as três irmãs; embora todos o mereçam, hoje elogio apenas a actriz Márcia Breia. Desde há longo tempo que é um prazer vê-la em cena.

Em «Salada», ela é um delicioso Senhor Costa, o Principal, o Senhor Loyal do circo, que aliás faz lembrar alguém que a gente do teatro conhece. Aqui, como em Tchecov, como no texto de Mário de Carvalho que O Bando dramatizou, como sempre, a actriz responde às solicitações exteriores (o texto, a situação), assimila criativamente todos os dados à partida, todas as informações sobre a personagem, dá-nos eventualmente a ver e faz-nos reflectir sobre a fecunda não-coincidência entre o comediante e a personagem, por vezes conseguindo criar uma tensão rara. Diz-se: gostei de Eunice em Morte, ou ela foi uma inesquecível Joana de Anouilh. Sempre

duas entidades. Do mesmo modo com Márcia. A nossa memória em vê-la nesse dialéctico percurso entre o eu e a personagem.

Outra sua ciência infalível - o sentido do ritmo, a posse do tempo. O contracenar.

Mas sobretudo o que faz dela uma grande actriz, embora nem sempre reconhecida pelos seus méritos e talentos, é a justeza. Tudo está nela enclavado, invisivelmente construído, exacto; inspirado e calculado.

Senhor espectador, esteja atento. Trabalhe também. Descondicione os seus sentidos, ouse olhar e ouvir, descobrir.

Chama-se Márcia Breia.

Jorge Listopad



A.M.A. Auto Monumental do Aveiro
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO **Diário de Lisboa** 15 DE FEVEREIRO DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

Drive-in: América embalsamada, pág. 2; Marguerite Duras, pág. 3; Chomsky, O. Paz, Robert Longo, Robert Frank, Brodsky, nas págs. 4 e 5; Traduções inéditas de António Ramos Rosa, João Barrento e José Bento, pág. 6 e 7.

PARIS – TEXAS

Deserto e miragem da História

Setúbal, 16 de Janeiro de 1990. Entro na Rádio Azul, à cata de um amigo, e ao ser remetido para o bar deparo com uma máquina de café que é a cara chapada do edifício que ganhou o Prémio Valmor de 1989, o Lloyd's Bank da Avenida. Lisboa, doze de Fevereiro de 1990. Um outro amigo, viciado em discos CD, conta-me ao terceiro copo: "a minha filha - de quatro anos- trouxe-me da dispensa um disco em vinil, sem capa, e perguntou-me, «Pai, isto também é um disco? É redondo» Um tremor de grau sete afogou-nos o sangue.

No espaço de um mês apercebo-me de que as convulsões que inscreverão a década na história do futuro prendem-se mais ao âmbito mínimo e minimal das percepções - a percepção como gramática cognitiva - do que ao da natureza macro-ideológica, ou ao das suas consequências geo-políticas.

O muro de Berlim caiu? Porreiro. E felizmente que esse facto nos destitui da responsabilidade de nos apetrechamos de uma visão do mundo. Foi em nome desta abstracção que os fundamentalismos tomaram força, porque a uma visão do mundo sucede sempre um modo de (re)produção. É uma dinâmica viciada como a dos rombos.

E que significa o muro de Berlim para o quotidiano do adolescente da Figueira da Foz que, entre outros entretenimentos semelhantes, se afadiga naquele video-game (choquei com ele no último Festival de Cinema) que tem por "master" o Che Guevara e como "enredo" a tomada de Havana pelos revolucionários de Fidel.

Que diria o mais empenhado dos "amigos de Alex", daqueles que admitiram a sua quota de solidariedade nas coronhadas que abateram o regime fascista de Baptista, se verificassem que, dezoito anos depois essa antinomia fraticida se resolve num input accionado por uma moeda de 25 escudos.

E voltamos ao meu pressentimento: é no domínio lexical das percepções que a década vai sedimentar os novos pontos de vista. As grandes narrativas, como diria Lyotard, o direito sequer a ou-sar pensar-se na verificabilidade como dispositivo da torção ideológicas, estão resignados a uma enorme falência. A eficácia, felizmente, já não é barómetro.

Morreram por isso as utopias? A utopia é o sudário com que se embrulha o



Louis Stettner

fim da história? Tudo isto me parece precipitado e ingénuo. Fruto mesmo de alguns equívocos à volta do étimo.

Na realidade, se lermos atentamente os clássicos que esclareceram a utopia como categoria filosófica, constatamos que tanto em Thomas More, como em Campanella ou Bacon, as "sociedades utópicas" correspondem às pesadelos de Orwell.

A ser uma potência do desejo a utopia

terá que ser procurada noutros lados.

O que acabou, na agonia da história, foi a legitimidade de alguns positivismos considerarem que o mundo se contorna pela enunciação e pela experimentação. O que acabou foi a hegemonia de um tempo linear, que alimentava indústrias e um "iluminismo" de progresso; inseminação judaico-cristão que nos fazia crer na história como modalidade heurística.

Hoje, e a descontinuidade dos referentes a que nos obrigaram cinema e televisão evidencia isso, deixou de ser possível orientar as percepções no sentido de uma única matriz cognitiva, condicionando assim as identidades. Hoje, a haver pânico, será da ordem do que denuncia David Byrne, em América, "Pensar que é possível ser milhares de coisas só enlouquece as pessoas". É o caso da máquina de café que me lembra o Lloyd Bank.

E no entanto, tal deriva das percepções, embora troque a volta a todos os referentes, é uma forma de instalar a utopia no quotidiano; porque o torna um espaço de mutações. Como o deserto em sobrecarga que gera a miragem. Nunca estivemos tão irmanados com Empédocles: "eu que fui peixe, e pássaro, e donzela, e Roger Rabbit..."

Nos dois volumes, soberbos, que a Companhia das Letras/Dina Livro organizou, tendo como tema central a América, podemos ler este depoimento de Paul Virilio, um urbanista de prestígio consumado: «(...)entramos numa era de urbanização em tempo real, ou seja, das trocas instantâneas. (...) Ora, daqui para a frente a geometria do tempo assume importância bem maior do que a geometria do espaço, e a geometria do tempo é o tempo real: tudo se localiza no mesmo lugar, ao mesmo tempo. Trata-se então de criar uma cidade da instantaneidade, uma cidade em que as trocas se realizam na maior proximidade. Penso que este é o primeiro efeito das tecnologias em tempo real - informática, telecomunicações, telefax, etc.».

Não receemos pois entrar na década como quem entra num estúdio de cinema e cruza todos os tempos históricos, se socorre de todas as emoções, e descobre nessa alteridade a necessária compulsão da vida. Se o horizonte próximo peca é por promiscuidade e não por falta de suporte utópico. Quem sabe se a fotografia deste marinheiro, que parece envolto numa aura de americanidade, não é uma fotografia de cena de um filme, totalmente montado, produzido e realizado em Lisboa? Nesse espaço entre o Hotel Paris e o Texas Bar.

António Cabrita

Nota: tanto para as citações aqui utilizadas como para os textos montados nas centrais decidiu-se respeitar a grafia e a sintaxe da edição brasileira.

DRIVE-IN, DRIVE-OUT

No seu livro «América», Jean Baudrillard refere-se à maratona de Nova Iorque como sendo um incidente traumático, «capaz de nos arrancar lágrimas» devido a essa espécie de «sofrimento voluntário» dela decorrente, uma forma de «suicídio demonstrativo». E pergunta-se: «será necessário dar provas, continuamente, da própria vida?», essa forma insistente de «evidência» de tudo?

Trata-se, se quisermos, de uma espécie de necrofilia que se reveste de um duplo aspecto: o culto dos mortos como prova da evidência dos vivos e não como preparação do fundo para o seu sinuoso percurso através das trevas.

F. Gonzalez-Crussi, um patologista mexicano professor em Chicago debruça-se, precisamente, sobre esse aspecto: o embalsamamento dos corpos como evidência da vida, a maquiagem do defunto como salvaguarda não do eterno mas como espectáculo transitório do vivo que vela por ele.

«A cerimónia e o ritual têm a sua origem bem no fundo do nosso ser: e aqueles que nos governam têm perfeita consciência disso: mais depressa nos negam o pão do que a observância da tradição. E, no entanto, as cerimónias fúnebres podem mudar com o tempo. O povo Dayak do Bornéu costumava, por exemplo, preservar o corpo de chefes defuntos na residência comunal. Uma prática que foi abandonada devido às pressões dos funcionários holandeses que não viam com bons olhos uma tal promiscuidade. Com o mesmo tipo de zelo sanitário sabe-se que as autoridades na Índia se opunham ao antigo costume dos Parsis de Bombai devotos de Zaratustra, que colocavam os cadáveres no cimo de construções circulares onde, em questão de horas, os abutres tratavam de os aliviar de toda a carne. Os Europeus em geral consideravam tal prática como sombria, manifestando pouco simpatia por aquilo que consi-

deravam «um culto secreto da morte».

E, no entanto, o culto dos Parsis tem as suas origens pelo menos no século sexto antes de Cristo sendo inspirado pelo objectivo tão exaltante de diminuir a contaminação ecológica: os discípulos de Zaratustra consideravam um cadáver tão impuro que contaminava os «elementos puros» do Universo

de «frigoríficos», ou seja, cavidades carregadas de gelo onde o cadáver se instalava comodamente. Mas, para além desta invenção rudimentar, pode-se dizer que a tecnologia de tratamento do cadáver não estava ao alcance de toda a gente.

Após esses princípios auspiciosos, a carreira de embalsamador conseguiu um progres-

exagero considerá-la como uma arte. Sem a preciosa intervenção desses directores de casas funerárias e assistentes das morgues, o papel do médico legista seria muito mais difícil e frequentemente impossível, pois faz parte do seu trabalho garantir partes do corpo para um estudo consciencioso do defunto — em alguns casos mandíbulas inteiras, olhos, fê-

sões e completa as falhas. Por fim, tal como um orgulhoso artesão, dá um passo atrás e contempla a sua obra esperando pelo veredicto final; a cerimónia do velório. E, mais ainda: uma vez que os mortos são muitas vezes o que de mais gasto há na vida, pode também aspirar, tal como o bom artista, a melhorar o trabalho da própria natureza.

Trata-se de um problema que tem vindo a ser ponderado sem que se desenhe qualquer resposta. Por detrás da ilusão de que a vida pode ser uma sucessão de cenas sorridentes, sem dor nem paixão, reside a ideia de que a morte sem angústia pode ser comprada em qualquer balcão com dinheiro à vista, cheques ou cartão de crédito. No Relatório do Consumidor sobre Funerários, Enterramentos, chama-se a atenção para o alarmante excesso de comercialização destes serviços.

Na realidade, num dos casos as pessoas que iam velar o morto eram introduzidos primeiro numa luxuosa sala de espera na qual cada peça de mobiliário representava, naturalmente, mais uns algarismos na conta funerária. Passado algum tempo, um porteiro surgia para anunciar que a Sra. X (a defunta) estava pronta para receber os seus visitantes. E entravam na sala onde a senhora, qual uma duquesa de um filme de série B de Hollywood, permanecia deitada numa imensa cama de dossel, vestida de cor-de-rosa e rodeada de almofadas. Nada de diferente de uma verdadeira visita social com a sua carga de vulgaridade proporcionada pela bolsa, mais ou menos cheia, do cliente.

Mas, num outro caso, um empresário da Louisiana apostou numa outra fórmula de velório: o sistema «drive-in». Os chorosos podiam assim olhar o defunto a partir do conforto do seu próprio carro, uma vez que o cadáver lhes era apresentado através de uma janela iluminada com neons. Ao ser interrogado pelo comité do Congresso sobre práticas funerárias irregulares, o homem de negócios que teve a brilhante ideia argumentou que assim as famílias podiam chorar os seus mortos e prestar a sua homenagem a qualquer hora sem terem que sair do espaço dos seus carros. Desse modo não tinham que se preocupar com o modo como estavam vestidos escapando-se à má língua comum nessas ocasiões. Por outro lado, no recato dos seus carros podiam manifestar sem embaraço a dimensão da sua dor. A saída bastava baixar o vidro do carro e assinar o livro de condolências.

Ou seja, o embalsamamento dos cidadãos americanos tem um tal êxito que, tal como é conhecido, uma pessoa que viva nos Estados Unidos tem mais probabilidades estatísticas de viver junto de uma casa funerária do que de uma esquadra de polícia ou um quartel de bombeiros. E o certo é que a indústria funerária está tão bem organizada e dirigida que, mesmo com uma mudança dos hábitos funerários, os seus rendimentos não iriam diminuir: a indústria possui uma imensa capacidade de se regenerar.

ON EMBALMING
F. Gonzalez-Crussi
(trad. e adp. G. I.)



Robert Frank

— a terra, o fogo e a água.

Na Europa e nos Estados Unidos a técnica de conservação dos mortos era praticamente desconhecida até à segunda metade do século XVIII. A prática moderna deste procedimento é geralmente atribuída ao anatomista escocês William Hunter. Antes dele, e nos Estados Unidos anteriores à Guerra Civil, os cadáveres que tinham que ser transportados ou mantidos sem sepultura durante vários dias, eram simplesmente empacotados em gelo. Existiam então uma espécie

so significativo um pouco por todo o lado, mas nunca tão grande como nos Estados Unidos onde o governo lhe deu todo o seu apoio. Aqui, embalsamar tornou-se obrigatório por lei sempre que o intervalo entre a morte e o funeral exceda as quarenta e oito horas (em alguns estados vinte e quatro horas) ou quando o corpo tem que ser transportado a uma certa distância.

Dizer que o embalsamamento na América é um grande negócio é não lhe reconhecer a verdadeira dimensão. De acordo com estatísticas recentes, menos de oito por cento da população defunta do país é tratada nos fornos crematórios e, uma vez que métodos alternativos como o canibalismo ou a exposição aos abutres comungam aos seguidores de Zaratustra devem ser muito pouco frequentes nesta zona, pode-se concluir que o embalsamamento continua a ser uma importante actividade económica. Uma verdade aceite, não só a nível estrito da economia global da Nação, como do restrito ponto de vista da iniciativa privada.

Por mais ilegítimas ou suspeitas que sejam as origens do embalsamamento no Ocidente, os patologistas devem reconhecer com gratidão os praticantes de tal profissão. A sua actividade não pode ser afastada como menor apesar de ser desagradável. E, no seu estado mais perfeito e profissional, não será

mures, ou colunas vertebrais.

Em algumas ocasiões acontece que o médico legista, ao tentar a perfeição no seu trabalho de análise, olha para os restos mortais expostos em cima da mesa sentindo um calafrio ao dar-se conta de que o zelo profissional fez com que ele alterasse a forma humana ao ponto de poder ser considerado como um profanador. É que o morto possui uma identidade que lhe é fornecida pelo vivo através do reconhecimento da sua forma intacta; enquanto se mantém a forma, o cadáver continua «a ser o mesmo» para sócios e parentes, amigos e inimigos. Mas sem coluna vertebral, membros ou olhos (que virtualmente nunca são retirados durante uma autópsia), a forma do corpo altera-se; sem costelas, um cadáver não passa de um frágil manequim; sem maxilas a rosto humano não é senão uma máscara grotesca. Para que o corpo possa ser visto nessa altura pelos mais generosos garantidores da sua identidade (os seus entes queridos), é necessário o reconhecimento sem o qual é o perfeito desastre.

Mais tais acontecimentos catastróficos são, felizmente, praticamente desconhecidos. Nos casos excepcionais em que é necessária a retirada de grandes partes do corpo, o engenheiro do armador funerário evitará qualquer problema triste. No lugar de ossos que faltam ele coloca varas ou paus; ele restaura e reconstrói, fecha inci-

O que é evidente no embalsamador moderno, em contraste com os seus antepassados, nomeadamente egípcios para quem interessava o percurso do morto nas trevas era fundamental, é a ideia de que tudo isto é agora feito em benefício dos vivos. Aos modernos embalsamadores levantam-se questões tão sérias quanto a de se decidir se o defunto deverá ser apresentado com óculos, ou se devem ser utilizados cosméticos, ou mesmo se é indispensável que se lhes coloque a dentadura. Contudo, por nada deste mundo se põe a questão de se saber se, no seu percurso ele irá necessitar de uma vista apurada ou uma boa dentadura, suficientemente forte para trincar um pêssego.

Entre as mais altas esferas do poder da Direcção Nacional de Associações Funerárias, a ideia de que o embalsamamento constitui um procedimento que tem em mente o ser vivo e não o morto, não seria recebida sem controvérsia. É difícil, no entanto, estar de acordo em que medida o embalsamamento beneficia os vivos. Por razões que não são difíceis de perceber a Direcção Nacional de Associações Funerárias afirma que uma cerimónia com urna aberta serve, louvavelmente, alguns propósitos auxiliares a verdadeira expressão de dor, fornecendo uma atmosfera propícia ao luto, e ajudando o sobrevivente a enfrentar o carácter definitivo da morte.

• LIVROS SELECIONADOS • RARIDADES BIBLIOGRÁFICAS



NÃO COMPRE SEM NOS VISITAR,
NÃO VENDA SEM NOS CONSULTAR

PEÇA CATÁLOGO

LIVRARIA ACADÉMICA

RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 10
TELEFONE 2 59 88

4000 PORTO

PORTUGAL

literário

Marguerite Duras: Um mundo de muros



PARIS — É um prazer voltar a vê-la, voltar a ouvir a sua voz apesar de haver algo, hoje, no apartamento de Marguerite Duras, que paira ameaçador sobre todos nós. Sobre a escritora, sobre o amigo Yann e sobre o jornalista. Às vezes penetra a alma e obriga-nos a longos silêncios. Deve ser o sopro daquela «doença da morte» como diz Marguerite. Talvez ainda não se tenha totalmente livrado dele. Ressuscitou — dizem. O seu último livro «La Pluie d'Été» — a história breve e ao mesmo tempo imensa de uma família de imigrantes — trouxe-a de volta até nós. O seu olhar por trás dos óculos exprime uma ternura que me perturba.

— Um bocado como se a Marguerite Duras — esta presença «guerreira» da literatura francesa — tivesse decidido dizer o seu «adeus às armas». Sei que não pode ser verdade.

— «Já não vejo ninguém» — diz com um tom inocente. «Já não vejo os meus amigos. Porquê? Apenas porque sempre fui um pouco selvagem? Vejo apenas os meus dois filhos, o meu verdadeiro filho e Yann. Não lia jornais desde o Verão de 1989. Depois recomecei com o «Le Monde». E de súbito lá estavam os acontecimentos na Roménia. No hospital, os últimos dias, vivia de televisão. Acompanhava tudo, inclusive aquelas histórias americanas. E foi a China também. Chorava a cada transmissão. As lágrimas são maravilhosas após ter estado no negro enredo do coma.

— Você, Marguerite, esteve no hospital durante nove meses. O nada (vazio) do coma, depois o despertar, a convalescença. Que foi então viver, Marguerite Duras?

— «Já fiz esta pergunta a mim mesma muitas vezes. Tenho recordações precisas e fantasmas. Um dia, sonhei ter caído ao querer passar por cima de muitos corpos que estavam em cima de uma cama onde procurava um lugar para dormir. Só há pouco tempo é que Yann me disse que nada disso tinha acontecido. Alimentavam-me com soro e eu arrancava tudo. Acordei em Abril. Numa outra ocasião, falando com uma enfermeira, eu disse que queria cortar o meu cabelo porque não era o meu. Os meus verdadeiros cabelos, os meus dentes, os meus óculos — dizia eu — tinham ficado no forno crematório de Auschwitz. Na realidade, isso não era um sonho. Em toda a minha vida, a coisa mais horrível que vi foi Auschwitz. Talvez Auschwitz tenha tomado o lugar de qualquer coisa e esta sensação não passa».

— A China de Tienan-men, depois a heroica sinfonia do Leste. Ao voltar do coma, Marguerite encontrou um mundo diferente.

— «Neste momento vivo a felicidade política. Isso quer dizer, ser absolutamente pela liberdade. A opressão estalinista já tinha durado bastante. Pensava-se que poderia continuar até ao fim do mundo. Pelo contrário — é magnífico — tudo foi pelos ares. Creio que também os moscovitas saboreiem neste momento a felicidade, ape-

sar do momento ser difícil e aleatório. É uma felicidade nova aquela que floresce até no horror dos massacres de Bucareste. Acredito na autenticidade da luta dos jovens roménos e não acredito naquela Frente Nacional de Salvação. Acreditei em tudo aquilo que disseram até ao processo a Cheausescu e à sua mulher. Também ele — um monstro — retomou o seu semblante humano no momento da morte».

— O comunismo declina miseravelmente a Leste. Pense em todas aquelas pessoas que, antes e depois da guerra, se sacrificaram em nome desse ideal. Pode ser que um dia, o diabo comunista nos faça um bocado falta, Marguerite, quanto mais não seja para fazer contraste.

— «Nada tomará o seu lugar. Eu digo que o marxismo é eterno. Uma análise impecável, perfeita. Mas pense no bando de Estaline: aquela gente era terrível, estúpida, convencional — completamente parada na estrada do progresso, como um automóvel bloqueado por uma avaria. O comunismo vai-me fazer falta, de certeza. Será substituído pelo Club Méditerranée, pela imbecilidade, pelo dinheiro, pela exploração. Mas esta pulsão da utopia comunista continuará a vibrar na atmosfera do tempo e dentro de nós, no bem e no mal. Não se abandona uma esperança daquela enverga-

dura. Quando se entreviu a igualdade entre os homens, quando uma pessoa se empenhou a fundo por essa igualdade, com a sua inteligência, o seu corpo — essa pessoa já não pode mudar. Haverá sempre um comunismo vivido no ser humano. Não acredito que aquilo que está a acontecer no Leste seja o resultado de uma má gestão política. Creio que o bicho tenha estado no fruto. O bicho estava em Marx e não o conseguimos encontrar».

— Um certo medo ressoa nas suas palavras, Marguerite.

— «Gorbachev não vai conseguir. Será preciso um novo tirano para restabelecer uma situação socialista. Gorbachev precisa de mais da América para jogar a carta da tirania. Ele deve conservar as repúblicas da União Soviética. Não vê, que ele chega sempre tarde de mais para endireitar a situação? E não digamos que mudou o mundo de Leste. Quem o mudou foi Walesa. Gorbachev suportou porque não tinha outra escolha. Gorbachev, de resto não me parece como uma figura bem delineada, quero com isso dizer que não tenho dele uma imagem precisa. O Gorbachev que fala na Assembleia do Povo não é o mesmo que sorri a Bush».

— Tem medo da Alemanha e daquilo que pode representar a sua unificação?

— «Ainda tenho medo dos jovens alemães porque eles não sabem. A verdade sobre a prática do poder hitleriano não lhes foi contada. Os campos, o extermínio de seis milhões de judeus, os assassinios, as imundas experiências médicas, aquelas mulheres nazis que tinham que estrangular os bebés hebreus que acabavam de nascer. Sim, ainda tenho medo de Hitler, apesar de que esse nome não se deverá escrever mais nem pronunciar».

— Além disso, Marguerite, que mais a assusta?

— «Tenho medo da direita. Tenho medo do pequeno Le Pen francês. Se um dia for assassinado, terá sido um jovem alemão a ter cometido esse acto. Um jovem alemão a quem terão contado tudo acerca do passado da Alemanha nazista. A direita, enquanto programa, não existe. A direita é a indigência mental. E tenho medo da guerra. Desde que nascemos que há uma guerra em preparação ou uma que se está a fazer. Talvez o mal tenha que ser representado ou fixado de alguma maneira».

— Os escritores nos tempos que correm trabalham muito. Passeiam-se pelo Leste, interpretam, narram.

— «A contingência não diz respeito ao escritor. A mim não me dá vontade de escrever. A vida interior não se pode reduzir a isso, a um esquema político ou àqueles romances sociais que se vendem como o pão. Há um certo desejo mórbido que impele à escrita. Há pessoas que não são talhadas para escrever, mas que mesmo assim escrevem. Isso é estranho. Escrever está na moda. Não se podem vender tantos livros».

— Você afirma que «La Pluie d'Été» pertence-lhe mais do que qualquer outro livro que escreveu.

— «Sinto que é assim. Escrevi-o mais do que os outros livros. Talvez não tivesse a certeza daquilo que fazia. É um livro que me assustou. Tive medo até da crítica: ainda com o povo, ainda a periferia, ainda a esquerda. Um amigo disse-me: tu escreveste por todas as periferias do mundo, por todos os imigrantes. Talvez porque temo que a «corte dos milagres» que segue Le Pen e a Frente Nacional em França aumente. Torno-me indecente: adoro «La Pluie d'Été». Antes de ir para o hospital tinha vinte e cinco páginas do livro escritas com uma esferográfica vermelha. O livro já se tinha tornado inevitável. Continuei talvez a escrevê-lo durante o coma, e quando saí do hospital, para mim, a coisa mais vital era deitá-lo cá para fora. Foi o meu regresso, se quiser. Não lia mais nada mas passeava por Paris, nos bosques, em todo o lado. Yann guiava o carro e eu olhava à minha volta. Vaguear também faz parte da escrita. Depois recomecei a escrever, «e o prazer que sentia ao escrever 'La Pluie d'Été' tinha algo de miraculoso. O livro pôs-me novamente de pé, fez-me sentir jovem, e ressuscitou Marguerite».

Ulderico Munzi
Exclusivo «Corriere della Sera»/DL
Trad.: Alessandra Balsamo

LIVRARIA



LISIPTO

Livros antigos • Gravuras
Compra e Venda

Deslocamo-nos a qualquer ponto do país



Lg. Trindade Coelho, 7
☎ 346 2771 - 37 35 60
1200 LISBOA

AMÉRICA: AS IMAGENS E

Qual é o verdadeiro sentido, na América, de expressões como *free choice* (liberdade de escolha), *free press* (liberdade de Imprensa) e *free access to information* (liberdade de acesso à informação). Houve, por exemplo, alguma opção real entre Bush e Dukakis?

A liberdade de escolha existe na medida em que o governo não força ninguém a escolher. Por outro lado, todas as escolhas são restringidas por condições, impostas pela própria distribuição do poder. E sempre foi assim. O sistema constitucional americano não foi concebido para que houvesse participação da população. Era um sistema criado para os homens brancos que tivessem propriedades. E a premissa era de que aquela classe restrita tinha suficientes interesses em comum para lhes permitir administrar o país. Muita gente não se lembra, mas a Constituição americana continha realmente um dispositivo afirmando que uma parte da humanidade só era 3/5 humana — no caso, os negros. Se algum país do Terceiro Mundo adotasse hoje a Constituição americana, diríamos que se trata de uma reversão ao nazismo, o que, de certa forma, é um sinal positivo, que indica que as coisas progrediram desde então. No sistema industrial moderno, o poder e os privilégios foram ficando cada vez mais concentrados à medida que se desenvolviam as empresas. E são elas que devem governar o país. A história política americana é, no fim das contas, a história de uma seleção entre vários setores da classe empresarial e proprietária. As últimas eleições são um bom exemplo. Faz anos que os Estados Unidos são, essencialmente, um Estado unipartidário. Há duas facções dos conservadores, duas facções da classe empresarial, e elas apresentam seus candidatos. E a população de fato tem a liberdade de escolher entre os dois representantes dos interesses da classe empresarial. Assim, todos compreendem que aquilo que os candidatos dizem não é para ser levado a sério. Os candidatos têm encarregados de fazer pesquisas. Esses pesquisadores determinam que tipo de declarações podem vir a ser populares, e então o candidato produz exatamente essas declarações. Desse modo, o candidato está na verdade respondendo ao que o instituto de pesquisa lhe diz ser capaz de aumentar seu número de votos. E todos aceitam isso. É a política. Ora, isso reflete um desprezo total e completo pela democracia. Significa que tudo o que um candidato diz não passa de uma técnica por meio da qual seus financiadores, um grupo da comunidade empresarial, pretendem assumir o controle do Estado. Nas

eleições de 1980, as elites achavam que, para tornar competitivas as empresas americanas num mundo cada vez mais difícil, as margens de lucratividade precisavam ser aumentadas, a violência do Estado precisava crescer, o Estado tinha de se envolver mais fortemente na administração industrial e forçar o público a subsidiar a indústria de alta tecnologia. As poucas medidas de previdência social existentes deveriam ser cortadas. Foi o que aconteceu. O público só tinha uma escolha: entre duas maneiras de levar a efeito o consenso da elite, um consenso a que ele se opunha. Nas eleições de 1984, os republicanos eram o partido do crescimento keynesiano. Propunham despesas deficitárias e eram apoiados pelos segmentos do sistema industrial que queriam justamente isso — que o governo despejasse dinheiro na indústria avançada, deixando para se preocupar com os efeitos mais tarde. Já os democratas eram o partido dos conservadores fiscais, apoiados pelos bancos e pelas empresas de investimento, e também pelos interesses imobiliários. Assim, o eleitor podia escolher entre o crescimento keynesiano acompanhado de uma retórica ultranacionalista — os republicanos — e o conservadorismo fiscal rigoroso — os democratas. Elegeram os republicanos. Numa sociedade livre, não se pode impedir que as pessoas votem. Assim, o que se faz é assegurar que não haja nada em que elas possam votar. O análogo disso no sistema de informações é que não se pode evitar que as pessoas comprem o jornal que quiserem, e também não se pode proibir os jornais de publicarem o que quiserem; assim, é necessário assegurar-se de que os jornais vão publicar as coisas certas. E isso acontece automaticamente, devido à concentração do poder. Os meios de comunicação são grandes empresas. As três redes nacionais de televisão são grandes empresas, controladas por empresas ainda maiores, como a General Electric, a Westinghouse etc. Os grandes jornais são empresas ligadas a bancos e conglomerados financeiros. Nos Estados Unidos, os meios de comunicação são simplesmente empresas que vendem um produto para um mercado. O mercado são os anunciantes, que os sustentam. E o produto é a audiência.

Noam Chomsky, linguista

Eu não associo os escritores americanos com os lugares. A única exceção, Nova York, claro, que é um lugar mais cheio de alusões que os outros. É a cidade de Stephen Crane, Walt Whitman e mais uma porção



Keizo Kitajima

de pessoas. Em certo sentido, o que eu gosto neste espaço americano é a falta de alusões.

Pode nos falar um pouco sobre isso, a falta de alusões?

Lembro que, uma vez, WH Auden escreveu um ensaio sobre a noção de paisagem na poesia americana em contraste com a poesia inglesa. Ele dizia que, na Inglaterra, quando um poeta fala da natureza, o que ele tem em mente é a paisagem ao redor de seu *cottage*, fazenda, ou seja lá o que for. Ele sai do interior iluminado de sua casa, repleta de amigos, parentes ou conhecidos. Ele entra na noite, na natureza, enquanto pensa... está escuro lá fora. Ele se

aproxima da árvore sob a qual, presumivelmente, vários reis decretaram suas leis, se reuniram em conselho, e volta para dentro com a sensação de que nada mudou. Na América, diz Auden, o poeta sai para fora de sua casa, aproxima-se da árvore e a encara em toda a sua originalidade primitiva. Num certo sentido nada aconteceu àquela árvore. Ele a vê pela primeira vez ao mesmo tempo que a árvore vê um ser humano pela primeira vez. Uma confrontação de iguais. E uma árvore pode inspirar terror. Na Inglaterra, ou melhor, na Europa, a árvore não inspira terror às pessoas. Não importa por quanto tempo se olhe para ela. Porque há sempre a possibilidade de um



terário

E AS VOZES

jogo de alusões. Aqui, alusões não só possíveis. É só você e a árvore.

Joselb Brodsky, poeta, Prêmio Nobel

Temos a impressão de que a realidade americana é menos histórica e mais mítica. De que o americano não se orienta pelas lições do passado, mas pela vitalidade eternamente presente de seus mitos. O senhor concordaria com isso?

Realmente, a América destruiu as culturas arcaicas e tradicionais, toda a substância, enfim, que havia nos antigos mitos, e tomou o seu lugar — num sentido, a América se tornou o seu próprio mito. Nas profundezas do tempo, vocês sabem que o mito e a origem estão ligados, são uma coisa só. Aqui, temos, ao contrário, alguma coisa que não tem origens e que constitui quase o mito da ausência de origem. Com isso, recupera um poder mitológico para nós, porque, para nós, a América é, a um só tempo, nosso inconsciente, nosso mito e nossa utopia. Um mito que não é mais veiculado por meio de fábulas ou histórias, mas, antes, por imagens, pelos filmes. Portanto, se a América tem história, é a história da sedimentação dessa mitologia, que já vem de algum tempo. Minha imagem mais remota da América é o deserto. O deserto é uma sedimentação de todas as eras. Todas as eras geológicas nele se encontram presentes e, no entanto, o deserto é apenas uma superfície. Isto é a América. Uma sociedade transparente, pode-se dizer superficial. Mas nessa superfície está impressa toda uma mitologia. Inclusive com seus personagens, seus heróis cinematográficos, seus heróis do *western*, da fronteira e tudo mais.

Jean Baudrillard, filósofo

Como a arte pode, hoje em dia, retratar os Estados Unidos, um país exaustivamente capturado em imagens desgastadas e trivializadas?

Vamos com calma. Tudo o que é clichê, nos Estados Unidos, é, de uma maneira meio perversa, a sua única esperança projetada para o futuro. Dentro destas fronteiras, existem pessoas de raças, origens e religiões diferentes buscando, basicamente, uma noção de identidade. Na Europa, não: línguas diferentes estão estabelecidas, religiões diferentes, as pessoas se acostumaram com a diversidade. Aqui, dentro da diversidade ainda se busca uma identidade comum. Nesse sentido, as experiências que vivemos aqui já lidam com uma noção de futuro. Há momentos em que me enver-

gonho de ser americano. Quando penso, por exemplo, em Ronald Reagan.

Onde pode estar esta identidade comum que a América busca?

Essa identidade vai custar a amadurecer mas já é possível descobrir, por exemplo, que há identidade na convicção de que este é um país onde ninguém pode mandar. A natureza dos americanos é, basicamente, sem lei. Ninguém quer obedecer a lei. Há identidade também na progressiva constatação de que somos um monte de gente que, de acordo com as regras da história, não deveria estar necessariamente junto.

Robert Longo, pintor

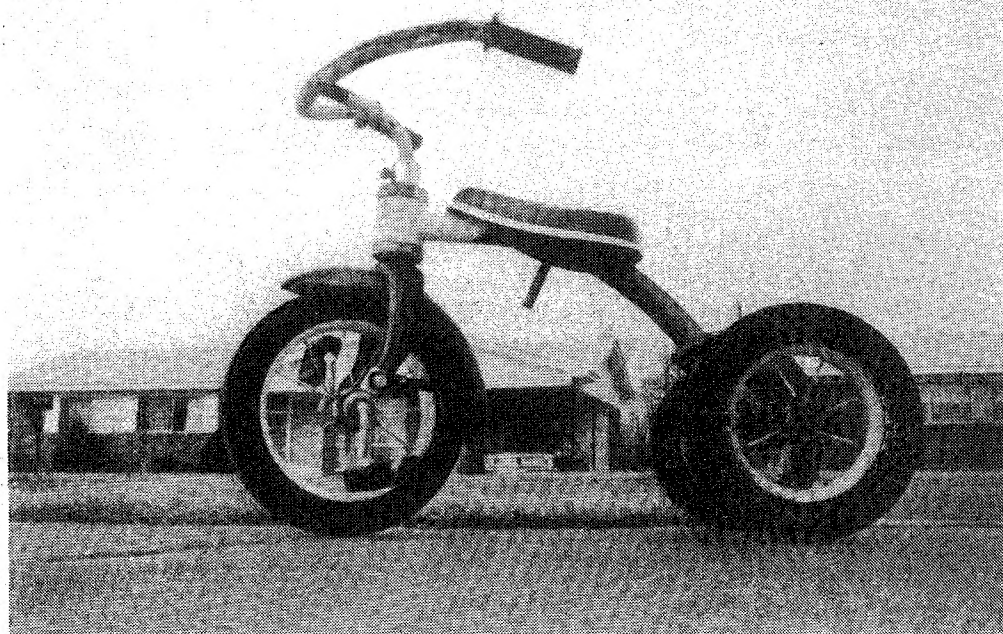
O senhor diz que, cada vez mais, o poder estará com aqueles que controlarem as telas. Poderia explicar?

Os americanos assistem em média sete horas diárias de TV. Isso significa que uma dona de casa vê mais TV do que olha nos olhos do seu marido. O desafio está em controlar pessoalmente essas informações e não deixar tudo a cargo da NBC ou ABC ou seja lá quem for. Estamos desenvolvendo programas que permitem ao espectador gravar e editar o Jornal das Sete, narrando-o e sonorizando-o como bem entender. Você pode estampar a cara do Mickey por cima da cara do Stalin, por exemplo. Milhões de indivíduos poderão editar seu próprio jornal nas telas. Acabou a ditadura da tela. Hoje, eu vou à loja de vídeo da esquina e alugo o filme que eu quiser para assisti-lo na hora que bem entender. Antes de Gutenberg toda a informação era controlada pelos monges encarregados dos manuscritos, que aliás não tinham grande relação com o mundo dos homens, pois provinham de Deus, do Vaticano, dos altos prelados. Com a impressora de Gutenberg, ampliou-se o acesso aos livros e mais gente passou a escrevê-los. O mesmo vem acontecendo com a tela. Estamos quebrando o tabu que nos impedia de influir no que acontece nela. Vamos colocar um bigode na Mona Lisa, pintar faixas verdes no rosto de Reagan. A tela é minha e assisto só o que quiser!

Timothy Leary, 'gupu' do LSD

Citando Walt Whitman, o senhor disse, certa vez, que o caráter utópico da América do Norte se confunde com a sua própria realidade. Ficção e realidade tendem, aqui, a ser uma só coisa?

Acredito que sim, pois os Estados Uni-



William Eggleston

dos são um projeto futuro que se realiza todos os dias. Diariamente há uma criação. Todos os grandes povos criaram coisas novas, mas os norte-americanos são provavelmente o povo que inventou mais coisas em menos tempo. Algumas terríveis, outras prodigiosas. É um povo que quando cessar de inventar, cessará de existir.

Neste momento em que tanto se fala em decadência americana, isso já não estaria acontecendo?

Não sei. Os Estados Unidos descobriram a ideia da decadência com uma espécie de prazer perverso. Como se tivessem descoberto, de repente, a história. Se um povo tem uma história atrás de si, estará destinado, de um momento para o outro, à decadência. Este é inegavelmente um fenômeno psicológico, um fenômeno social de obsessão que se aloja na intelectualidade americana, perplexa diante das inúmeras mudanças pelas quais o país passou nos últimos cinquenta anos.

Octávio Paz, poeta

Qual é a sua primeira imagem da América?

Antes de vir para cá, o que mais me atraía na América eram os banheiros e as geladeiras. Quando cheguei, de navio, no porto de Nova York, a primeira coisa que me impressionou foi a visão de uma auto-estrada repleta de carros. Nunca tinha visto tantos carros em movimento, e de manhã, tão cedo. Fiquei completamente abobalhado. Desde então, os carros se tornaram muito importantes em meu trabalho. Em 1955, fotografei a fábrica da Ford e a maneira como fabricavam carros me fascinou.

O sonho americano que inspirou pessoas como você, no passado, está acabando?

A América ainda é um grande país, mas se eu fosse jovem com certeza iria para a América do Sul, em vez de ficar por aqui. Lá deve ser mais interessante, mais novo, mais criativo. Pode ser, porém, que este seja apenas o ponto de vista de um homem mais velho.

Robert Frank, fotógrafo



Paulo Rebelo DL 90.

O sonho americano foi, com todos os seus heróis e conquistas, um dos mais eficientes meios de reforço social dos tempos modernos?

Devemos lembrar que os Estados Unidos, ao longo de toda a sua história e até pouco tempo atrás, sempre tiveram mais do que precisavam. Mais terra, mais recursos minerais, novas fontes de energia. Por isso, sempre foi possível ir um pouco mais à frente para se obter tudo que fosse necessário. No entanto, hoje, o mundo está ficando cheio e não estamos mais numa situação muito feliz. Diante disso, não basta haver força de vontade, como dizem os políticos. É muito perigoso achar que isso é verdade. Não creio que seja possível, por exemplo, acabar com todos os mísseis que a Rússia atirasse contra nós. Poderíamos sempre inventar uma arma com alcance de trinta milhas, em vez de vinte e cinco. No entanto, chegamos a um ponto em que isso não termina nunca. Este é um dos problemas: o fato de que somos oniscientes e, ao mesmo tempo, não sabemos nada. Em *Beyond Freedom and Dignity*, escrito e publicado em 1971, eu presumia que a ciência, especificamente a ciência do comportamento, poderia nos indicar a solução de todos os problemas. Acabo de escrever um prefácio à nova edição da Penguin em que retiro o que disse. Acho, ao contrário, que a ciência hoje nos mostra exatamente que nunca resolveremos esses problemas a não ser que haja uma maior evolução de uma onda cultural que eduque as pessoas de tal modo que elas aceitem o que é necessário fazer para que o mundo sobreviva. É difícil para qualquer pessoa. Nenhum candidato a cargo público nos Estados Unidos tem a coragem de propor que se proibam automóveis aos domingos, e esta seria uma medida que ajudaria a resolver o problema da energia e da poluição. Mas quem propuser isso, perderá a eleição, e o mesmo ocorre com tudo o que é preciso ser feito para salvar o mundo do caminho a que o estamos levando.

B.F. Skinner, psicólogo

Excertos de entrevistas retiradas de *América*, Companhia das Letras
Dina Livro



TRADUZIR

Quando se fala da tradução de poesia, levantam-se regularmente as mesmas questões: é a poesia traduzível? São os poetas os tradutores de poesia ideais? que fidelidade é possível (ou desejável) na tradução poética? quais os limites da liberdade do tradutor? é aceitável (ou defensável) que o estilo do poeta (quando de um poeta com uma linguagem

bem individualizada se trata) deixe a sua marca no poema traduzido?

Creio que tais perguntas recebem, em geral, respostas que se situam numa área de compromisso, num prudente meio termo, o que as torna pouco esclarecedoras: a poesia será, acaso, em absoluto, intraduzível, porém aí está a realidade de um número infindável de traduções, a

demonstrar como a própria exuberância da sua prática a legitima; a capacidade de criação autónoma do tradutor-poeta (ou do poeta-tradutor) será limitada pelas exigências da presença, quantas vezes inibidora, do texto de partida.

Os poetas, todavia, aceitam mal a imposição de uma regra que, com rédea curta, os cinge ao poema de

origem. Para eles, assumido o facto irrecusável de que, sendo a poesia realmente intraduzível, a tradução de um poema será sempre, de algum modo, **um poema novo**, trata-se, simplesmente, de, mais uma vez, escreverem a sua própria poesia, razão pela qual, por exemplo, os sete admiráveis «Sonetos de Shakespeare reescritos em português» não

FAZER, REFAZER POESIA

A tradução literária é uma abstracção: o que existe são textos literários (que pedem para ser) traduzidos. Não há teorias apriorísticas para aprender a traduzir poesia, mas há princípios decorrentes de uma prática diversa. O poeta é o melhor tradutor do poeta? A «liberdade» é inevitável aqui? Claro que sim, claro que não. Liberdade, literalidade? Naturalmente, toda a liberdade, porque aqui o literal é o lateral, a literalidade é a literariedade.

Liberdade então? Toda, nos limites do Outro. E como esse Outro é sempre diverso, prefiro deixar um testemunho concreto. Do trabalho em que me envolvi com o último poeta (como sempre, de língua alemã) que traduzi, um desconhecido cá, a sair em Abril em edição bilingue nos Livros Cotovia:

Johannes Bobrowski. O que se segue é, pois, pré-publicação.

Para traduzir um poeta não será necessário (nem conveniente) dispor de nenhuma teoria, mas é preciso encontrar um método (que é como quem diz: um caminho próprio). O caminho seguido por Johannes Bobrowski na sua poesia é muitas vezes referido como «inconfundível». Como traduzir então para português um poeta de língua alemã com marcas e mundos tão particulares? Que referências seguir, na nossa poesia, para uma dicção como esta, para uma construção estrófica e rítmica que ignora todos os tiques, clichés e escolas poéticas instalados desde os modernismos? Pus-me a releer alguma poesia portuguesa, a apalpar terrenos linguísticos, a interiorizar ritmos. É importante para a tradu-

ção o mergulho adequado na própria língua, em atmosferas afins. E também, novamente, as odes de Klopstock e Hölderlin. E cheguei a uma conclusão: tudo o que tinha a fazer era transpor mesmo «fielmente» os textos de partida. No sentido mais literal do termo: o que o originalíssimo original me obrigou a fazer foi «simplesmente» segui-lo, colar-me a ele, surpreendente e fascinante como era. O resultado teria de ser uma versão não assimilativa e não neutralizadora, para tentar transportar, (quase) incólumes, as idiossincrasias desta poesia para *poemas em português*.

Foi uma opção necessária e um desafio aceite. Afinal, muitos dos textos de Bobrowski são, eles também, «traduções» com uma estranheza-outra — a do «seu mundo» báltico-sarmático e a dos próprios modelos literários onde vai beber a sua originalidade. Traduzir «Hölderlin in Tübingen» é também traduzir Hölderlin, que está lá, no desvario criativo da sintaxe clássica a prenunciar loucura, nos motivos de obsessão, tudo filtrado por uma apropriação intertextual deliberada, levada às últimas consequências por um poeta da segunda metade do século XX. Exige-se uma fidelidade extrema, um rigor máximo, nada de arranjos, de embelezamentos, tudo tem que convergir para re-fazer, sem transigências nem arbitrariedades, uma atmosfera, um estilo, uma *existência*, no cotovelo de uma inversão sintáctica. É Bobrowski no seu melhor, e é este o melhor caminho a seguir na sua tradução.

O tradutor teve, pois, de fazer um reconhecimento pormenorizado do terreno

poético e obrigar-se a regras estritas. É (deve ser) sempre assim. Para este caso (e cada poeta, cada texto, é um caso diferente), as minhas regras foram basicamente as seguintes:

— Conter o impulso da metáfora, da linguagem (trans)figurada: porque esta poesia vive de experiências sensoriais e de imagens talhadas com autonomia e peso próprio.

— Refrear toda a tendência para a conceptualização e para o sentencioso: porque não tenho o direito de reduzir imagens a ideias, coisas vivas a abstrações.

— Não alisar, aplanar, formalizar a forma: porque as formas de verso em Bobrowski não são regulares nem tradicionais, porque o seu verso livre é um instrumento formal muito carregado de húmus (ou seja: não é mero formalismo), mas com esquinas, cortes, mas com surpresas rítmicas frequentes.

— Daqui: respeitar, mais

do que me é habitual na tradução de textos poéticos alemães, a estrutura sintáctica original: porque assim se recuperam melhor efeitos rítmicos e prosódicos desta poesia (também construídos, «artificiais» no original), uma poesia subjectiva e moderna, mas classicizante, nascida de um contacto íntimo, tanto com a obra de Trakl, Saint-John Perse, Dylan Thomas ou Peter Huchel, como com as inovações de Hamann, Klopstock, Hölderlin e alguns poetas gregos antigos.

— Eliminar todo o devaneio gratuito: porque a poesia de Bobrowski se não compadece com isso, é demasiado séria, rigorosa e substancial (material: feita de elementos, lugares, coisas). Basta, então, seguir uma regra última, do próprio poeta:

O poema começa onde acaba o interessante, a superficialidade.

João Barrento

HÖLDERLIN EM TÜBINGEN

Árvores telúricas, e luz em que a barca mergulha, invocada, a vara do remo contra a margem, a graciosa inclinação, diante desta porta passou a sombra, e desceu sobre um rio, o Neckar, que era verde, o Neckar perdendo-se por prados e pastagens.

Torre para ser habitável como um dia, pesados muros, a pesadez contra o verde, árvores e água, postas na balança de uma só mão: desce o som do sino sobre os telhados, o relógio dá sinal ao girar dos cataventos de ferro.

Johannes Bobrowski

Tradução de João Barrento



Robert Frank

TRADUZIR POESIA É REESCREVER

A tradução de poesia é uma tarefa que exige conhecimento das línguas envolvidas, gosto e rigor na escolha da palavra precisa (no duplo sentido: necessária e exacta), humildade para se satisfazer com uma solução que se alcança mas se sabe não ser a melhor em absoluto mas a melhor que então foi conseguida, entusiasmo que não exclua lucidez e paciência. O conhecimento de teoria da tradução ajuda, mas não mais que o conhecimento da poética serve o poeta:

esta pode evitar que se escrevam maus poemas, actuando como guia, talvez como travão, mas não contribui em definitivo para que se escreva um bom poema.

Aquelas qualidades são as do poeta? Julgo que algumas, sim, num compreensível paralelismo. Para se traduzir poesia tem de se escrever versos. Ou deveria dizer **reescrever**? Traduzir poesia é reescrever, é escrever com palavras próprias a poesia dos outros, ser um outro atra-

POESIA

são menos poesia de Carlos de Oliveira que de Shakespeare, ou as **versões** (assim o autor as designa) reunidas sob o título **O Bebedor Nocturno** não serão menos poesia de Herberto Helder que os poemas de **Lugar** ou de **Cobra**. Não é, evidentemente, por acaso que tanto aqueles como estas aparecem integrados na obra poética dos respectivos au-

tores. No prefácio a **O Bebedor Nocturno**, Herberto formula, de resto, a questão com toda a clareza: «Quanto a mim, não sei línguas. Trata-se da minha vantagem. Permite-me verter poesia do Antigo Egipto, desconhecendo o idioma, para o português. Pego no **Livro dos Mortos**, em inglês ou francês, como se fosse um poema inglês ou

francês, e, ousando, ousa não só um poema português como também, e sobretudo, um poema meu. Versão indirecta, diz alguém. Recriação pessoal, diz alguém. Dilettantismo ocioso, diz alguém. Não digo nada, eu. Se dissesse, diria: prazer.»

Revista de Poesia quis ouvir alguns eminentes tradutores de poesia portugueses (vários deles também

poetas) sobre este assunto. Nos casos em que obter um depoimento não foi possível, limitamo-nos a inserir, ilustrativamente, uma tradução inédita. E, porque a matéria o justifica, a ela voltaremos no próximo número da Revista.

Gastão Cruz

A ARIADNA, ABANDONADA POR TESEU

» — A quem me queixarei do fero engano,
árvores mudas, num sofrer sem freio?
Surdo mar! Terra estranha! Céu alheio!
Fingido amor! Penoso desengano!

«Foge o pérfido autor de tanto dano,
sozinha fico em solo que receio,
sem ter pra minhas lágrimas esteio,
pois mal assim será sempre tirano.

«Deuses, se entre vós já algum sentiu
de ingrato desamor prova funesta,
vingai-me de Teseu, como eu almejo.»

Tal se queixa Ariadna em sombrio
lamento ao céu; e entretanto arrasta
o mar seu pranto, o vento seu desejo.

JUAN DE ARGUIJO
(Sevilha, 1567-1623)
Tradução de José Bento

vés da escrita da poesia alheia, numa heteronímia incompleta por ser só da palavra e não do próprio ser? Se o poeta é o portador privilegiado da palavra, está, em princípio, dotado para ser o tradutor de poesia, se à condição de poeta juntar outras qualidades que o tradutor deve ter.

Daqui (que quem traduz o faz com as suas palavras, com as que usa para além das que lhe dá o dicionário, muitas vezes insuficiente) se deduz que na tradução transparece o modo do poeta — se for poeta — que traduz; como na sua poesia se vê à transparência o que ele traduziu, não numa imagem de fácil decifração, mas no que é uma medida, um acompanhamento. Afinal, quem é tão poderoso e vasto para poder dividir-se e ter compartimentos estanques, entre os quais não haja a menor comunicação?

A liberdade do tradutor é para ele tão difícil e essencial como para o homem a sua liberdade. O tradutor move-se num sistema complexo, limitado pela sua língua e pelo texto a traduzir, para dar nessa língua um texto que não era unívoco. Ele tem de procurar o seu significado, fazer a sua leitura para o transmitir em palavras próprias. Na poesia, o significado é uma totalidade de

diversos elementos, e não só o mais imediato, que é o sentido estritamente semântico. Esses elementos — se é possível fazer a cisão do texto até obter elementos puros, como numa operação química (ou alquímica?) se parte de um composto para conseguir cada um dos elementos que o formam — actuam como um sistema de vasos comunicantes. A difícil liberdade do tradutor é o espaço que ele necessita para harmonizar esses elementos, procurando o precário equilíbrio dos níveis desses vasos. Pode contentar-se com uma pequena liberdade e resignar-se a uma tradução que dê só uma parte da totalidade do poema original, ou ambicionar a liberdade que julgue indispensável para escrever o texto que transmita o original. Apesar de tudo, diferente do original e que deve ser julgado segundo leis próprias. O que o tradutor conseguir com a sua liberdade dá a dimensão do seu trabalho. Pode usar uma grande liberdade de um modo negativo, chegando a um resultado inferior ao que atingiria com menor liberdade. Assim, o tradutor deve ter toda a liberdade que for capaz de usar em favor do poema que tem de escrever na sua língua.

José Bento

FIDELIDADE E RE-CRIAÇÃO

A tradução poética, como, aliás, de qualquer outro género, nunca deve ser literal, como é óbvio. Todavia, o tradutor deve procurar a maior fidelidade e isso requer uma atenção constante à idiosincrasia da língua original e da língua para que traduz. Numa tradução, sobretudo de poesia, encontram-se a par e passo dificuldades extremas, quase insuperáveis, senão mesmo insuperáveis. Por isso, há os que defendem que a poesia é intraduzível e os que pensam que ela é sempre traduzível. Ambas as posições são defensáveis, mas eu hesito em afirmar que seja possível descobrir equivalências (ou correspondências) para certos poemas ou versos que estão indissoluvelmente ligados à língua em que foram escritos. Para exem-



Tore Johnson

plificar esta afirmação, citarei dois versos, um do Camões: «Aquele triste e leda madrugada», outro do

poeta francês Guillevic: «Rien n'est plus mort qu'un mort».

O verso do soneto de Camões possui uma maravilhosa riqueza expressiva em que se conjuga a musicalidade, a cadência, a aliteração, a modulação vocálica, etc. Julgo, por isso, que este verso é intraduzível. Quanto ao verso de Guillevic, também penso que é intraduzível, porque a sua força é inseparável da especificidade da língua. Decerto que os poetas são as pessoas mais indicadas para resolver as dificuldades de uma tradução poética, mas eles não são os únicos capazes de encontrar as equivalências e correspon-

dências que um texto poético requer. Uma boa tradução é sempre uma criação paralela e, algumas vezes, uma re-criação que está ao nível do texto original e que, em alguns casos, o supera mesmo. Parece-me que a tradução que Pessoa fez de «O Corvo», de Edgar Poe, é um exemplo de criação paralela, a que me referi. Para dar um exemplo mais recente, Luiza Neto Jorge tem excelentes traduções de poesia, tendo conseguido, nomeadamente, encontrar equivalências admiráveis para a musicalidade e fluência da poesia de Verlaine.

António Ramos Rosa

UM POEMA DE ROBERTO JUARROZ

Descobrir as figuras que ilustram o olhar,
ajustar a tensão do pensamento
e baixar a voz até ao eclipse do fundo,
até encontrar as fibras que entretecem
o corpo do vazio.

Passar do tronco ao ramo,
passar do ramo ao ar,
passar do ar à transparência do tempo,
passar do tempo ao nada.

E recolher em cada movimento
o mais volúvel pó,
a espuma da fugacidade,
a colheita dos mares,
o neutro pesadume do céu.

E com mãos de adelgado oleiro
concentrar ainda mais o que não existe,
o que quase não existe
e os pontos de suspensão
do pouco que existe,
para enxertar a sombra de uma forma
na sede impensável do informe.

Tradução de António Ramos Rosa

Roberto Juarroz nasceu em Buenos Aires, em 1925. Poeta, ensaísta, professor de Letras, director e professor da Escuela de Bibliotecología de Buenos Aires. Dirigiu a revista Poesia-Poesia de 1958 a 1965. **Poesia Vertical** é o título que o autor deu a toda a sua obra, diferenciando cada livro apenas com um numeral. Octavio Paz escreveu estas palavras sobre Roberto Juarroz: «Poesia vertical: hacia arriba y hacia abajo, pozo por donde sube el agua potable del espíritu e torre por donde desciende el aire libre del pensamiento. Cada poema de Roberto Juarroz es una sorprendente cristalización verbal: el lenguaje reducido a una gota de luz. Un gran poeta de instantes absolutos.»

TRÊS CASOS DE SOLIDÃO

E tinha medo que a vida lhe fugisse. E de tanto temer inventou uma prisão, fechou-se nela e engoliu a chave. Era dura, aquela chave.

De um metal mais ou menos azulado, que o azebre tornava parecido com o sabor a inferno de certas comidas, embora neste caso impossível fosse digerir-la. E assim ficou anos. Fechado na prisão e de chave no estômago.

Podíamos pensar talvez em problemas de saúde decorrentes? Nada. Fresco que nem um carapau acabado de sair da rede. Quanto mais a praia se estendia, mais as grades pareciam uma imagem de ferro do arrependimento.

Foi, portanto, preciso vomitar. Mas como é que se vomita uma coisa pesada, com sabor a azebre, e que está instalada há anos no estômago? Era um problema. E vai de fazer o pino, e de se esfregar às grades, e de pôr um, dois ou mais dedos na garganta, nada. Nem um arrotto. Nem um miserável arrotto conseguiu obter.

Viveu por isso mais uns anos assim. Ele e a chave, a chave e ele, e a chave muda e ele calado. E as grades, cada vez mais duras, cada vez mais frias. Lembrou-se, finalmente, de ensinar a chave a falar. E não é que ela aprendeu? E em várias línguas?

As grades tornaram-se ternas. E ele, conversando de estômago a boca, de boca a estômago, nunca mais se sentiu só.



Formigas

Dei uns passos. Voltei atrás, tornei a dar uns passos. Tornei a dar os mesmos passos algumas vinte vezes, reparando com cada vez mais aflição que não eram os mesmos passos. Vinte mentiras? A minha frente, um carro não travou a tempo de evitar matar, com quatro rodas e de uma só vez, setecentas e dezanove formigas. Talvez com cara de funeral, mas tentei dar mais dois ou três daqueles passos que agora eram, sem dúvida, embora semelhantes, diferentíssimos. Desisti.

À falta de banco, sentei-me no chão. E enquanto as formigas iam morrendo, fui ficando sentado, imóvel, pensando a que ponto é grave a morte de uma formiga e a existência de quatro rodas.

Estava há três meses sentado quando finalmente me caiu um braço. Talvez por eu ser canhoto, e ser esse o mais usado, foi o braço esquerdo que me caiu. Fui levado por um rebanho de formigas, e esmagado, assim como elas, por mais quatro rodas.

Agora as noites são longas. Tenho tempo para pensar. Serei eu mais verdadeiro? sem o braço que escrevia? Oíço ao longe os batalhões de formigas que se formam. Quando chega a madrugada, observo-as a passar na estrada, à minha frente, e reparo nas poucas que, coxeando, escapam à morte-pneu. Reparo que tal como eu fazia, voltam atrás, juntando-se pois aos novos batalhões. A vida agora é uma coisa certa, o horário são só as mortes das formigas. Há-as de várias cores: umas mais fulvas, outras mais amarelas.

Espero pois duas coisas: a queda do meu outro braço e a entrada em extinção da raça-pneu, essa raça redonda, perfeita e descomunal.

Pai

E o homem entrega um laço à vida, um pequeno laço, mais pequeno que os laços de Natal, um laço pequeno como um

sorriso pequeno.

E a vida responde ao homem que não é por nada que é mulher, é por tudo, que as mulheres não podem nunca ser por nada. E o homem pergunta-lhe, agora, como é que ela lhe há-de dar um filho, ou uma filha, porque um laço pequeno provoca sempre um gravidez grande, e a vida responde que sim. Que quando chegar a madrugada olhe ele, que ela estará a dormir, para o horizonte, além das janelas e dos fantasmas de todo o arco-íris, que olhe com os ouvidos e escute com atenção.

«Verás um badalar longínquo, um sino tênue e horizontal, um pequeno som curto, banhado de eco e melancólico, cantando apenas esqueletos de canções futuras, começando na morte e no lavar de ossos, e só depois chegando ao nascer de carnes, de vestes, de sorrisos. E será esse o filho que eu, vida de vidas, te terei dado. Olha depois para mim, e não me envergonhes, que quando dou prendas, sinto-me corar.»

E o homem coloca a cabeça sobre as mãos da mesa em que habitualmente escreve com a cabeça das mãos, e adormece, e sonha com o passado de tempos futuros, vendo-se a si próprio, naquele instante, adormecido sobre aquela mesma mesa, à espera de ser pai.

E passam nove segundos, e o dia nasce.

Manuel Cintra

DO AUTOR DE
O Inverno em Lisboa

ANTÓNIO MUÑOZ MOLINA

BELTENEBROS



A história de um ajuste de contas e de uma dupla traição.

Um jogo de identidades equívocas num ambiente de claudestinidad, onde nada nem ninguém é na realidade o que aparenta ser.

Com um estilo preciso e envolvente e uma mestria narrativa fora do comum, Antonio Muñoz Molina é actualmente uma das vozes mais significativas da literatura espanhola contemporânea.



QUETZAL EDITORES Rua Sanches Coelho, n.º 3, 9.º Esq. 1600 LISBOA

DISTRIBUIÇÃO DIGLIVRO - LISBOA TEL. 4792200/1/2

MOVILIVRO - PORTO TEL. 578937/578591

Velho mito novo autor de António Cândido Franco PEDRO E INÊS

"A mulher que está destinada ao amor é uma mulher que está mais próxima das grandes ilusões de castidade que propriamente das pequenas disputas da concubina. A castidade é própria da Virgem, mas é também, por mais incrível que pareça, característica do deboche, porque a virgindade e o deboche podem estar intimamente ligados no próprio amor, desde que para tanto a primeira seja encarada não como uma obrigação social e o segundo seja visto não como provocação gratuita e dispendiosa. O requinte do amor não está na provocação, mas antes no silêncio. É em silêncio que se cometem os grandes crimes de amor e que se fazem os pecados mais sublimes, que assim se redimem naturalmente, tanto aos olhos de Deus como do homem. Deus não castiga a pureza silenciosa com que o verdadeiro amor é pecaminoso, porque há já uma santidade no recato com que dois corpos se amam. É por isso que a Idade Média produziu não só uma teoria do amor sublime, mas também os grandes amantes da história da humanidade. Nunca se amou tanto como nessa época e nunca se amou evidentemente tão bem, pois a castidade e o deboche conseguiram coexistir num equilíbrio de todo milagroso.

Inês é de todas as amantes aquela que melhor encarnou na história os aspectos poéticos e míticos do sublime. Não foi o sinal, tão significativo, do seu primeiro parto, mas a relação que ela manteve desde logo com o próprio filho. Inês é o lugar onde se revela o corpo divino. Creio que deve haver em todo o ser uma idade para o amor que é, a um nível

António Cândido Franco
MEMÓRIA DE
INÊS DE CASTRO



mais vasto, aquilo que a Idade Média é na Idade da Humanidade. É uma idade que não é infantil, ganha dela aspectos mais pueris, ou seja uma inocência artificiosa que tem já consciência de si. Mas em Inês uma tal idade não existe como região demarcada, ela é o seu próprio destino. Dir-se-ia que, por um acaso feliz, Inês não pode voar para além de uma tal idade. Inês é a encarnação do próprio amor e parece ser difícil pensar a infância de Inês para além dos aspectos mais perturbantes que nela houve. A única recordação de infância que ela transportará ao longo da vida com alguma insustentação é aquela que se prende com o seu contacto com um acampamento de ciganos vindos da Estremadura castelhana. É uma recordação eminentemente sexual, pois foi aí, no meio das outras crianças do acampamento, que descobriu, pelo deslumbramento, o poder dos seus olhos e das suas mãos. Com elas imobilizava as outras crianças.

Ficha Técnica

Coordenador António Cabrita
Coordenador da Revista de Poesia Gastão Cruz
Coordenador de Ideias e Leituras João Pisarro
Colaborador permanente Guilherme Ismael